

Agnossos

Tiago Santos Lima

I

B a b y S q u i d

Pensai em um número,
duplicai-o, triplicai-o,
elevai-o ao quadrado. E cancelai-o.

Louis MacNeice

EU NÃO SABIA E AINDA NÃO DESCOBRI em que estava pensando quando comprei a fábrica. Comprar, dizer comprar, talvez isso seja um exagero. Mesmo assim o direi, eu não sabia em que estava pensando nem o que fazia nem por que comprei a fábrica, e chegada a hora, quando eles estendem os documentos e balançam uma caneta diante do seu nariz e os olhos deles se acendem, desconfiei de sua procedência apertando a minha própria mão, a direita, contra a esquerda, ambas escondidas da vista (dele) pelo tronco. É um hábito de que não me desfarei tão fácil, este apertar. Uma mão contra a outra, às vezes, no mais das vezes outras coisas, pé contra pé caso sentado, espaldas contra espaldares, batatas da perna contra tornozelos, cabeça contra a mesa, unhas contra os lábios e por aí vai, por aí vai. As particularidades do dia, o que dizer das particularidades do dia, naquele dia, e em particular das meteorológicas? A mim, que nunca levei o dia na pessoal, me pareciam bastante satisfatórias. Em dias normais, eu estaria contente. Mas como a minha antiga esposa, que se enche de augúrios toda vez que vê espíritos, tendo visto vários ontem mesmo e muito provavelmente mais um punhado hoje, eu já não me sinto exatamente bem ao encarar de frente olhos amarelos, que Deus me perdoe, e ainda menos se o diabo do dono deles vem e me propõe cuidar da fábrica que pertenceu ao meu pai e ao pai dele antes dele e ao pai dele antes dele ad infinitum, espero que compreensivelmente, arranjando assim um meio dentre tantos possíveis para manter o status quo. O empresário médio me compreenderá. E justo eu, que jamais entrara numa fábrica numa vida toda, era presenteado agora com essa fábrica a preço de banana, eu inimigo número um da era industrial. Séculos de desavença, desde antes de nascer portanto, brigando contra a poluição e o barulho e as bonecas de materiais tóxicos que

você encontra espalhadas por um livro de Bolaño, no deserto de Sonora, ou em Pynchon, seja em Nova York ou Dresden, os olhinhos rolando dentro da cabeça sobre o tronco de espuma, na roda-gigante em Chernobyl. Vestindo azul ou algo assim.

Em dias normais eu estaria bem mais preocupado, brandindo os meus velhos instrumentos de oposição certamente, talvez contra o vento. Definitivamente cansado no entanto, às vezes sedento, brandindo os meus instrumentos contra o vento quando podia aplicá-los à fábrica se assim quisesse, eu não queria. É possível, não o nego, que, se tivesse me aplicado na restauração e subsequente manutenção periódica da fábrica, as coisas tivessem dado mais certo, caso eu fosse bem-sucedido. Seria no entanto uma surpresa. Será difícil dizer, repito, que comprei a fábrica. Um exagero. O preço, repito, era baixo. A fábrica, repito, tradição de família. E lá estava eu no meio disso, queixo caído à altura do chão mais ou menos, agora assinando o papel, agora indo a trote ao banheiro para me agarrar às bordas peroladas da privada e vomitar.

Parabéns, eu disse a mim mesmo. Você é rico agora.

No mais dos dias é meu costume descansar. Apóio a cabeça numa pedra no meio da rua ou seja lá onde estiver, meu sono é fácil, e caio no sono bem ali, batata. Dormi duas vezes com uma amiga sobre uma mesa de mármore à beira de uma avenida. Não estou me gabando, dormi mesmo. Creio que, em horário comercial, destinavam a mesa ao xadrez. Eram quatro ou cinco da manhã e nós andáramos a noite toda, de modo que, não resistindo mais, bebemos um suco sintético de laranja e dormimos. Faz tanto tempo que dizer é estranho, nem me lembro mais... Dormi com estranhos também, é claro, quando foi necessário, quando apenas

calhávamos de estar ali e acabar dormindo, como crianças ou irmãos, sob as estrelas escondidas atrás da noite na cidade. Não é o meu esporte favorito, esse dormir-com-estranhos, no entanto eu roncava e tirava prazer imenso disso toda vez. O segredo para tirar prazer das coisas, qual será ele?, muitas pessoas me perguntam. Eu sei a resposta, e estou dizendo ela agora mesmo. Mas não vou dizer em voz alta, senão capaz que me prendam. Eles que tentem. Não vou nem falar mais. E foi assim que eu conheci ou conhecia desde sempre e por alguma conspiração cósmica tinha esquecido que conhecia um homem... ãh... de cintos e gravata finos... camisa abotoada... sapatos de couro legítimo... calças jeans... chapéu. Ele estava sentado do meu lado quando acordei. Sem cerimônias, ele me disse que gostava muito do que eu estava fazendo. Eu fiquei quieto, na humildade. Sério mesmo. Não quero me gabar, veja bem. Se sei dormir melhor que os outros é devido a uma inclinação de caráter aliada à prática intensiva, e mesmo que isso acabe me ajudando a permanecer acordado quando permanecer acordado parece ser relevante, não quero dizer que sou melhor do que ninguém, nunca. Até esse dia creio até que nunca tinha pensado em mim mesmo em termos humanos. Quer dizer, eu pensava em coisas em termos humanos, mas em mim, quando eu ia pensar, então ficava inclinado a me enxergar menos como um ser humano e mais como outra coisa, ou então como nada, nem nuvem branca nenhuma. Mas geralmente, por algum motivo obscuro e alheio à minha vontade, me imaginava como uma lagosta. Nem pergunte. E quando vem um homem... de chapéu... óculos escuros... etc.... dizendo que você faz algo bem, mesmo que esse algo não seja distintamente humano, pois pode ser tão bem feito ou até melhor por animais que sequer se aplicam (eu não me aplicava) nisso... Aí a coisa é diferente. Sonolento como estava, só consegui reparar direito na cara dele quando me dei por vencido, era difícil largar o sono, eu estava além disso numa posição inconveniente, braços dormentes atrás do corpo e blusão puxado por cima da cabeça, que se escondia entre as pernas, e quando reparei, se é que reparei, só depreendi uma sensação que não me atrevo a chamar de maldade mas quase,

quase, perto disso, como se o homem que vejo em sonhos da época da compra da fábrica tivesse se sobreposto ao rosto sem dúvida mais benevolente deste e dominado o espaço reservado tradicionalmente aos traços ditos fenotípicos com a sua sofreguidão e desespero mais fáusticos que qualquer outra coisa. Agora, se você é esperto e já se dedicou a pensar por um segundo que seja em Mefistófeles, você deve ter pensado nele agora, com esse homem aparecendo e tudo. Eu sei que eu pensei. Daí que, se você for esperto, precisa aprender (como eu preciso, ou preciso me convencer de que preciso) uma lição valiosa para muito além do universo literário: as pessoas geralmente não são representações de personagens. Eu sei que é difícil colocar isso na cabeça depois de tantos anos de cinema e literatura e quadrinhos e histórias veiculadas em diferentes tipos de mídia que porventura venham a me escapar agora como sei que me escapam (podia ter mencionado o teatro por exemplo), mas. Não. Nem todo Diabo é Mefistófeles. Nem todo Fomentador é Fausto. A Psicologia nos ajuda muito nesse sentido, explicando toda e qualquer coisa através de uma ficção ou outra, não saberia dizer exatamente qual, são todas muito parecidas. Teria portanto algo a ver com os seus pais. Eu afugentei o homem pelo que me lembro, pois ele não era, se não me engano, senão um agente do governo, talvez um policial, talvez um guarda de trânsito, e seguramente tentava se aproximar de mim para saber se eu portava drogas e se não, por que outro motivo digno de um “personagem” estivera dormindo naquela mesa ou banco, creio que era um banco dessa vez. Estava sozinho, disso me lembro muito bem, e não arrefeci nas minhas intenções. Continuei a dormir até o meio-dia, quando o sol começa a tostar os miolos e os sonhos adquirem o odor característico de queijo defumado. Curiosamente, acordei acompanhado, o que não significa que.

Teria me perguntado o que acontecera ao homem, tentando me lembrar de traços distintivos ou sorrisos particularmente irônicos, pontapés, imprecações e coisas do gênero, o que é de se esperar da espécie humana, se tivesse prestado atenção a isso, o que é dizer, se

tivesse me importado. Desnecessário será dizer que levava a cabeça reclinada, posição inconveniente, como as histórias. Isso foi na época em que algumas pessoas andavam andando... Não. Algumas pessoas andavam se excitando. Com algumas coisas ou outras. Não. Algumas pessoas andavam se excitando com algumas idéias, a maior parte delas, idéias e pessoas, comuns, a maior parte da excitação barata, e o paroxismo era decididamente, se não vigente, iminente. Dentre essas pessoas, lá estava eu. Dentre essas idéias, lá estava a minha. Agora sim. Fui convidado a defendê-la no exterior, por ser, obviamente, uma das menos incapacitadas delas (pessoas), embarquei, treze ou quinze horas depois desembarquei, segui para o hotel, dormi (baba escorrendo), acordei, defendi a idéia mais tarde naquele mesmo dia e voltei sem sequer ter visto a estátua do Peter Pan. Viajar é bom. Não digo que seja bom, mas é bom para mudar de ares. Eu viajo sempre que posso, levando as minhas novas idéias à defesa em cidades estranhas, cidades que não gostam de novas idéias, idéias que não se compatibilizam com cidades estranhas, cidades hostis a idéias mesmo as mais ultrapassadas, idéias contrárias à dinâmica das cidades novas e antigas, européias e americanas e latino-americanas e bálticas e assim por diante, assim por diante, todas elas, idéias e pessoas e cidades, ignorantes umas das outras, naturalmente, e todas juntas de mim. A minha cidade, por sua vez, ignora-me apenas de leve, com uma ignorância própria aos entes de concreto, e eu a ela – a ponto de não saber qual ela é, e de ela não saber (certifico-me disto diariamente) quem eu sou.

Mas isso não é importante, senão a lula. Adotei a lula em outra cidade, numa dessas viagens. Era o intervalo entre uma panificadora e uma locadora de filmes piratas. Eu tinha acabado de almoçar no restaurante chinês. O meu hotel ficava a duas quadras dali, na sobreloja de uma boate de strip que ocupava o térreo e boa parte do subterrâneo, estendendo-se abaixo, provavelmente, até o núcleo magmático do planeta. Na esquina havia uma loja de produtos eletrônicos. Do outro lado da rua, como se a quadra não tivesse coisa melhor a fazer

que se rebaixar e elevar à vontade, uma clareira deixava entrever a placa luminosa do restaurante, toda ela composta por ideogramas que eu não consegui e jamais conseguirei ler mas que significavam, segundo o garçom que eu viria a chamar de meu, Tasty Chinese Food. Isso não está certo. Depois de andar as duas quadras, atentando sempre aos desvios geográficos que uma mudança de perspectiva impõe, fui parar lá, onde almocei um prato que, mais uma vez na tradução do meu garçom, levava o nome de Baby Squid. What is a squid? Eu perguntei. O meu inglês é bastante deficiente. Mighty animal from the seas, ele respondeu. Eight big arms, continuou. Coming out of the head, acrescentou. Big eyes, dark eyes, dark thing you throw at smaller fish, e aqui eu já sabia do que se tratava. Rematou, Eat smaller fish. Eat you. Good baby fish. Tender. Salty. Have no beak, no bones. Is very soft. Good.

As exortações de um comerciante!

Fui de lula. O meu colega (confluência das sobrancelhas, dedo em riste, óculos de aros grossos escondendo uns olhos vazios como os meus) foi de tartaruga.

Havia outros animais rondando pelo recinto. Lagostas. Camarões. Cachorros. Macacos. Coelhos. Mariscos. Bezerros. Todos eles enrolados em bandeiras do país em questão. Olhavam pateticamente para nós, os fregueses. Varavam os nossos olhos com os seus, que seriam efetivamente varados dentro de minutos, horas ou dias. Senti o meu coração se expandir até as suas fibras roçarem contra o esterno. Contra a minha vontade, vi a minha mão direita alcançar o topo da cabeça de um bode e lhe aplicar um cafuné. Ao que um chinês gordo me disse para parar. Havia um polvo também, mas nesse eu não toquei, com medo do bico.

A tartaruga e a lula foram trazidas à mesa pelo meu garçom. É incrível como, apesar de chinês, ele parecia o Stephen Fry. A tartaruga estava viva. A lula, apenas meio viva.

Eu e o meu colega tínhamos costeletas à moda dos anos que passaram há algumas décadas, vá saber quais. As caixas de som (brancas, fibras rasgadas) dependuradas nos quatro

cantos da sala pequena tocavam uma canção popular à época, à nossa época, vá saber qual. À medida que os segundos passavam, encarando a lula, pude criar coragem suficiente para lhe dirigir algumas palavras. Não sei se ela entendeu. Coloquei-a então embaixo do braço, comi a tartaruga do meu colega (que desaparecera misteriosamente) e andei com a lula porta afora, noite estranha adentro. Que aventuras não nos esperariam, perguntei-me. E onde. Se nada disso era certo, não cabia sequer me perguntar Quando. O chinês gordo gesticulava largamente atrás, os bigodes semoventes. Caía uma garoa finíssima. As pessoas não falavam a minha língua. Tive dificuldades em convencer a recepcionista a me deixar subir com a lula para o quarto, depois do que, esteja visto, marcamos um encontro romântico no mesmo, para mais tarde, muito mais tarde, dias mais tarde, quando já não estaria ali e não teria portanto que me preocupar com que roupas vestir e que piadas sacar do meu repertório atualmente esvaziado por completo de piadas, com o cheiro certo para se ter, com a comida a comer caso se desejasse atingir de fato o objetivo (qual?), pizza talvez, não, não havia pizzas, sushi talvez, ou alguma massa, boa opção, rica em possibilidades e carboidratos – quando, numa palavra, estaria (sei em retrospecto) jantando é com a lula, no meu apartamento, na minha cidade ou na minha casa. Rápido me coloquei a par das capacidades daquele molusco. Falava inglês, francês, espanhol (sotaques vários), catalão, alemão, português (inclusive a variante portuguesa), italiano, mandarim (dialecto a especificar), japonês, russo, árabe, americano e mais uma dezena de línguas mortas. Muito rica. Muito especial. Tinha oito braços, mais dois – estes munidos de bicos semelhantes ao do papagaio envolvendo uma língua óssea afiada. Eu tenho dois – mais duas pernas. Concluía os ensinamentos fundamental, médio e superior, tendo se dedicado, nos últimos anos, a pós-graduações as mais interessantes. Eu cursara o Fisk. Tinha muitas amantes. Eu tinha um computador e um peixe e um senhor e um cachorro e, mais recentemente, uma lula. Eu estava em desvantagem, fosse qual fosse o ponto de vista adotado. Não quero me comparar, mas é a verdade. No entanto ela não possuía essa luz amarela suave

e perene emanando do peito, essa bênção do meu amigo cujo nome não lembro, um verdadeiro mágico, o primeiro a me apresentar às idéias que eu andava regurgitando por aquela época e o último a deixar de crer em mim, um verdadeiro ilusionista, ou seja, crê até hoje, o pobrezinho. Uma luz amarela emanando do meu peito em noites de frio, embaixo do cobertor. Iluminando becos de restaurantes paquistaneses. Colocando as coisas no lugar. Uma luz amarela emanando do meu peito quando chega a hora de fazer o que é preciso fazer e que diz Pare, está errado, segundo quem, não importa, está errado, está errado errado errado errado...

Fim. Não me acredito capaz de continuar. A não ser que alguma inspiração tente se insinuar nos próximos quinze minutos, vou me matar. Não, não tenho coragem. Vou pensar em me matar. Pensando bem, isso daria uma boa história, eu penso. Continuo, Sim, uma boa história, começando com uma nuvem, uma nuvem voando no céu da mesma cidade de antes, mesma de sempre, uma cidade no exterior em que as pessoas olham para mim enviesado enquanto carrego a lula até o hotel, deposito-a sobre o sofá do hall de entrada, peço as chaves do meu quarto, flerto com a atendente, que é uma indiana simpática três vezes horizontalmente maior, as pessoas olhando enviesado enquanto isso tudo acontece, claro está, acumuladas à porta da frente, causando um tumulto que logo a polícia local vem dissipar com jatos de mangueira, no processo arrancando o olho de uma garotinha com a cara do boneco assassino.

Sim, acho que posso continuar agora. Penso que estou vivo. A história é melhor que aquela outra que a sua mãe me contou. Comecei, perceba, a desconfiar da sua mãe. Ela me espiava pela fechadura da porta enquanto eu praticava atividades revestidas de formas bem divergentes das formas com que as mães estão acostumadas. Eu andava meio abatido. Não

queria contato com as mães. Mas depois travei contatos com outras mães, mães de outras pessoas, com as suas mãos e bumbuns, e descobri que o problema estava mesmo era com a sua mãe. Mas depois, meses depois, talvez anos, descobri que não era nem com a sua mãe o problema. Ela passou a me agradar, e eu a agradava de volta. Fazia-me bolos, por exemplo, enquanto eu lhe louvava os dotes culinários. Tecia-me elogios toda vez que eu tomava banho. Peguei gosto por tomar banho à época que me tornei amigo da sua mãe e das amigas dela. Mas nem tudo eram flores. Porque foi também aí que tomei conhecimento do problema. Acreditava, de início, que ele estava em mim. Procurei por tudo, em médicos os mais renomados, camareiras as mais conceituadas, barrancos os mais enlameados, clareiras as mais desabitadas, animais os mais invertebrados e pessoas as mais desconfiadas, sem encontrar, em mim, problema algum. Comecei a acreditar então que não se tratava de mim em absoluto, não, era antes relativo à cidade, aos meus pais, aos meus filhos, aos meus animais ou aos meus amigos, o problema estava alhures, eu andava pelas ruas de cabeça baixa procurando dentro sem achar, olhava para cima e nada via além de rostos em que problemas descansavam com as suas possibilidades, o problema pairava como uma grande nuvem grisalha que não chove, o problema estava talvez no chão, no vento encanado, nos empregados que discutiam em frente ao mercado ou dentro do mercado, quem sabe no cachorro, hmm, ele parece problemático, é isso, o problema estava o tempo todo não em mim, mas no cachorro ou em infinitas outras coisas, mil pequenas coisas emitindo mil pequenos sinais invisíveis, mil pequenas coisas de comer ou de beber ou de trepar ou de jogar fora assim que saem da caixa, mil pequenas coisas a que ninguém dá importância mas podem destruir vidas, mil pequenas coisas onde fui descobrir mais tarde, naturalmente, que o problema não estava, porque não estava senão em mim. Fiquei tão desapontado que vomitei. Pedi perdão às coisas, por ter suscitado delas. A sua mãe ficou feliz. Erigi um monumento à santíssima boa vontade do mundo (a boa vontade é a única coisa irrestritamente boa, e tão boa quanto inconcebível,

C.Q.D.) e fui ao médico, pois me sentia indisposto. Com efeito, vomitava demais. Saí de lá com um pé tão grande estampado nos fundilhos quanto profunda era a poça de bile que derramei estrategicamente no canto esquerdo-noroeste do lavabo. Antes de ser chutado tive tempo para contemplar as pinturas expostas na recepção. Crianças loiras felizes acariciadas sugestivamente pelos pais. Cachorros não menos problemáticos. Pradarias cujo ponto de fuga fugiu. Palhaços segurando pirulitos contra um fundo negro. Essa espécie de coisa. Tudo pintado num estilo estritamente impressionista. Dava para ver o pintor respingando a tinta direto do rolo. O ajudante do lado, entoando interminavelmente, Issso é que é arte em?, quem diria?, vamosss chamar o Fantássstico?

Eu não me esqueci da lula. Ainda não. Algum deus me perdoe. Mas, antes, vamos caracterizar a cidade.

A minha cidade é grande, isso é certo. Pela ausência de areia nas ruas, bem como do cheiro de esgoto e do ruído de Atlântida afundando, será razoável intuir que não se trata de uma cidade costeira. A maior parte das pessoas não fala espanhol, donde infiro que não estou na fronteira nem com o Paraguai, nem com a Bolívia, nem com a Venezuela, nem com a Espanha, nem com... Há poucos negros. Não pode ser a África, a menos que seja um bairro originalmente branco da época do apartheid. Ou seja, agora. Não, agora não é antes. Agora não é senão agora. Sob pena de estar metido numa novela de época, a luz chapada padronizando feições, Reinaldo Gianecchini profanando memórias. Tudo somado, o ano que passou foi bom. Cheio de conversas. Muita coisa aconteceu. Não me arrependo de nada. Estou em processo de me matar, contudo. Disso eu posso facilmente me esquecer, se não prestar bastante atenção.

Por que me mataria? Já esqueci. Chega também de caracterizar a cidade. Desse jogo de adivinhações, demorariamos pelo menos até o fim das próximas quatro reencarnações para nos livrarmos, supondo que nós somos eu e mais alguém além de mim, o que não é certo. Nós somos eu. Eu sou eu, circunstancialmente. Disso sei bem. Para ilustrar, vou revelar algumas informações sobre mim. Tenho uma casa. Não vou negar isso, é verdade. Tenho uma casa grande, em algum lugar não muito longe, nunca muito longe, embora a pouca distância entre qualquer ponto em que eu calhe de estar e outro em que ela esteja sirva apenas para sedimentar o estranhamento que sinto em relação a ela. As coisas que são nossas e esquecemos para depois, quando já não se é o mesmo, encontrá-las iguais antigamente e perfeitas nesse sentido (não envelhecem, as rachaduras no concreto são apenas questão de estilo, os ruídos noturnos aumentados em número mas não em intensidade), são essas as que nos são realmente estranhas, talvez na medida em que, para que haja estranhamento, é preciso haver qualquer grau de *reconhecimento*, aproximar para afastar, rir para chorar, você entendeu. Se não costumo dormir nela, é de se supor que tenho razões para isso. Em algum momento, é de se pensar, afastar-me se tornou imprescindível. Alguma tragédia dentro, quem sabe. Alguma coisa envolvendo a família que nunca tive, exceto pela esposa, pela antiga esposa a que me refiro sempre com mais afeto que rancor, para não falar em nostalgia. Não obstante, se há razões eu as desconheço, e da minha parte não acredito de antemão nessa hipótese. Questão de coerência, posto que não acredito em razão. É claro que o afastamento se produziu em algum momento, a partir de determinado dia ou hora ou minuto algo se me ocorreu que me fez desencanar da idéia de voltar, ou então nem foi questão de desencanar, apenas de não me importar mais em voltar, um dar-na-mesma que me tomou de assalto ou aos poucos, grande ou pequeno, contínuo ou intermitente, conscientemente ou não, mais provavelmente não, e que me fez, ou eu me fiz, recostar a cabeça contra tal e tal pedra, tal e tal dia, as circunstâncias devem ser desconsideradas, tendo me decidido tácita ou

expressamente a nunca mais voltar, nunca mais ver a casa e as rachaduras e a mulher dentro, e, se houve alguma tragédia, jamais tornar a me lembrar dela pela via mais difícil, a do esquecimento. Pelo menos até agora, não pensei mais na casa. Falar é diferente. Fala-se na casa e se quer me acusar de pensar na casa, mas isso seria bobagem, eu falo na casa como quem fala no almoço de ontem depois de ter inventado o prato a fim de dar a conversa por encerrada. Lembro-me e também isso não é pensar, lembro-me ou antes talvez deva dizer a casa me lembra um amigo que tive, dentre tantos outros este se destaca, era um bom homem, um bom amigo, mas morreu. Fim da lembrança. É assim que as coisas são. São todas iguais a si mesmas, quero dizer. Nesse sentido ainda, é claro que poderia mentir, poderia dizer que pensei na casa e no meu amigo, que lembrança e pensamento são a mesma e única coisa e portanto não merecem o trabalho implicado em designar o ato com palavras distintas. Poderia mentir e até não estaria fora do hábito, eu costumo mentir com frequência, não importa a quem, sobre o quê, importa apenas o que eu faço, o que eu não deixo de fazer, que é o que é, é o que as coisas são e não diferente. Por isso se chama mentira se eu digo que pensei na casa quando penso que não pensei e se lembro de algo em que na verdade estive estritamente pensando por algum tempo, entre um ônibus e outro, à espera na fila do mercado ou dormindo sobre uma mesa, é tudo a mesma coisa, o que importa é que tenha acontecido, se digo que aconteceu é porque eu disse que aconteceu e o meu estado de espírito designa se é verdade ou mentira, o que dá na mesma mas é diferente, pelo menos para mim, que sou ético. Por exemplo. Encontrei certa vez um homem na rua, um homem diferente do anterior, que tinha o costume de falar sozinho, isso é fato, e falava sozinho de fato, contando-se histórias reais ou falsas ou meramente mentiras, comentando acontecimentos imediatos, enfim, o exemplo vai falar melhor:

—A gente fala no meio da rua e vem passando um engravatado que é como se a gente fosse doente vai passando o engravatado olhando desconfiado o engravatado não pode falar

não vai passando passando dá vontade de cortar o pescoço dele por quê? vai passando o engravatado ela disse não que é isso não precisa cortar o pescoço tá certo que dá vontade de cortar o pescoço vai passando o engravatado mas por quê pra quê? cortar o pescoço ela disse, precisa não, precisa não.

Ora, é lógico que eu me aproximei dele e, com as mãos em formato de concha, pedi uma esmola, uma indulgência ínfima diante desse poço de sabedoria, que não disfarçava a impossibilidade de diferenciar as coisas que acontecem das que não acontecem e até, indo um pouco adiante nesse sentido, as próprias impressões sobre o que nunca aconteceu nem poderia ter acontecido. Além do mais nos unia o fato de ambos morarmos na rua, embora eu tivesse uma casa e ele eu duvido. Talvez gostasse de ter uma casa, almejasse ter uma casa, mas ter uma casa, isso que chamamos de *casa própria* e não passa, em última análise, de um monte de material de construção muito bem organizado sobre um aterro sanitário, isso eu duvido que tivesse, em dias bons duvido que eu mesmo tenha, ainda mais, que tenha querido ter, trabalhado para isso, empregado o meu tempo em troca disso, tão, tão pouco, para tantos o suficiente. Mas para mim não, e nem a idéia ilusória de uma casa se lhe afigurava digna de tanto, depreendo do seu comportamento – ao homem, que, afinal de contas, não cortava o pescoço de ninguém. Tornando-me amigo dele, contou-me que se prostrava todas as manhãs diante da banca de jornais daquela verdadeira alameda e ali ficava até as cinco ou seis da tarde vendendo figos. (No entanto nunca vi figo algum em sua presença ou arredores, nem o ouvi propagandear os seus serviços como costumam fazer os vendedores mais consumados da região central da cidade – alguns, munidos de odiosos microfones conectados a amplificadores horrendos, me dão tanto nos nervos, quando eu passo por eles num dia quente depois de longo e frutífero vagar, carregando ou não sacolas, que esses sim mereciam ter o pescoço cortado). Gostava de futebol, torcia para determinado time, tinha duas filhas pouco amorosas ou que simplesmente não gostavam de gastar a imensa reserva de libido da

juventude com ele, nele, compreensivelmente, ou quase, e não fez menção ao fato de que, quinze segundos passados em silêncio, começava a falar sozinho, a cantarolar, a xingar, a comentar a vida dos passantes, que adivinhava ou inventava pintando-as sempre com as cores mais vivas, misturando as cores dos outros (cores de cidade grande) às suas, à sua aquarela de tons expressionistas pré-fabricados, tomada emprestada, digamos, às mais numerosas e originais possibilidades tonais de um pintor como Cézanne ou Vermeer. Era este homem enfim o sumo da sinceridade, uma verdadeira sinceridade ambulante, comum e vulgar e inofensiva em seus próprios termos, embora quem passasse assumisse a expressão de quem se torna auto-consciente ou talvez consciente do arredor, do entorno até então vazio, fruto do medo causado por aqueles que dizem a verdade de que a verdade seja dita no momento errado, como se houvesse momento certo e uma vida sem verdade a todo tempo, verdade que se afirma e se repete incessantemente, pudesse ser algo mais que terminalmente condenável (não pode).

Estivemos discutindo a questão um dia, muito antes de seu desaparecimento prolongado (viajara ao interior, me disse mais tarde, para comprar figos), mas a discussão foi pouco frutífera para mim, não digo para ele, que entende, acredito, as coisas de uma maneira diferente, de uma maneira inacessível a quem não atingiu ainda o estado de graça em que as coisas verdadeiras se dão. Depois, inspirado pelo seu exemplo, caminhei até o Mercado Municipal, o único local da cidade em que se vendem cerejas, e comprei cerejas para o café da manhã. Estendi o meu pano sobre uma rocha plana de dois metros de largura por um de comprimento sustentada alguns centímetros acima do chão por outra pedra de dimensões menos precisas e me preparei para comer, pois estava faminto. Ah, se estava.

Perdoem-me se quero mudar de assunto agora. Mais tarde ocorrerá outra vez, dá no mesmo. O fato é que não agüentava mais tanta sentenciosidade. O episódio que narrarei não é

menos verdadeiro, isso nunca, pois aconteceu exatamente como narrarei, na medida do possível.

—Tendo estendido o meu pano sobre a mencionada rocha com o melhor humor que a minha condição permite, ergui a vista. Mas não consigo sustentá-la por muito tempo, não contra o sol, de modo que foi cair segundos depois sobre uma loja de fogos de artifício famosa por ter explodido tantas vezes e sempre se recuperado milagrosamente dias depois, talvez por se localizar a poucas quadras do corpo de bombeiros. Era possível, de vez em quando, ouvir as sirenes dos carros saindo para combater o fogo que pessoas irresponsáveis haviam acabado de atear à própria casa, decerto numa tentativa de preparar um asqueroso filé à milanesa ou algo assim. As cerejas estavam deliciosas. Comia-as segundo o meu costume, que passarei a relatar. Uma por uma. Tirando do galho, uma por uma. Tão vermelhas e suculentas. Depositando-as na boca, uma por uma. Vermelhas e suculentas. Assim é que costumo comer cerejas, porque são baratas. De resto não creio haver outro modo de comer cerejas ou outras frutas vermelhas e pequenas (mencionaria aqui morangos, no entanto morangos não são frutas, ao contrário dos tomates, que por outro lado não se dão a serem enfiados inteiros na boca com facilidade). Enquanto isso pensava em fogos de artifício, particularmente nos verdes que se explodem em todas as direções. Aquilo em que se pensa, evitarei mencioná-lo daqui para frente, uma vez que é impossível transcrever o pensamento de forma fiel. Mas por enquanto pensava em fogos de artifício diante do Mercado Municipal, olhando para a loja de fogos de artifício do outro lado da rua e ouvindo sirenes. Então dentro de poucos segundos de forte concentração me lancei numa fantasia dessas que tenho às horas mais estranhas e são vívidas como flashbacks de junkies rematados, a comparação não é boa. E se eu tivesse uma casa realmente? Pois estava lá dentro, certo dia, era provavelmente a virada do ano, fogos de artifício pontilhando o céu... a minha família de pé na sacada... do outro lado da rua um terreno baldio... outdoors... bacalhau... assim a minha fantasia, e logo

depois voltei aonde sempre estivera, comendo cerejas com o olhar vidrado na fachada da loja de fogos de artifício. A casa não era a minha, não sei se já mencionei isso. Isto é, era a de outra pessoa. Talvez outra pessoa que eu fui, em algum lugar, alguma vez. A sacada dava vista a um lago. A superfície do lago era como todas as outras, refletia o que se lhe dava a refletir, a saber, fogos de artifício. Talvez as superfícies reflitam com razão, lembro ter raciocinado rapidamente isso, uma vez que mostram não o que estão lá para esconder e em sua eficácia inocente acabam revelando o que já sabemos, o que está explodindo logo acima e vemos a olhos nus, mesmo no ano novo. Quando voltei a mim uma luz de fim de tarde me cegava, esquecera outra vez de fechar os olhos. Queimaduras da córnea se produzem assim. Ou seriam da retina? De todo modo, comia cerejas depositadas agora sobre a mesa, metade dentro da minha barriga, ainda ouvindo sirenes e olhando para a loja de fogos de artifício. Era a luz do sol poente, refletida por uma das janelas, que me cegava. Andei até a loja e pedi que tomassem alguma providência, eu não merecia ser tratado daquela maneira etc., ao que fui chutado para fora pelo dono, um senhor alemão de noventa anos que eu poderia ter chutado muito antes de ser expulso, se assim quisesse, mas não o fiz em consideração à sua família, que assistia a cena por entre as frestas de portas chamuscadas e rechamuscadas e com o tempo rechamuscadas outra vez. Foi então que percebi, eles eram fantasmas, todos eles, de modo que estava tudo bem, eu não havia realmente sido chutado para fora da loja de ninguém, impossível seria terem sobrevivido a tantas explosões... a não ser que fossem uma família diferente da original. Mas não pareciam. Evidente que não descarto a possibilidade de ser eu o fantasma, eu o morto, eu quem interfere no mundo dos vivos com dedos ectoplasmáticos e imprecações dirigidas a quem não me ouve, mas assim não se vive, eu não vivo, se eu fosse um fantasma por acaso estaria tão preocupado com o problema de viver?, eu me pergunto. E o que segue é silêncio. Como é de se perceber, ando um pouco alheio ao andamento das questões metafísicas. Acompanhava a comunidade científica em minha juventude, creio, com

o espírito que os jovens afetam quando acabam de sair da faculdade, em mim verdadeiro como tudo mais, mas isso é o passado. Creio no entanto que, se já não chegaram lá, os cientistas logo darão jeito de provar por A mais B que fantasmas existem, que quem sabe nós sejamos eles ou hoje ou amanhã –, eu disse.

Tenho também um peixe, um senhor, um cachorro, uma criança e um computador. Salvo engano, o peixe está na piscina. Do quarto no segundo andar, cuja janela dá para o peixe, deve chegar um ruído ventilar de computador superaquecendo. A máquina-peixe está ligada. Eu acho. Eu já me enganei a esse respeito antes. Não creio que seja o caso agora, com esse ruído e tudo. A criança (que pode ser só o reflexo de uma criança) está sentada à borda da piscina, a cabeça entre as mãos, as pernas gordinhas, os olhos vazios mirando a janela. Comparada ao peixe, é bastante pequena. Veste um maiô vermelho, uma touca vermelha de natação, a boca é só um risco e o nariz não se vê. De resto, é pálida como se fosse feita de porcelana. Creio que vou tentar parar de traçar traços. Se possível, vou suprimir igualmente as minhas próprias opiniões a respeito do maior número de coisas possível. O peixe está ligado. Da janela vem um ruído de ventilador que pode ser do computador, esta outra máquina. O senhor se move com gestos mecânicos, os óculos brilham sob o sol qual estrela cadente em pleno meio-dia, as minhas mãos tremem... Sobre isso, eu não saberia sequer o que dizer, se me perguntassem. Faz sentido, portanto. Eu estou escondido em algum lugar fora da cena, olhando para dentro. Se chamassem meu nome, talvez não o reconhecesse. Ou talvez, vai saber, teriam chamado o nome errado, o nome da criança ou o do peixe, ou até o do senhor, que, me parece, não é muito diferente do meu, embora eu não possa responder por nada disso. Não sendo caso de falar de responsabilidade aqui. Simplesmente não é o caso.

Aquele dia, eu tinha acordado. Ia dizer que tinha acordado cedo. Mas o que é cedo, para mim? Certamente não de madrugada. Quando o sol se levanta, é aí que as possibilidades do cedo começam a nascer. Mas não imediatamente, e nem de uma hora para outra, como quem pronuncia (por entre lábios fartos e rosados) melífluamente. Depois de acordar e de tomar o café e de escovar os dentes e de ir para o trabalho e de voltar e de cumprimentar o peixe e a criança e o cachorro e o senhor, tudo isso com o melhor humor que a minha condição permite, eu não vi opção senão ir viajar, e no caminho, naturalmente, adotei uma lula. Quero deixar claro um certo número de fatores que podem escurecer o relato caso eu deixe de abordá-los. Reformular. Antes de tudo, quero deixar uma coisa clara. Eu tenho dinheiro. Podia ter comprado uma lula, com o meu dinheiro, proveniente do meu salário, proveniente do meu trabalho. É de espantar que eu tenha um emprego. Mas não por isso menos verdade. Se escolhi adotar a lula, foi por compaixão. Isso em detrimento de comprar. Pois poderia ter adotado uma tartaruga, ou um gato, ou um rinoceronte. Quanto à predileção pela lula, só posso creditá-la a um traço molusco de caráter que eu tenha no meu sem suspeitar, jamais chegando a sequer uma coisa pouca como tocar a derradeira ventosa do seu oitavo tentáculo. Desde então (tendo despejado a lula na piscina com grande estrondo) tenho me dedicado a um sem-número de atividades não complementares entre si. Não se relacionam minimamente tampouco.

A criança se mexe. Não se trata de uma opinião. Os seus bracinhos, se você fixá-los bem, e por um longo período de tempo, flamejam contra o verde-abacate da grama, qual bandeira nacional. Isso não foi uma comparação. O senhor vem e me diz alguma coisa. Eu sorrio. O cachorro, que escuta atento, sorri comigo. O cachorro estivera dormindo na sua casinha simpática. A sua casinha simpática consiste num buraco no concreto da casa de outro modo aparentemente um só bloco de concreto maciço. Ele dormia com o corpo enfiado no buraco, a cabeça para fora, repousada sobre os azulejos brancos e pretos um degrau abaixo.

Diversas vezes já espantara os donos da casa com o seu focinho preto e as suas orelhas pretas. Tão preto era que, não raro, não se podia vê-lo. Ele me atrapalhou a consciência de hábito tão tranqüila. Acossada, no entanto, lança uma tinta preta malcheirosa. A vítima fica atordoada. Ou ensimesmada. Tentando entender. Não alcançando. Nisso eu lembro um molusco, e em meus olhos, que são negros e maiores que os dos homens comuns.

O cachorro acordara, portanto. A máquina está ligada. Você não dimensiona a importância disso. Os ladrilhos da piscina refletem mil crianças, e o peixe desliza por cima, sem se importar. É de se crer que não vê. Mas eu já estive enganado sobre isso também. Um senhor muito menor que eu aparece, diz qualquer coisa para o cachorro. O cachorro é preto. O senhor é branco. A criança é tão branca quanto (ou até mais que) o senhor.

Na minha vida, diversas vezes já me aconteceu de estar ocupado com algo e me distrair, deixar de me ocupar por alguns segundos, como quem aproveita uma detestável estadia no litoral, cheia de areia e águas-vivas e micróbios, para ver, no horizonte da despreocupação, emergirem formas de todo ausentes de sentido, se não visual, pelo menos semântico ou textual. É o caso dos moluscos, por exemplo. Noventa por cento dos acidentes são causados por gatos, postes, vendavais e enchentes, de modo que, todos esses fatores eliminados, pouca margem sobraria à sorte, ou devo dizer azar? Mas eu me desvio. Ao longe, diferente de um cisne negro, fenômeno raro, a lula não se assemelha a coisa nenhuma. Ou devo dizer polvo? De modo que, quando assume, finalmente, feições de lula (ou polvo), é-nos possível dizer que se trata, das duas, uma: ou lula, ou polvo. Mas é como mencionado acima, eu não prestava atenção. Não disse nada.

Havia um senhor vendendo água de coco. Ele se afastara. Dirigira-se a uma mulher de biquíni. Ela se afastara. Ele retornara para perto de mim. Ele me ofereceu um copo de água de coco. Eu não sabia o que era isso, e nem saberei. Faço um esforço enorme para evitar me

aborrecer. O cachorro fareja o meu medo, levanta o focinho apontando para a janela, uma cotovia cai morta a trezentos metros daqui.

Na rua, o carro dos sonhos. Sonhos. Fresquinhos. Do gostinho do seu paladar. Eu gostaria de um sonho, digo eu. Pois veio ao lugar certo, ele responde, entregando-me um copo de água de coco. Estou na praia e me irrita. Quero um sonho. Mas os sonhos estão na rua. Como resolver este impasse? Decididamente não através da água de coco. Eu gostaria de um sonho, repito. Perdão, diz o homem, mas você não me parece o tipo de pessoa que sonha. Não atino, até hoje, com o que ele quis dizer com isso. Faço menção de me retirar. Espere! Diz ele, Eu posso lhe vender um sonho! De que sabor? Digo eu. Depende, diz ele. Depende... da minha vontade? Exatamente. Creio que desde então estou enfeitiçado. A não ser que falasse comigo mesmo, em voz alta.

Exceto pelas óbvias inadequações de forma e linguagem, isto poderia ser um filme. Não estou seguro de que não seja. Exceto por outras inadequações óbvias. O cenário me parece plano enquanto o vendedor de água de coco se afasta. Se ele se apequena de acordo com o correr dos segundos, é só por questão de coerência. Ele some no horizonte, lá onde o oceano se deixa consumir pelo céu, indistintamente.

De hábito, evito os diálogos até onde eles irrompem por vontade própria. Peço desculpas se acontecer com muita frequência. Logo me meto a pensar na minha lula.

Trata-se de um bebê.

O certo é que a maior parte do tempo eu me sinto como se fosse um fantasma, chegando mesmo a empurrar o meu próprio corpo através de superfícies aparentemente maciças. Mas então, olhando outra vez, elas se abrem e acabam se revelando, via de regra, representações malfeitas de si mesmas. É complicado. E no entanto às vezes eu me sinto bem

humano também, isto é, quando não me sinto outra coisa. Atravesso as ruas com cautela, esteja claro, olhando para mais de dois lados ao mesmo tempo, esperando ver a minha humanidade confirmada ou decididamente descartada no acidente de trânsito, este belo exemplo das possibilidades da vida moderna. Primeiro a questão da morte. Atravessar a rua e, chegando ao outro lado, como proceder? Virar à direita ou à esquerda? Seguir reto? Vai dar nos bombeiros. Opto invariavelmente por ficar parado. Estou falando de uma esquina específica, lá onde tem o sinaleiro vermelho pintado de preto, a luz verde não funciona e os guardas de trânsito se postam para minha alegria, eu adoro ver os guardas de trânsito, isto é, quando não estou dormindo. Se um aglomerado de pessoas se forma ao redor dos carros destroçados, permanecer aqui. Se não, procurar outra coisa para fazer. Ocasionalmente os carros são puxados para a calçada, o guarda de trânsito dissipa a turba, movimento, movimento, esta é a palavra, vamos se movimentando aí, procurar alguma coisa para fazer. Alguma coisa para fazer envolve movimento, movimentamo-nos e bam, lá estamos nós outra vez, fazendo alguma coisa. Na cidade há muita coisa para fazer, eu me alegro, penso que vou fazer alguma coisa em algum lugar, mas quando chego lá já fiz e acabou, então outro lugar, e outro, para fazer outra coisa. Hoje jogar boliche com pedras ou então amanhã. Hoje talvez roubar alguns legumes do mercado. Então bam vamos lá roubamos os legumes e daí? Talvez depois achar um fogão. Para cozinhar. Serão bons os legumes cozidos? Sim, serão ótimos, dependendo do tempero usado serão ótimos, nada me agradaria mais que legumes cozidos. E temperados, o que dizer de temperados?

Não direi nada.

Abrirei os olhos do outro lado da rua e andarei o primeiro passo na direção da entrada da feira. Muitos passos até lá. Muitas pedras rolando no caminho. Talvez uns cinquenta metros ao todo, se não cinquenta e cinco ou sessenta. Embora tenha acabado de tomar o café

da manhã, imagino que seja noite. O céu não diz nem que sim nem que não. Chutaria noite. Embora não vá dizer nada.

As luzes dos postes acesas. A rua cheia. Mulheres e crianças dentro. Mulheres e crianças, mulheres e crianças e o eventual cachorro, por todo lugar. Nascidas antes de mim. Tosados cuidadosamente aos sábados ou apenas sarnentos, sujos, rogando pela atenção das mulheres. Mulheres carregando bebês. Mulheres carregando bebês e puxando cachorros e crianças pelas mãos. Quando eu nasci elas já estavam aqui. Estavam aqui quando a cidade nasceu talvez, e a carregaram pelas mãos. A cidade muito antes de eu nascer. O vendedor de peixes fresquinhos, peixes fresquinhos, muito antes de eu nascer. O que foi exatamente que eu fiz agora? Eu estava muito preocupado com essas questões algum tempo atrás. Agora passou. Agora estou só faminto. Estava muito faminto antes de nascer, é isso o que venho tentando dizer, perdão senhora, mas escuta aqui, estava tão faminto, mas tão faminto que nasci e vim à feira roubar legumes. Quando encontro os legumes. Aposto aliás que sempre estiveram ali, esperando que alguém os comesse. Se os homens nascem famintos, os legumes nascem famosos. Daí bam vamos lá e comemos eles. Não, roubamos. Olha só senhora, é impossível comer sem roubar. Se a senhora me dá licença... daí bam eu vou lá e roubo eles. Se se quer pensar, pensar realmente, será necessário mulheres e cachorros? Não. É mesmo difícil pensar num Estado desses, em que não se pode sequer... a prosódia fica toda... entrecortada. Necessário comer. A coisa fala por si: comer. Legumes ou talvez um pouco dessa granola... Sacos de granola se parecem com sacos de linhaça... algumas granolas contêm linhaça... não todas, evidentemente, mas você entendeu. Sacos de linhaça com granola e vice-versa são bons de enfiar a mão dentro, espalmadas, famintas como o estômago que já desaparece, e sentir o malte entrando pelos poros. Esfregar as mãos uma na outra lá dentro, comer com as mãos primeiro. Depois com os olhos, que lacrimejam ou não infreqüente soltam pus. Tudo isso concomitante a uma luz amarela que se emana do peito, à altura do esterno, e me faz enxergar

com maior clareza em dias de chuva, à noite, sobre a bicicleta, na direção de algum lugar em que o fogo é bom e o tapete vermelho, nas paredes figuras da flora local pintadas em estilo estritamente realista (descontadas as proporções), o pinheiro alcançando o triplo do seu tamanho natural no entanto, avançando ameaçador por sobre a assim-chamada hegemonia do homem. Mas estive pensando e de repente me vejo com o traseiro enfiado na férrea ponta da bota de um homem estranho. Ele esteve me chutando, incidentalmente. E por um bom tempo também. Percebo isso claramente com a ajuda da luz. Ora, Yorick, que palhaçada é essa? É assim que você quer me ver, e tão cedo no dia? Tenha a santa paciência. Não entendo o que você diz, querido Yorick, mas sei que será caso de deixar de prestar atenção em torno de trinta segundos contados a partir de agora. Você mexe a boca, é certo; mas será que está realmente falando alguma coisa? É difícil saber. Para não dizer impossível. E se eu cutucasse...? Ah, se eu cutucasse! Todas as questões precisam de um cutucão agora, querido Yorick, e não sou eu quem vai lhes dar este prazer. Preciso ir embora, a julgar pelos chutes que recebo. Algumas pessoas saem de casa, vão passear, acabam entrando na feira, compram legumes, voltam para casa, cozinham os legumes e os comem temperados ou não, às vezes fritos ou até mesmo gratinados. Eu, eu não me orgulho de dizer que não preciso disso. E no entanto quando me expulsam aos pontapés provavelmente por conta de algum preconceito relacionado à carga tributária de que eu estou completamente isento devido, evidentemente, ao fato de não existir, ou pelo menos não chegar a existir como eles, eu me sinto tão pouco confortável que é como se estivesse outra vez em casa, comendo legumes acompanhado da esposa e do cachorro, para não falar do homem que morava conosco e que prefiro não mencionar, prefiro não mencionar mesmo, desculpe. É claro que isso só me afeta em dias ruins, como todo o resto. Não vale a pena, é um assunto chato, como todo o resto. Mas se as andorinhas migram no verão, eu vou é ficar aqui mesmo, como todo o resto.

Na feira, sob o saco de granola. Estive longo tempo observando os tremeliques nervosos de certa Senhora S., madame localmente reconhecida como tal, bem como como professora de certo curso de graduação dirigido a um público-alvo de menores delinquentes cada dia maior, mais sarado, mais coradinho. É o curso que eles gostam de chamar de Vagina, acrônimo infame do seu portentoso nome de batismo: Violência Aplicada à Geração de Idiossincrasias, Nabos e Acadêmicos. Uma ciência tão humana quanto qualquer outra. A Senhora S. leciona certa matéria cujo nome não me é possível depreender do palpitir da sua pálpebra esquerda – embora, não sei, eu tenha a vaga impressão de que começa com Q...

De todo modo, a Senhora S. é uma mulher honesta, salutar, sóbria e por vezes não de todo desequilibrada, de todo modo, como todo mundo. Gostaria de convidá-la a integrar o quadro de dirigentes da fábrica. Então bam não mais que de repente vou lá e chamo e nada acontece. Estaria disposto a lhe ceder minha quota, asseguro-lhe, de modo que, entende, você teria... dinheiro? aos montes? para enfiar? Mas nada acontece.

Não pouco se comenta a decisão da Senhora S. na cidade. Alguns acham que ela é burra. Alguns, que é esperta. Uma terceira multidão, mais razoável, intui que ela está esperando a valorização das ações para poder se casar com um certo Senhor F. e dar o golpe do baú no momento preciso em que elas tornarem a cair a um nível comparável ao dos batimentos cardíacos de um cadáver, como sempre fazem em dias ruins. Por razões de envolvimento pessoal crônico, eu me abstenho de comentar.

O médico já foi chamado. Eles que esperem pela autópsia.

Savóia, você quer leite? Pois não. Yorick envenenou o leite, mas tanto faz, os seus pulmões são de ferro e a sua mão escreve tão bem no dia como na noite. Garibaldi descobriu o pão, mas tanto faz, sua esposa Anita já pensou em tudo e logo eles estarão em Cuba. Hamlet está morto, mas tanto faz, o bardo já foi pago e logo haverá uma peça em sua homenagem.

Gostaria de descrever, sem prejuízo do sentido geral do texto, a minha viagem pelo mundo mágico do saco de granola: uma delícia. Não, reformulo: uma merda. Comecei empenhado em chamar a Senhora S. para dirigir comigo a fábrica, e nisso apliquei toda a minha experiência como homem de negócios. Chacoalhava diante do seu nariz uma cópia muito gasta do meu livro favorito, Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas, assegurando-lhe, entre um gole e outro dos nossos martinis, que sim, claro, é preciso reconhecer, o nosso atual presidente era mesmo fruto de uma mutação ingrata do babuíno da Tanzânia, espécie conhecida por ter os olhos amarelos e sair voando quando a situação aperta. Não contava, contudo, com o nível de erudição daquela senhora tão bem-falada: ela começou a recitar a lista dos Cem Melhores Filmes da História do Cinema Mundial de acordo com a Veja, dentre os quais reconheci dois ou três títulos dirigidos, produzidos ou de alguma forma influenciados pelo meu falecido colega Danton, que Deus o tenha. Pedimos então três bloody maries, um para mim, um para ela e um para o santo, que o bebeu mais depressa do que conseguiríamos ter percebido em meio à neblina.. ...que a brisa veio e dissipou e, quando menos esperávamos, estávamos nus, trevisando.

Mas chega dessa baboseira. O país da granola estava quente aquele ano. Nunca tive tanta vontade de ficar em algum lugar quanto naquele. Frutas cristalizadas são o meu fraco. O meu calcanhar de Aquiles. Além disso, todos eram gentis e não se importavam que você enfiasse as mãos nos sacos de cereais diversos – granola é nome genérico para uma mistura de cereais, você sabia? –, nem mesmo quando isso implicava em trazer para os cereais um ou outro caruncho até então alheio a tudo *but* à sua própria existência. E, por mais desagradável que me fosse estar distante de casa, pois isso me fazia pensar que estava me tornando, de algum modo, mais e mais como ela, eu não conseguia resistir ao chamado das belas dançarinas de tango. Elas carregavam cabeças espetadas em belas facas de churrasco, de

patins, atentando ao redor com um sucesso incomparado até hoje aqui como em vosso reino, amém.

–Querido, diziam, você está passando bem?

–Nham... Eu respondia. Já começava a sentir os efeitos nocivos da excessiva quantidade de grãos que ingerira nas últimas vinte e quatro horas. As minhas mãos tinham inchado. Os meus pés tinham ficado pequenos como pés de coelho. Os meus olhos eram engolfados pela testa, que se expandia e parecia querer se destacar do resto da cabeça com o ímpeto de um balão de hélio a singrar os céus de Stalingrado. Tudo fruto de uma elaborada estratégia de marketing, é claro. Ou então uma elaborada manifestação política.

Do outro lado da rua da feira, comendo os legumes. Chorando enquanto isso. Nunca imaginei que fosse possível. O gosto! A textura! O aroma! Estavam envenenados, é claro. Olhei para cima da viga em que me empoleirara e vi um menino cuja descrição segue. Pele clara. Olhos alternadamente verdes e azuis. Cabelo idem loiro e vermelho. Mãos ligeiramente afastadas do torso com certo desprendimento de energia. Pés chatos e joelhos ligeiramente flexionados. Melhor ainda, sentado. Olhar vidrado em um ponto da parede branca. Rachadura atravessando a parede de uma diagonal à outra cujo ponto observado se trata do ponto médio entre uma diagonal e outra. Não se sabe se coincidência ou premeditado. Parede quadricular. Olhos presentemente verdes. Segundos atrás vermelhos no entanto, e segundos depois, com piscadelas, azul. Intermitência de pessoas carregando sacolas. Homens e mulheres, tanto faz, loiras ou morenas, brancos ou negros, tanto faz, tanto faz mesmo. Depois retorno a pousar o olhar sobre o menino. Que não está mais lá. Essa cena me deixou angustiado, ou então me fez rir. Daí eu fui para casa e cozinhei os legumes e comi todos, mas *todos* eles, sério mesmo. Estavam ótimos, frescos e suculentos, e me trouxeram de volta não só uma, mas duas mil e trezentas espécies de bactérias de que a minha flora intestinal andava muito saudosa. Elas formaram colônias numerosíssimas, estabelecendo a região do Intestino Reto como território

do governo oficial; enquanto o de oposição, simultâneo e compreensível como tal para qualquer bactéria civilizada, tomou posse das terras do Intestino Grosso, maiores em extensão, verdadeiros latifúndios nesse sentido, porém nem de longe detentoras das riquezas naturais subjacentes à freguesia de Poços Anais – localizada, pelo que se sabe, na fronteira entre o mundo e o desconhecido. O mais longe que se chegou foi à região que arqueólogos e especialistas denominaram Ânus, um grande fosso que de tempos em tempos se abre para o que bactérias subversivas de renome na história gástrica clamaram se tratar de novas regiões habitáveis, um espaço até agora inexplorado pela Bactéria. Um grande veículo de aspecto marrom e enrugado batizado Merda em homenagem aos relatos antigos e composto de matéria orgânica residual vem sendo produzido num esforço conjunto dos governos do Grosso e do Reto, e estará pronto para ser lançado apenas no longínquo futuro de amanhã, pontualmente às três da tarde. Será um pequeno passo para a Bactéria, mas um grande passo para o Homem.

Dez.

Nove.

Oito.

Como previsto, as pregas estão se abrindo. Uma claridade invade os Intestinos, cujas paredes estão tesas como jamais antes na história destas destacadas comunidades. A ansiedade pelas bactérias que povoam o veículo. O desconhecido ao alcance dos cílios exteriores, também chamados flagelos. O medo.

Sete.

Seis.

Cinco.

Centenas de bactérias *indeed*. Cumpre lembrar que se trata de uma missão um tanto quanto camicase: o veículo foi projetado para a viagem de ida apenas. Propulsionado pelo

material que reveste o próprio Intestino, não se conta com o seu retorno, uma vez que os cientistas afirmam não haver tecidos semelhantes para além do Ânus.

Quatro.

Três.

São bactérias de coragem, centenas delas. Oremos por elas.

Dois.

Calcula-se que a chance de retorno seja próxima a zero; a última entrada de corpos estranhos pelo Orifício Anal registrada se deu há quinze dias, levando a crer que a região externa ao Ânus é muito bem protegida por uma espécie de capa que...

Um.

O momento se aproxima. Será um pequeno passo para a Bactéria, mas um grande passo para...

Zero!

O lançamento ficou adiado. Parece que a consistência da Merda ainda não atingira o ponto ideal; provável era que se rompesse ao meio, causando assim uma dificuldade na hora da saída. O Governo do Reto, em cuja jurisdição se encontra o veículo, afirmou recentemente que todas as providências estão sendo tomadas para a resolução satisfatória do caso.

—E eu, Yorick? Como eu fico nessa?

A decepção política.

Talvez devesse me preocupar mais com a psique humana...? Mas sequer sei se há uma psique. E, se houver, se é realmente humana. Parece-me que, sem braços ou pernas, cabeça,

tronco e genitálias, preferencialmente tudo isso junto, será difícil taxar de humano qualquer conceitinho que se mexa. A lula não é humana. Sequer aspira à humanidade. Eu, eu creio ser humano. Sei que não repassei ainda informações suficientes para embasar qualquer afirmação nesse sentido. Estou no processo, calma lá. Quanto mais demorar, parece-me, mais tempo tenho entre os vivos. Isso caso eu simplesmente não mude de idéia e decida que, em vez de me matar, vou viver definitivamente num país estrangeiro, ou apenas amenizar, amputar um braço, um olho, abrir mão da psique, colocar no lugar um segundo coração, para quando o meu falhar.

Já mencionei que tenho um emprego. Para quê. Agora pressinto que serei obrigado a elaborar. Neste passo, logo estaremos em mim, em mim inteiro, de braços abertos, na chuva, feito um retardado. É inevitável. O meu trabalho.

Eu trabalho no escritório, para o escritório, através do escritório. Até onde me é dado saber, sou um bom funcionário. Mas não me é dado saber para muito além do necessário para que eu cumpra a minha função, ou seja, quase nada.

O escritório é um sistema fechado. Num sistema fechado, cada um cumpre a sua parte. Jamais se importa com as partes alheias. Leva a cabo o que lhe é imposto. Detesta mesmo as partes dos outros. Procura secretamente sabotar os outros, com o poder da telecinese e outros poderes. Não funciona com muita frequência, de modo que, a um observador desinteressado, parecemos nos amar. Mais ou menos como as abelhas parecem amar umas às outras, e na verdade não se sabe se não amam.

Chegamos até a caçar abelhas, em dias ensolarados. Colocamos fatias de pão de ló embebidas em mel num prato, o prato no microondas, esperamos alguns minutos, fechamos a portinhola, preparamos o timer, ligamos o microondas, ficamos estáticos. Nove anos depois, tumores florescem nas circunvoluções cerebrais dos presentes.

Elas venceram. Mas continuamos tentando.

Atrás dos corredores, separado deles por uma parede de pedras e centenas de anos e metros de altura, o fora descansa. Estou no dentro, de onde é difícil pensar e igualmente parar de pensar no fora. Quando se entra no escritório, é como se o fora deslizasse para longe. Não é exatamente assim. Quando se entra no escritório, é como se o dentro fosse um cobertor, e o fora uma noite fria, e você, um viajante, é conduzido ao bar do hotel de uma cidade estranha. Não é exatamente assim. É como assistir Casablanca sozinho. Não é exatamente assim. É como ler Kafka. É exatamente assim. Dentro do escritório, a filosofia adotada tende a encorajar a concepção do mundo antes como uma falha que um sistema, com o que preciso concordar. Dizem que a exceção confirma a regra. Quando você vira as costas, comprazem-se em tirar as exceções dos armários. Tantas que não há espaço. Uma das maiores disparidades do mundo fica ali entre a ciência e a falta de acuidade científica do próprio mundo, dizem. Este é o nicho em que trabalhamos, dizem. Apertados uns contra os outros ou respirando à larga, como quem se regala. É particularmente difícil depois do almoço, dizem. Como abranger, como fazer abranger, como começar a querer fazer abranger? Isto é o que o trabalho ensina. Desfazer, para começar, para derrubar, num prazo de quinze dias, é o contrário de fazer, num prazo de quinze dias, idéias indefiníveis a cuja abstração eu antes estava obrigado. Por mim mesmo. Começa assim. Eu tive uma idéia. Fazer. Eu ia fazer, não deixar de fazer, não o seu contrário, não derrubar mas erigir. Eu ia erigir. Eu ia erigir quando comecei a frequentar o escritório. O oficial se aproxima, me pergunta se eu tenho certeza de que não estou fazendo o contrário, botando o pé pelas mãos, por assim dizer, você entende. Eu tenho certeza. Ato contínuo o oficial se enfia no nicho, de onde fala com voz clara e suave o seguinte. Erigir é fazer. Mas erigir é o contrário de destruir. Considerado isoladamente, o ato de destruir constitui, ele mesmo, um saber. Um fazer, digo eu. Onde a conclusão inevitável: Fazer é desfazer. O certo é o errado. O bom é o mau. O preto é o branco. A voz é o silêncio. E vice-versa. E assim por diante. E assim por diante. Para sempre. Eu já tive que

lidar com o esquecimento antes, não será problema agora. E com o descaso, seu irmão caolho. Comemos abelhas, no escritório, quando as há. Bebemos cachaça, para evitar o raciocínio lógico. Caçamos fantasmas também.

Os aparelhos de medição preenchem o quarto mais alto da torre mais alta do escritório, que é a construção mais alta da cidade, elevada desde a base pelo morro mais alto do estado, o estado em si localizado no maior planalto da América Latina. No entanto, somos apenas a quinta economia mundial. Podíamos estar pior. Não estaremos. Somos a quinta população mundial também, e, tudo somado, embolsamos na última década a posição de quinto maior PIB do planeta por dez vezes consecutivas. Às quintas-feiras, quando os barômetros apitam com talvez um tom de incerteza intercalado no estridente fio de voz principal, vestimos bermudas e havaianas dentro do escritório, não é nada mal. Ficamos felizes por cinco minutos cronometrados (contamos até cinco, um número por minuto, eu contei), depois tomamos o café da manhã em grupos de cinco, e os cinco departamentos da minha ala (cinco alas ao todo, cinco por cinco, cinco metros de pé direito) dividem-se em cinco partes de um para completar pelo menos cinco tarefas ao longo do dia. Aí é que começa o trabalho. Mas antes nos seguramos uns aos outros pelas mãos (cinco pares de mãos com cinco dedos cada uma, totalizando cinquenta) e ensaiamos uma dinâmica de grupo. A dinâmica consiste em rodar cinco vezes ao redor do centro, um pau de sebo. O pau de sebo tem cinco metros de altura por cinco centímetros de diâmetro. O círculo que formamos deve rodar de maneira que a distância entre dois integrantes separados por três integrantes (um de um lado e dois do outro, segundo o Quinto Estatuto) seja de exatamente cinco metros. Essas medidas, esteja visto, são oficiais e fictícias. Evitam a confusão. Só os aparelhos de medição, localizados na sala de medição, detêm capacidade para executar medições. Atrevo-me a acrescentar que o pau de sebo é um pau de arara e me calo.

Mas tudo isso mudou quando ficou decidido que acrescentaríamos a lula ao ambiente de trabalho. Os paradigmas. Os olhares. Tudo isso e muito mais. Eu voltei a falar, depois de tanto tempo. Dizia coisas, não sei quais, ou fazia menção a elas. Aludia, palavra por palavra, frase por frase, uma depois da outra. Cheguei a formular sentenças coerentes. Bolas rolavam, e ninguém sabia até quando isso ia durar. A situação se tornava insustentável. Mas era feliz. Eu tinha um chefe que é talvez o chefe que tenho hoje. Ele não gostava da lula. Ele me disse para parar. Mas eu não parei. Eu não pude fazer mais nada a respeito. Eu estava poluindo o silêncio com palavras por vezes significativas. Como pareço poluir, às vezes, o barulho com silêncios por vezes significativos. Ou era o bebê de lula. Eu não me sentia cansado, pelo contrário. A cada palavra dita, parecia que o meu espírito se elevava um dedo mais, e o do meu chefe se elevava um dedo menos. De modo que, durante as sessões de dinâmica de grupo, as somas se embaralhavam. Tentáculos se misturavam às mãos, sem que se soubesse de onde vinham. Eu procurei saber. Mas já tinha me esquecido. Os paradigmas começaram a mudar, portanto. Os prismas através dos quais coisas são vistas. De um lado o olho, do outro a coisa, o prisma no meio. Deformando de modo diferente do anterior. Uma cor a mais. Uma a menos. Os dedos sumiam e desapareciam à revelia. Todos estavam furiosos. Mas eram felizes. Eu me levantei e fui embora. Quando voltei, segundos mais tarde, o prisma tornara a deformar as coisas. Perguntaram a minha opinião. A lula respondeu o seguinte:

—Era apenas o esperado. Quando as coisas mudam, a confusão se instala. Eu venho de uma cidade no interior, onde é árido e hostil o ano todo. Caminhões atravessam as janelas dos bares de uma ponta a outra da estrada. Quando isso acontece, é uma festa. Quando não acontece, nada acontece. No mar é diferente. Eu venho do mar também, um oceano. Que oceano. Que mar. São bonitas, as coisas, através desse novo prisma. Mas estão diferentes. Isso é o que eu penso sem sombra de dúvida. O resto, só depois de uma lata de atum. Deram-lhe uma lata de atum. Continuei. Certo é que as coisas mudaram. Qual o impacto dessa

mudança? Qual o escopo? Não é o que eu pretendo saber. Vou revelar coisas sobre mim. Vou repassar informações. Não me importa a quem doa. As informações são muito importantes, numa conjuntura dessas. Mas não para mim. A lata de atum estava ótima. Como calasse, jogamos-lhe a terceira e última lata de atum. A lula estava trancada no escritório do chefe. Eles já conversavam havia dias. Abrimos a portinhola e, munidos de uma vara de pescar, atravessamos a porta com a coragem dos redatores mal pagos. Pois então escute bem meu caro senhor Q., ouvimo-la dizer, e a sua voz soava quente e viscosa como uma vulva. Há assassinatos em série ao redor do globo dos quais a sua equipe jamais deu, jamais poderá dar conta, e isso porque serão resolvidos no futuro, por outros quem sabe, de modo que a limitação temporal exclui qualquer coisa que se faça agora. Mande os seus homens para as ruas, e eles testemunharão eventos presentes. Olhe para as estrelas, se calhar, e testemunhará, presentemente, um evento passado. Agora, para ver o futuro, como fas? – Ela borbulhou. – Ora, para ver o futuro, só através da lula. A deterioração das formas, pensei. Eu falara e escutara tudo com o meu polígrafo. Parecia haver alguma espécie não-catalogada de sabedoria naquelas palavras. Oriental, talvez. Q. hesitava. Eles bebiam da minha caneca especial, uma com um rosto feminino em alto-relevo. Eu sempre soube que chegaria o dia em que isso (ou algo semelhante a isso) aconteceria. Para além das minhas forças de conter. E lá estavam.

Creio que homens e mulheres são iguais perante mim. Creio em mim e em que eu vou dar certo. Creio que comi demais, talvez. Quem sabe de menos. Decididamente não o mero suficiente. Consegui estabelecer essa tríade de crenças, apenas o germe de um verdadeiro corpo textual. Este projetado no futuro. Este o meu futuro. Com sorte, um conjunto normativo capaz de me trazer à razão. Falando a sério, eu sou magro. Mas escondo espertamente a

minha magreza sob uma blusa preta de gola alta, uma jaqueta preta com penduricalhos metálicos por cima desta, e na região glútea, que se estende até as pernas, calças de veludo verdes e justas, talvez justas demais, pois se ajustam perfeitamente às minhas pernas decididamente magras demais. O tornozelo é bem-torneado. Tênis cobrem os pés – um par pirateado de Reeboks azuis com amarelo que carrego comigo desde os doze anos. As bordas carcomidas por onde entram aranhas e carrapatos não me incomodam, pois uso meias de algodão puro, branco como a neve, apesar de um pouco elástico demais para ser algodão. Algodão, contudo, digamos algodão! E um chapéu que encobre a minha vista ao menor inclinar da cabeça para frente. Assim vestido é que ando, não direi pelas ruas do centro, numa noite gélida, cruzando a rua fora da faixa ou conversando com uma prostituta, pois este não seria o tom certo, mas pelas ruas dos subúrbios, em tardes frescas porém ensolaradas, conversando com cachorros e seus afáveis donos. Imaginam, imagino, que sou um ladrão. Ladrão?, me perguntam. Quê? Ladrão, soletre comigo, l-a-d-r-ã-o. E aí, você é? Não atino com a resposta certa. Cabe aqui um exame de sangue, suponho. Mas não sou eu quem vai dizer, explico. Em última instância, é a máquina. Eles então fecham mais ou menos invariavelmente as portas no meu nariz ou então me convidam a entrar, vamos, por favor, enquanto o cachorro baba nos meus tênis Reebok piratas azuis e amarelos, para comer um pedaço de torta ou ver um filme pornô, dependendo da ocasião. Jamais aceito convites dessa espécie, a não ser às vezes, isto é, quando estou afim. Uma vez aceitei e se tratava apenas de um pão com manteiga e um copo de café. Depois eu dormi ou acordei. Indistintamente. Conheci algumas pessoas cuja recomendação prévia não me decepcionou. Mas isso foi antes da feira, se bem me lembro. Depois, depois o quê? Creio que teria ido dormir após ter comido os legumes, porém me inclino mais a pensar que não, que não teria ido dormir aquele dia mas sim permanecido acordado por um longo período de tempo, período que compreende dias e dias que remontam a meses – e estes, destramente manuseados pelas mãos de algum deus que

brinca com o tempo como uma criança brinca com Lego ou Playmobil, vão se acumulando como que sobre um balcão de mármore... e o resto é silêncio. Só que estava de ressaca de sono, daí não ter conseguido dormir, eu fui meu próprio deus nesse sentido, e se me perguntassem, diria que não vale a pena. Não é o momento para traçar reflexões sobre o poder aqui; só direi que prefiro mesmo comer legumes, dormir, acordar, andar por aí, comer cerejas, andar por aí, encontrar ou fazer amigos e quem sabe transformar qualquer lugar em que a minha cabeça calhe de tombar a determinada hora da noite, ou do dia, por que não, em minha casa, ou pelo menos cama. Não, não direi isso. Disse, é claro que já disse, no entanto só direi que... ele tinha cabelos negros e vestia um casaco de veludo verde... numa noite escura, no porto, à luz da lua... horrível, horrível. A voz dele era terrível, qualquer um podia notar. A voz que ecoou no porto. Não, tampouco direi isso. Precisaremos estar em algum lugar logo. Sob pena de... Estarmos então... Ao redor de uma lagoa. Par a par com muita gente. No escuro. Ouvindo um álbum de... Mas quando é que eu fui começar a querer começar a me preocupar com essas coisas. Essa espécie de coisa. Certamente que não sou mais jovem. Embora ainda o seja, em certo sentido. Cabelos compridos, por exemplo. Meu deus, os garotões cabeludos perderam o controle!, exclama-se de mim e meus colegas. Sem que se saiba exatamente o porquê. Eu gostava de fazer sentido àquela época, se bem que ela não tenha passado de todo, absolutamente. Tampouco de balde ou isenta das famosas conseqüências. Temo que seja chegada a hora de lidar com as famosas conseqüências. Temo entretanto e em primeiro lugar que me cumpre me apresentar. Passarei direto à descrição física, uma vez que o caráter... o caráter, ponto. Uma vez estive andando a esmo como um cachorro anda a esmo ou um leopardo não deixaria de fazê-lo se assim lhe parecesse bom, o que é que estive dizendo. O que é que estive dizendo, ponto. Ah, sim. As famosas conseqüências, o caráter e tudo mais. Os tênis, o resto da roupa, não lembro, uma blusa, umas calças, um par de óculos de sol e uma certa afetação no andar que é como se estivesse constantemente me dirigindo ao banheiro...

Isso efeito dos tênis. Estes anti-ortopédicos. Frequentemente no entanto não. Frequentemente aqueles mais confortáveis que qualquer outro tênis ou calçado semelhante. E bons para a coluna, que é torta. Temo ainda, por corolário, que não me seja possível depreender qualquer coisa a respeito de mim como indivíduo, de minha subjetividade, sem recorrer às velhas expressões faciais, aos traços de caráter que se me inscreveram na cara e descem às vezes pescoço abaixo para atingir as mãos e os pés, que lhes tornam cada vez mais doloridos, a pele se desprendendo das unhas e as unhas amareladas muito compridas, isso sem falar da barba. Carrego carrancas ou, dependendo do meu humor, sorrisos, sobrolhos franzidos contudo sempre, sorrisos carrancudos, essa espécie de coisa. Em especial quando o sol começa a se pôr e o céu adquire um tom violáceo, puxando nas bordas para o amarelo. Creio nisso também, embora me seja impossível verificar. Mas chega de mim, já estou farto de mim, vamos passar a outra coisa e/ou pessoa agora. Dimitri Spopovich, por exemplo. Que estava empoleirado dia desses na árvore da praça central e acabou caindo. Fratura exposta do fêmur, desnecessário dizer, além de umas contusões e um zumbido permanente dentro do crânio. Descobriu-se meses depois um coágulo no hemisfério esquerdo, eis o zumbido. Que pouco a pouco se reduziu a uma nota – um lá contínuo, digamos, como o tom do telefone expectante, só uma oitava acima. E pouco depois foi acrescentado de um ré. Com o passar dos meses mais notas se acrescentaram. Enquanto isso a árvore em que ele se empoleirara começara a florescer, era chegada a primavera, formigas lhe roubavam as poucas folhas caídas e tudo era como devia ser, exatamente como devia ser. Na praça central, namorados continuavam se reunindo, trocando carícias, é claro que longe da vista dos outros, num dos bancos mais afastados onde, meses atrás, um estupro seguido de homicídio se consumara – mas o corpo jamais foi encontrado, e portanto a vítima é atual e acima de tudo ingenuamente dada como desaparecida. Quando a primavera já contava dois meses, o zumbido de Dimitri se tornara acorde complexo, e o acorde se subsumia ao ruído exterior em frequência facilmente

detectável, dando assim a impressão de ritmo. Um só acorde, ritmado, o dia inteiro, todos os dias, todos os meses, assim até o fim daquele ano. Em janeiro do ano seguinte, coisa curiosa, o telefone de Dimitri, que era um cara meio recluso e cada vez mais, começou a tocar. De início ele não atendia. Mas, como o toque o empurrasse lentamente para a beira do abismo, ele enfim atendeu. Segundo uma das versões, tratava-se de um repórter. Dimitri teria lhe concedido uma entrevista e em pouco tempo se transformaria numa celebridade internacional, com direito a matérias na Capricho, vídeos no Youtube e acessos à página pessoal através do I'm feeling lucky. Essa não é a versão que eu professo. A versão que eu professo, e que para mim significa muito, embora não saiba exatamente por quê, dita que teria sido o diabo quem lhe telefonou. Ele vendeu a alma, depois ficou famoso, e a partir daí, repare, as duas versões tornam a convergir – qual você prefere?, eu prefiro a segunda, mas você pode muito bem preferir a primeira. É pura questão de medo de repórteres. A segunda versão no entanto gerou mais repercussão, tanto que tem até fanfic, remake, hentai, cosplay em festival e música no Raul Gil. É uma péssima música diga-se de passagem, aliás como todo o resto do material derivado da história original, por isso acho melhor não tocar mais no assunto, vou acabar estragando ele mais ainda para você. À falta de uma bibliografia.

Agora, pensando bem, eu perdi o chapéu. A bem dizer, era um boné. Estou sozinho, à noite, atravessando uma zona da cidade que cheira a fuligem e incenso. Camisa preta de gola alta, jaqueta preta por cima, calças de veludo verde e tênis Reebok falsificados. Preciso voltar para casa, mas não sei como. Terá alguma coisa a ver com o caminho, eu me pergunto. Sem querer saber realmente. Não. Provavelmente não. Entro por uma rua estreita ao fim da qual alguma coisa se mexe dentro de uma caçamba de lixo. O suspense me faz mal ao coração, de modo que vou pular esta parte. Eclipse aqui portanto. De volta ao caminho. Se quero me construir, se quero me tornar o meu próprio personagem... Não posso saber por quê. Eu converso, é claro, embora evite transcrever os diálogos, mencioná-los mesmo – embora evite

os diálogos em qualquer uma de suas muitas formas, espécie de conjunto de variações sobre o nada. Onde estou, que horas são e quem é você apenas alguns exemplos de frases que me caem bem. Savóia, o empresário, está comigo e não abre. Não o vejo, mas sinto a sua presença pairando ao meu redor como fumaça azul ao redor do prédio da Nokia. Tudo somado, um cenário bastante feio. Luzes da cidade no background salvando o produtor do filme da ruína completa. Não sei atuar, isso eu garanto, e não tenho nenhum interesse em aprender, obrigado. Do meu peito se emana outra luz, esta amarelada, talvez mais para o ocre, tornando o caminho pelo menos parcialmente visível. Estou feliz e a ponto de dançar, pois carrego dinheiro, muito dinheiro nos bolsos, e – incidentalmente – sou uma daquelas pessoas que amam o dinheiro, embora o abominem. Logo feliz e triste. Bipolar. Ao mesmo tempo? Ao mesmo tempo será. Logo bipolar sincrônico. Transformações engraçadas acontecem dentro de mim enquanto caminho. É dizer, –Nas minhas entranhas, órgãos, entende? – Sem resposta. Tento esboçar um tríptico, saio-me críptico com tendência a crítico, a-ha. Prossigo. A lua. A lua, senhora de si, brilhando como sempre, ãh... no céu. Minguante, nada da vulgaridade da cheia aqui. Melhor, crescente: nada de vulgaridade nenhuma aqui. A lua relampeja palavrões. Que eu não vou transcrever. Afinal, é bem sabido que ela nos odeia. Entrementes meu coração se transformou numa espécie de rim, órgão encontrado aos pares e em formato de feijão nas pessoas. Os meus rins, eles se transformaram em mãos; estas, em orelhas; e estas, por sua vez, no nariz – de modo que apalpo o meu sangue, escuto aquilo em que toco e sinto o cheiro dos sons de metal se retorcendo que escuto. É uma viagem. Ato contínuo o meu colega Rei David vem chutando uma latinha pela rua. Dirijo-me a ele como se fosse o meu propósito, penso na verdade em sacar a pistola e comer um biscoito, num átimo tudo se resolve e estamos bem. David vinha fugindo, me pediu abrigo, propus-lhe irmos a Jerusalém, ele disse que não, que era exatamente de lá que vinha fugindo – e então deu no pé, seguido trinta segundos após por tanques blindados. Eu fiquei na estrada, contando

estrelas entre as arquibancadas que homens velhos ajudados por mulheres e crianças desmontavam diante dos meus olhos. Chutei algumas pedras por algum tempo... Nenhum carro cruzava indo a lugar nenhum... Até que me entediei, este é o meu grande problema, eu me entedio fácil. Não importa o que esteja fazendo, faço muito bem, é claro, mas trinta ou quarenta segundos passados os primeiros sintomas já começam a se insinuar. –Persista, homem, não vê que já está quase no fim?, digo a mim mesmo, mas enganosamente, muito enganosamente, porque isso é o que faço no começo e o fim se encontra geralmente magnificamente apartado deste. Então continuo a fazer, onde quer que esteja, no caso uma estrada, no caso olhando as arquibancadas que se vão com sacolejos por sobre os ombros vergados de velhos, mulheres e crianças. Não voltei a encontrar David desde então. Creio que morreu. Se espalhasse a notícia pela cidade, taxar-me-iam de evangelista. Atravessariam as ruas quando me vissem, e nos metrô, a caminho de casa, esconderiam os rostos por trás das mangas dos paletós de bom corte. Daria uma bela foto, mas não uma boa manchete. As boas manchetes são difíceis. Gioconda que o diga. Mais cedo ou mais tarde. Era imperioso. Os jornais não me diziam muito, embora as figuras coloridas tivessem facilitado bastante o trabalho de interpretação. Estávamos perto da falência, segundo alguns. Era comum que não estivéssemos. E Gioconda, que dirá? Extinta da face da terra. Relegada ao limbo cultural do Louvre ou qualquer lugar assim. A menos de um quilômetro da loja da Apple em Paris. Muito sugestivo. Sintomático, eu até diria, se me perguntassem. Mas não direi nada. Preciso retomar... uma história... aquela história, como era mesmo, eu?, de boné?, vestindo um paletó verde? Que seja. Dois peregrinos se aproximaram de mim e me pediram que falasse mais da fábrica. Eles estavam curiosos. É um assunto que evito, porém depende do humor, do tempo e da quantidade de balas que me restam, e não me restavam muitas, de modo que me pus a falar da fábrica. Trata-se de uma fábrica, para começar do começo. Mas se quero mesmo começar do começo, aqui vai uma dedicatória. Dedico este relato natimorto a todas as tendências

estéticas natimortas dos séculos XX e XXI... Que mais? O suficiente. Vamos começar. A fábrica é uma fábrica de chapéus, pílulas, peles de leopardo e poemetos sintéticos. Dentre estes, uma grande maioria é escrita pelos Poetas Sintéticos de Acapulco, assim auto-denominados, desconfio, em homenagem à Golden Acapulco, antiga variante da família da Cannabis Sativa substituída com a revolução monárquica pela Black Shit. A Black Shit pode ser encontrada em abundância no Mercado Negro de Coimbra, de onde importamos a nossa. O cânhamo, como se sabe, é matéria-prima importantíssima na fabricação de chapéus, pílulas, peles de leopardo e poemetos sintéticos de qualidade – mas especialmente na de chapéus de peles de pílulas de leopardo, é claro, sobre os quais o Poeta Contratado compôs um ou dois sonetos de Petrarca. Vocês devem conhecer. Estive na tevê em oitenta e dois, mil oitocentos e oitenta e dois, com direito a reprise em PB no outono de mil novecentos e sessenta e nove. Houve exposições sobre o tema, artistas plásticos renomados dando o seu depoimento artístico em relação aos chapéus da nossa marca. Você está usando um, eu percebo – ao que ele balança a cabeça afirmativamente, depois o corpo inteiro, e em seguida tomba morto no chão. O seu colega desapareceu. Eu visto uma camisa negra de gola alta, jaqueta de náilon preta por cima, calças de veludo vermelhas e um par de tênis Reebok azuis com amarelo. O meu cabelo é basto, mas foi cortado recentemente à moda Bruce Willis. Isso em homenagem a Zidane e tantos outros. Mas nunca me casei nem me casaria com Victoria Beckham. Um dos meus critérios de seleção tem a ver com a pessoa não ter feito parte das Spice Girls. Nem dos Backstreet Boys, aliás. Gostaria de me fazer ambíguo aqui, afetar feminilidade, dizer que estou vestindo um longo de festa vermelho e sapatos de salto agulha no meio da estrada, sob o sol, segurando um tequila sunrise, no entanto não tenho sensibilidade nem paciência para isso, e, de resto, já ficou registrado que tenho barba. Isso apesar de não tê-la. O meu rosto é branco e liso. Se sou imberbe fica a cargo da imaginação de cada um. O meu rosto é branco e liso e se estende do queixo ao fim da testa, onde os cabelos começam, curtos como nódoas, talvez

um pouco depois de onde os cabelos geralmente começam. Uma calva ideal, à moda Pnin. Isso em homenagem a Nabokov. É bom deixar claro quem se homenageia, de outro modo pensam que é roubo. Furto, o termo técnico. Quando terminei de falar meti duas balas bem entre as sobrancelhas do homem que continuava em pé, dando assim o assunto por encerrado. No entanto ele já brincara de William Tell o suficiente para saber resistir quando a bala entra no cérebro por pelo menos mais alguns dias, o único problema era que isso lhe afetava a fala, e às vezes, dependendo dos lóbulos destruídos, a coordenação motora, a audição, a visão, a respiração, os batimentos cardíacos e os sinais vitais, que se reduzem a zero ou abaixo disso. Não dá em nada, dependendo do caso e da experiência de vida. Ou então na mera transformação ou convolação do sujeito em zumbi. Não é raro. Livros já foram escritos a respeito. Não será caso de esboçar uma bibliografia aqui. Calem os estardalhaços. Cutuquemos menos a questão por outros ângulos. É então inequivocamente chegada a hora de esmurrar o cadáver estendido pela estrada, de uma ponta a outra, transversalmente. É o chamado rigor mortis. Rigorosamente falando, no entanto, ele ainda balbucia algumas palavras que eu me inclino junto à sua orelha para escutar e levar adiante o seu último desejo, como se estivesse num filme de guerra ruim... Mas ele só morde a minha orelha. Estou cansado dessa falta de respeito. Yorick não está aqui para me proteger – não disponho da benção da morte, sequer de um sopro de vida, então do que eu disponho? Das minhas mãos. Dos meus instrumentos. Das minhas três crenças e mais algumas memórias inventadas. Da luz que sai do meu peito. De uma espécie de polvo ou lula, se bem que. Tendo extirpado o cadáver de suas vestes, começo a serrar. Primeiro um braço. Um braço só, para eliminar a odiosa simetria. No entanto, diferentemente dos polvos, os humanos só têm dois. Dá na mesma. Duas pernas também. Vou arrancar as duas. Sem prazer nenhum. Dá na mesma. A cabeça, essa já foi levada por formigas voadoras ou urubus, ambos abundantes ao longo da estrada. Tenho cá as minhas convicções, são inventadas mas dá na mesma, principalmente

ortográficas. Por exemplo. Creio em que a grafia certa de ontem é ontém. E não serei facilmente dissuadido. Creio em que algum dia a espécie humana, numa forma mais evoluída, vai olhar para nós com olhos de extraterrestre e rir dos nossos filmes baseados em jogos de videogame. Creio em que a sociedade do futuro será urdida sobre as tramas muito firmes de Cânhamo Black Shit.

O homem que eu desmembrei se foi. Gostaria de cantar uma canção em sua homenagem. Quais as conseqüências disso? As famosas conseqüências. Pois bem, aqui vai. A sede por renovação estética vigorante na Literatura da década de sessenta / Cujas conseqüências nefastas fazem eco quiçá anacrônico / Embora olímpico / Nos dias atuais / É fruto de uma conjunção de fatores / Dentre os quais destacaremos / Os numerosos movimentos políticos comandados por universitários ao redor do mundo / E a cristalização da Academia como centro de produção do saber cultural / Saber cultural este que falha em estabelecer correspondências à conturbada realidade política do momento histórico...

Veja só o que é o ócio. Acocorado numa sala vazia, não pude perceber durante muito tempo que homens me observavam, cada um lá com as suas particularidades. De comum vestiam roupas vermelhas que contrastavam magnificamente com as paredes não obstante vermelhas. Provavelmente me acharam na rua, imagino, perpetrando atos revestidos de formas bem divergentes daquelas com as que estão acostumados. Talvez sedento, como de costume. Brandindo um pedaço de pano que chamei de bandeira do país que chamei de meu. Certo, há algum tempo me abandonou a gostosa suculência dos tecidos humanos devidamente irrigados seja pelo suor, seja pelo sangue. Um farfalhar beckettiano se instalou nos meus

menores movimentos de pele contra pele. Em que ponto da jornada isso se deu, se é que será possível determinar com qualquer grau de certeza, é coisa que evitarei me perguntar, pois já me parece trabalho suficiente ter que agüentar os olhares curiosos dos homens de vermelho. Mas seus olhos de carne não são vermelhos, e sim azuis, com intermitências. O revezamento em que parecem operar se dá da seguinte maneira. Quatro homens ao todo. Dois acordados, dois dormindo. Dois pares de olhos vermelhos sobre mim. Os quatro homens em pé a todo momento, de modo que o acordar de um seguido da abertura das pálpebras correspondentes não é tão facilmente detectável. E cheio de ambigüidades. Porquanto sempre que vem vem concomitante ao cerramento dos olhos de outro geralmente um homem distante. Não é fácil perceber portanto se eles abrem e fecham os olhos ou apenas trocam de posições de acordo com o correr do tempo e certo padrão que, se existe, certamente me escapa. No entanto já pude percebê-lo diversas vezes. De comum os homens portam canetas dependuradas pelas tampas da borda do bolso dianteiro de suas camisas impecavelmente semelhantes. O mesmo pode ser dito sobre o cheiro que exalam, isto é, quando me parece sentir o mesmo e único cheiro, algo derivado do alecrim, o que é raro e pode além disso muito bem ser o meu próprio cheiro. Isso é o que pude depreender de tudo isso. Quanto ao posicionamento dos homens, não estão muito distantes. Isso em relação a mim. Dois, talvez três braços de distância. Isso do meu braço. No entanto o ar é turvo, daí a dificuldade em perceber.

Quando tento me lembrar de como cheguei aqui, o resultado é um vomitar semelhante ao que sofro ou que me é sofrido quando penso em assuntos relacionados a uma coisa ou outra. Mormente dinheiro e tópicos correlatos como o amor. Eles sem dúvida percebem o vomitar, não é algo que se possa esconder ou permitir escapar ao olho menos treinado, mas o certo é que não chegaram ainda a formular uma teoria universal a respeito do fenômeno. Pois se não me explicam nem o soluço! Diferente, por exemplo, de quando choro. Chorar não é o verbo. Lacrimejo, sim, e contorço o rosto, desfigurando-me talvez deliberadamente. Emito até

vagidos de criança. O caso é que me falta na encenação qualquer dose de auto-convencimento, decerto a marca de tantos grandes intérpretes. Aí então a coisa é devidamente compreendida. Eles abrem os oito olhos de carne azul, uma das raras ocasiões em que os mantêm abertos simultaneamente, e por algum tempo, no início, tomavam notas que adivinho abundantes, no início, sem trocar palavra, era diferente. Em seguida passaram a trocar olhares como quem troca de meias, talvez devido à alta frequência com que o choro se produzia. E finalmente, desde algumas horas ou dias atrás, em todo caso momentos, passaram a me explicar em voz alta o que era, exatamente, que eu estava fazendo. Uma explicação, devo admitir, bastante convincente, embora eu me atreva a discordar. A esse atrevimento corresponde um contra-estímulo elétrico. Acredito que se trate de um método derivado do famigerado método de adestramento canino chamado sem razão aparente de pavloviano. Discordo da – sou contra a aplicação desse método em espécimes humanos de que apesar de tudo me sei um representante, e a essa discordância (ou melhor dizendo à expressão verbal mais ou menos articulada dessa discordância) corresponde outro estímulo elétrico. A mesma intensidade. O mesmo frescor. Não obstante o atrevimento. O atrevimento renovado? O choro. Frigor do vagido e sua resiliência. A qualidade a um só tempo certa e indescritível do trambolho inútil. Segundo os homens, não se trata de um choro em absoluto. Do contrário seria um sinal de fraqueza da parte de mim, que, explicam, não sou fraco. Claro está que não se trata exclusivamente de mim e do que eu penso. Dificuldades nisso implicadas. Abordar. Não. Eu é um outro, esclarecem. Nisso reside a mágica da sua ciência. A formação do vínculo é a principal característica de casos como eu. Quanto a isso não há dúvidas. Se um terceiro por sua vez for eu, qual a consequência? Irrelevante. A atividade-fim de mim é o vagido, vagido este ao qual dedico as minhas noites. Sempre é noite. Eu durmo. Longamente durmo, deitado sobre os meus braços ou tronco, blusão puxado por cima da cabeça, pernas pendentes da exo-mureta... A não ser à tarde. Sem que saiba ou eu ou ele por quê. Os homens me

explicam muito bem, como uma pedra, só que a mim não me é facultado entender. Onde foi parar, por quê, como? As minhas roupas dobradas sobre a cadeira. Aguardando preenchimento. Impulso elétrico. Estou sozinho, não tenho família ou amigos, não sei jogar futebol, nunca fui ao México... e digito com um só dedo. Mais. A vida para mim tem gosto de morte, a luz de escuro, calor de frio, e assim por diante, assim por diante, para sempre. Mais. O vidro me parece fosco. Qualquer coisa nesse sentido. Quando? As coisas não são ou não parecem ser as coisas enfim mas antes os seus opostos, era isso o que eu vinha me esforçando para dizer, agora o disse, se existem opostos, ufa. Mais. Não. Recomeçar.

Acocorado numa sala vazia, não pude perceber por muito tempo que macacos me observavam. De uma certa distância. As paredes eram grossas e tudo era, como dizer, tudo era... exatamente como devia ser. No fundo do mar, uma sala cujas paredes são feitas de ouro. Não. Dentro do oceano, repisando um tomate. Estive observando por minha vez os macacos, quinze deles, riquíssimos macacos. Eles sorriem ao mínimo respirar. Como quem se regala. Aos poucos ou a bem dizer em subtaneidade inaudita desaparecem. A Rainha do Futuro espera que se comportem feito homens, o problema é que não se trata de homens, como dizer, excelentíssima rainha, veja bem... são macacos. E não é só por falar. Os olhos deles são castanhos, seguram bananas, enfim. O conceito geral. Salve salve rainha. Numa sala no fundo do mar, é claro, comendo braços, dois deles, duas pernas inclusive, trata-se do corpo humano. Só que são macacos. Não. Em um pavilhão localizado a meio caminho entre uma panificadora e uma locadora de filmes piratas. Dentro do pavilhão um ônibus. Ondas sonoras, é claro, lavando o ar com um estalar de estática. Ufa. Cenário abundante. Ninguém sai voando. Dentro do ônibus pessoas e dentro destas os velhos órgãos. Rins, fígados, estômagos, a galera toda. Intestinos, por que não, ossos também, que dirá o cérebro? Coroando tudo os olhos de

carne castanhos como os de um macaco. Olhando. Dentro da cabeça. Voltados para dentro, esclerótica ou branco do olho e tudo? Não. Farei este relato à moda dos viajantes do século XVIII que com suas grandes mochilas e bigodes sinistros desbravaram o Novo Continente à procura de escravos e gente em geral para lhes servir... Não.

Localização atual: cérebro. Estou aqui, agora, ou acreditava que estivesse aqui. Nada disso, acredito já ter mencionado, que está acontecendo, nada disso poderia acontecer, acredito ter mencionado antes. E no entanto, onde estarei agora. Numa sala comprida, talvez, fora dela pessoas. Ou fora dela, no aberto, chamam isso de aberto, o céu desabando, chamam isso de céu, pessoas dentro, lá onde eu não poderia saber. É um dia bonito, rostos em close-up enquanto me afasto do galpão, sorridentes ou rotos, incutidos de botox ou de rugas, todos eles balbuciando coisas que a mim, a mim me é indiferente. Rostos enquanto me afasto do galpão monstruosos portanto, atrás das paredes que o meu olhar não transpassa. Alguns minutos mais e estarei longe, em outro lugar que nunca estive. Além do horizonte queimando, que bobagem, digamos além de uma borracharia, não, estrebaria, zunidos intermitentes na orelha, acredito já ter mencionado antes. Os olhos bem abertos, desnecessário dizer. Atrás, dentro, o galpão, rostos em close-up sorrindo com os olhos jogando escravos de Jó. Nada disso poderia ter acontecido, é necessário ir em frente no entanto, mesmo quando a terra treme sempre há um certo equilíbrio no andar. Na borracharia agora, enquanto espero por alguma coisa, alguém vem e me diz alguma coisa, qualquer coisa que não entendo e que me é indiferente. A borracharia comprida, o mau gosto das simetrias. O meu gosto. Esqueci-me contudo de que me encontrava numa estrebaria, não há pneus mas antes cavalos, os homens do campo, o zunido na verdade um zumbido. Boca aberta contra uma maçaneta, o gosto é metálico, desnecessário se faz dizer que o trinco é de metal. Não se trata de polímeros portanto, os

rostos nessa hipótese longos e negros, esticados e lisos como uma prancha de plástico ou rugosos como pneus, mas antes de metais, as caras mais duras que se de pau se tratasse. E a questão principal, Onde estarei agora, é substituída pela outra, O que estarei fazendo agora. Numa estrebaria ou além dela, onde o horizonte não queima, o céu não cai, o chão não treme, tempo bom portanto, nesta terra abençoada por alguma entidade indiscreta. Estarei provavelmente dormindo enquanto os rostos queimam, a quilômetros de distância, tratando-se de material inflamável orgânico inorgânico ou não, que para a natureza dá tudo na mesma. E Quando, vou perguntar fatalmente, porquanto eu me conheço muito bem, já estive na minha companhia por tempo indeterminado. E só então será hora de querer ou não querer saber.

Pois contarei outra história, uma bela história, cujo simbolismo, cuidadosamente trabalhado por gnomos que são olímpicamente pagos para isso, será esclarecedor do significado deste relato maior, contínuo até não poder mais, em que milhares de informações dançam diante dos seus olhos e vão embora num piscar de olhos, penso que me refiro a este relato. Pois bem. Eu estava cansado, certo dia, de fazer as coisas que sempre faço. Eu sempre faço coisas, a maior parte delas repetidas. Eu sempre estou cansado. Não é novidade. Estava cansado sobremaneira portanto, pois senão não teria ido e tomado a resolução que tomei, qual seja, a de dar um fim àquilo, fosse às partes isoladas daquilo, quais sejam, às coisas ou ao cansaço, ou a uma delas, ou à coisa maior que as duas formavam e talvez fossem, na verdade, uma coisa só, a exemplo de tudo aquilo que é a soma das suas partes e um pouco mais, digamos a unidade excedente quando se constata com espanto, pela primeira vez na vida, aquela verdade universal cujo enunciado dita que a soma de dois e dois não é o número costumeiramente bradado aos quatro ventos caso a pergunta tenha sido colocada, qual seja, quatro, mas sim, espontâneo e inexplicável feito o diabo, cinco. Foi assim que conheci uma

garota. Eu era eu mesmo um garoto. Ela era loira e alta, dois metros de pernas e mais alguns comportavam o resto, estava em cima de uma pedra no meio do mar, ondas batendo, gaivotas esvoaçando, salva-vidas fumando maconha na costa, observando banhistas gordos brancos ou no máximo moreninhos, era uma região particularmente burguesa da costa de um país particularmente endinheirado, e tudo isso, repito, era a garota ela mesma. Eu estava na água. Circundava nadando crawl a pedra da garota com os meus braços de garoto cujo resto do corpo não pesava muito mais que cinquenta quilos. Nisso chegou a lua. Era a noite do maremoto, a lua dançava. Ela aparecia por vezes perto de mim, por vezes distante, no horizonte, e depois retornava, interpondo-se à visão da garota como uma criança desejosa de atenção se interpõe à visão da amada de um adolescente que é, no fim das contas, o seu irmão, e por isso lhe pertence. As ondas estavam muito boas, o mar quentinho. Gaivotas, repito, sobrevoavam a pedra, esperando talvez que a garota deslizesse e acabasse se tornando um prato cheio para a ceia. De uma coisa eu tinha certeza. A garota, caso chegasse a travar uma conversa com ela, mudaria definitivamente a minha vida. Para pior ou para melhor, pouco me importava. Era necessário, àquele momento, mudar definitivamente a minha vida. Eu não suportava mais o meu cachorro, estava cansado do senhor, a criança me causava vertigens com a sua falta de nariz, e o peixe, o peixe, o que dizer do peixe, era um peixe bonito, dourado, grande, maior que eu mesmo, deslizava maneirinho por entre os fluxos d'água da piscina aquecida do meu sobrado, comia outros peixes menores, pouco me importava, eu não ligava para ele, ele já era um homem, sabia se virar, eu estava obsoleto em relação ao peixe, pouco me importava. E por que tinha certeza de que a garota mudaria a minha vida, uma certeza tão estúpida, mesmo para um garoto, não saberei explicar a contento. Era por causa dos filmes. Os melhores são os que não vemos. Ou os especiais de natal sobre Jesus Cristo. Então o cenário se partiu em dois e, como explicar?, Jesus veio paam e daí, isso faz sentido?, a Via-Crucis e tal...

Má interferência, retornemos agora à nossa programação normal. A lula voava, portanto, e então... algo aconteceu. Não pude ver direito. A câmera rodopiou, estive desacordado por alguns segundos, o mar partiu, voltou, partiu, voltou, e quando voltei a mim, se é que voltei, só tive tempo de pensar que era pena morrer justo agora, com a garota ali em cima. Morri, portanto. Via o meu corpo se afundando como que de cima e de baixo, do céu e ao mesmo tempo do chão, e pude calcular os segundos faltantes para o meu corpo superior tocar aquela parte da minha consciência a que estava destinado, enquanto a visão do outro, afetada pela distância, obliterava-se agora até quase se apagar... Quis me afastar do peso do cadáver, mas não pude. Eu era uma bola de consciência – talvez não uma bola, mas provavelmente uma bola, diremos uma bola, não tinha braços nem pernas, não brilhava, era antes uma bola apagada, como todas as outras, filha e amiga de consciências apagadas, confidente do amigo vulgar da família, sobrinha de grandes ideais se tornando cada vez menores ao longo das gerações... Borboletas... Fim.

Essa apenas uma das milhares de representações possíveis da morte.

Eu queria contar. Eu queria me matar. Eu parei de querer me matar por conta do contar. No entanto, contei que morri. Ou morri contando. É um belo truque. A extinção da consciência, tão sutilmente executada... pode ser... divertida. Não – trágica. Não – ideal. Deixar para lá. Pensava sobretudo em dar continuidade à paella lhe adicionando o amor, este excelente pepino. Ah, o amor. Tentativa de conceituação. Trata-se de um sentimento contraditório e grande e irreal que faz com que você se comporte feito um perfeito hipócrita sem atentar às pessoas que o conhecem muito bem e acabam de se nausear à mesa do almoço,

porque já vinham de uma gastrite nervosa. Creio que isso dará conta do amor. Próximo. A paixão. Logo mais o medo, o ódio, o rancor, a crise final, o ciclo que recomeça... Numa palavra, tudo aquilo que nasce e se prolonga indefinidamente com a paixão. Que belíssimo sentimento. Tudo isso, claro está, no contexto da lula. Mas vamos rebatizar essa tal de paixão, penso que para os nossos propósitos a palavra bebedeira será mais apropriada. A bebedeira é comumente verificada entre os “jovens”, com menor frequência entre os “adultos”, sempre nos “idosos”, afinal, se você cheira enquanto é jovem é louco, se não cheira depois de velho também. Os ditados populares são, eles mesmos, em grande parte frutos de bebedeiras as mais temerárias. Os livros estão cheios de bebedeiras, e um dos seus propósitos, eu disse à lula, é incitar as pessoas que não lêem a aceitar a bebedeira como ato socialmente tolerável, o que não se conseguiu fazer até hoje, século vinte ou vinte e um, não me lembro bem, mas seguramente séculos após a morte da palavra impressa. Os livros não são importantes, de todo modo. Nem a bebedeira. Nem as minhas opiniões. Nada é importante, quando se está desocupado assim. Senão a lula, nadando. Ela se aproxima agora de uma bola brilhante, e quando a toca, mesmo que apenas, sou tomado por intensas convulsões. Ou, dependendo da região do toque, de uma imensa simpatia. Quando ela não só toca, mas se mete a querer carregar a bola, envolvendo-a com tentáculos que jamais poderíamos ter adivinhado tão confortáveis, perdemos o controle completamente, e não sabemos, há um bom tempo, o que é que vínhamos dizendo.

Estou no terceiro dia sem fumar. Creio que, neste passo, até o quarto ou quinto já terei me descoberto o novo Buda. Estarei então todo imerso numa viagem só minha. Ou então, feito fumaça, terei me escafedido... Melhor pensar em outra coisa. Cigarros espalhados pela

sarjeta... Mas e a minha dignidade? Que digníssima dignidade. Qualquer coisa semelhante ao candidato à presidência pelo partido da direita acaba de passar por mim carregando um cachorro-quente e um cigarro apagado do tamanho de um charuto. Pensando bem, não é improvável que seja um charuto. Será um charuto, e o cachorro-quente, o cachorro-quente, confundi-lo com o quê? Será ele apenas um cachorro-quente? Isso sim improvável. Mas a mim, é claro, tanto faz. Pois terei mesmo que me contentar com uma mera mordida arrancada au fur et à mesure enquanto ele passava. Então ele se virou e me estendendo documentos começou a me contar uma história sobre a sua infância. Não. Eu me virei e pedi um charuto para ele. Aí então é que ele se virou e contou para mim uma história que não se tratava da história da sua infância em absoluto, mas outra, outra por completo, que transcreverei. “Na noite de dez de abril de 18..., quando as tropas inglesas aportaram no posto da Terceira Divisão Naval da costa da Nova Zelândia, o Major White me chamou ao seu escritório para que conversássemos a respeito de alguns focos rebeldes recentemente detectados na região sul da Ilha do Norte. Lembro-me de cada detalhe dessa noite. A lua minguante e tudo. As estrelas. Bobagens assim. Eu passara o dia espairecendo na proa com meus colegas do Colégio Naval Imperial, todos nós convergentemente alocados por ordem expressa da Rainha. Éramos uma equipe especial, digamos, todos juntos desde o começo era a filosofia, e o caso era tenso. Acontece que tínhamos acabado de descobrir que um dos líderes revolucionários deles, conhecido pelo nome de guerra de Enzian – em homenagem, viríamos a saber, a um velho personagem que liderara a tribo dos Herero durante a Segunda Guerra –, chamava-se de batismo Lord Richard William IV, e havia sido nosso instrutor no CN, de modo que estávamos todos bastante confusos. Quem nos passara a informação fora uma menina que Livingstone adotara para concubina. Agora, imagine só. Nem todo mundo confiava nela, é claro. Ela era nativa da Ilha do Norte, a família estava lá, toda a turma, podia muito bem estar mentindo em nome do sagrado vínculo com a terra ou o que o valha... E o negócio é que não

podíamos nos arriscar. Livingstone foi mantido na África, ele e os seus seis ou sete anos de experiência, com desculpas que Deus sabe que ele não comprou, e nós fomos à Nova Zelândia para conferir e confirmar a história ou arquivá-la de uma vez.” Estava de costas enquanto ele contava, razão por que pedi para que repetisse. Ele o fez. Quando terminou, já era noite e eu pensei que precisava estar em outro lugar e me despedi e logo estaria no outro lugar fazendo outra coisa, qualquer coisa, sabe como é. Além disso, enquanto ele retomava a história do começo, eu comecei a me sentir tão terrivelmente consciente do meu estômago e o local por ele ocupado no ventre, local sem barriga, em mim, conquanto saliente de um modo que eu não saberia descrever para muito além de estranho, que tive que arrotar, pedir perdão, arrotar novamente, e se ao final desse ciclo ele já não tivesse desistido, como tinha, arrotaria ainda mil, duas mil vezes mais, caso, esteja claro, fosse necessário e nada além disso. Não sou melhor do que ninguém. Se fosse... então talvez não continuasse sendo de todo modo. Ando reparando nos jornais e, a julgar pelo que acontece, as coisas já não existem mais, não como se imagina que sejam – arriscaria até a dizer que não se preza mais por imaginar. É um luxo caro, imaginar. Custa por exemplo... o contentamento. Apenas. E o olho direito da cara de antemão feia. Enrugada etc. Ligeiramente deformada. Quase imperceptível, é claro. Um preço pequeno para as milhares de maneiras de ser melhor que alguém que disso sobreviria. Da imaginação, digo. Se eu fumasse um cigarro agora, o certo é que poderia me privar um pouco mais das coisas, como se a privação se dirigisse ao cigarro, é claro que não, estou divagando. A imaginação então talvez suprimida. Se eu pudesse fumar... e ponto. Mas não é possível. Literariamente falando, digo. Não é o caso. O que eu preciso fazer ou falar ou pensar e suprimir o fraco murmúrio agora é outra coisa, outro lugar, outra cena. Outros personagens. Não mais eu, por exemplo. Ou eu apenas observador dessa vez. Mas me preparava para dar o fora daqui quando fui interpelado pelo homem que comia o cachorro-quente. “Talvez você preferisse ouvir a história em versos?”, ele me perguntou. De fato, talvez preferisse ouvir a

história em versos. No entanto a lógica não é boa. Porquanto por mais que preferisse ouvir a história em versos à outra opção, a saber, ouvi-la de outro modo, narrada em primeira mão, abundante em simulacros da tão sonhada oralidade, o que eu queria mesmo era dar o fora daqui. Razão por que me calei. Isto é, deixei que meu corpo inerte falasse por mim. Estava deitado a essa altura, com a cabeça apoiada numa viga de madeira. Senti-me rodopiar e presto me instruí a chamar o fenômeno de tontura. É revoltante. Mas não só. Você está pronto para ir embora, imagine só, e logo vem um homem perguntando se você não prefere uma coisa a outra, quando tudo o que você quer na verdade é não estar ali para ser perguntado quanto a isso, o que já aconteceu, evidentemente, e portanto já não é mais uma possibilidade. É o futuro em abstrato de Márias se concretizando bem diante dos seus olhos. E todas as aporrinhações decorrentes.

De todo modo fui embora. Estou agora aqui, sob os portões de uma torre, para os desinformados. Na verdade, os torrões de uma porta. E é uma porta enorme. Através dela escuto os gemidos da Democracia indo embora. Que poético. Mas não só. Duas vozes, uma grave, outra estridente, que intuo pertencerem a Winston Churchill e à Rainha do Futuro, respectivamente, conversam sobre algo que a mim soa como culinária. Podendo bem ser carpintaria, marchetaria ou, é claro, tabagismo. A Rainha do Futuro é uma fumante inveterada, e como tal conquistou os títulos de Melhor Fumante do Mundo e Pior Fumante do Mundo nos campeonatos de Glasgow e Goiânia, respectivamente. O primeiro devido à sua tragada, à elegância de sua tragada, bem como à longevidade que tragadas reiteradas do gênero não costumam permitir, ostentada pela Rainha em questão como se não passasse de um resfriado. O segundo por conta do Aquecimento Global. A que, a crer no Departamento do Aquecimento Global, a fumaça do cigarro contribui na razão de 80% a 120%. Não que a sintaxe desse margem à margem. Mas você conhece os estagiários!

Descrever agora as portas da torre. Duas. Fechadas. Dentro necessário falar como se alguém ouvisse. Fora tudo bem. Fora uma bagunça tremenda. Lixo espalhado à altura de casas etc. Dentro esplendor! Glória eterna etc. Convidados ocupam trezentos primeiros ou mais baixos andares. Residentes cinco últimos ou mais altos. Esquema de compra e venda: não se compra nem se vende. Os residentes estão lá por mérito. Pois é necessário ser convidado antes de residir, e mesmo então mérito necessário. Mérito portanto a moeda de troca vigente. Como se tornar residente? Não é a questão. Pois aqueles que se tornam residentes o fazem inopinadamente. E hóspede? Para se tornar hóspede necessário querer e se esforçar de vez em quando. Falar como se alguém ouvisse etc. de vez em quando. Desnecessário dizer, Winston Churchill residente. E a Rainha do Futuro? Não é a questão. Pois ela não existe. Verificar a validade da afirmação.

Descrever a torre. Tarefa ingrata! Como começar? Por qual das suas mil e quinhentas portas, aproximadamente cinco por andar? Quinhentos mil metros e pouco de pé direito total, aproximadamente mil e quinhentos por andar? Ideais vinte e três graus de temperatura ambiente o ano inteiro? Por nenhum dos supramencionados, evidentemente. Começemos por mim. Estou no fim do relato, quase chegando lá. Localização atual portanto bem sabida. Aos torrões das portas da torre, tentando entrar. Não. Não como se imagina. Tentando entrar com a mente primeiro, por assim dizer. Instrumentos arcaicos como corda e pá de nada serviriam. Pois a torre repele as coisas físicas. Necessário portanto se tornar pensamento. Preferencialmente um grande pensamento. E necessário igualmente tendo se tornado pensamento falar, e isso como se alguém ouvisse. Conceito muito interessante. Abandoná-lo.

Por mais que a gente se esforce por ver as coisas como elas são, impossível. À primeira vista a torre apenas uma torre. Dentro no entanto que delícia! Trata-se talvez de um

castelo. As pessoas trabalham. E tudo é como devia ser. Pessoas magras e de pele branca por exemplo. Digitando textos em perfeito acordo com as normas sintáticas e a nova ortografia. Versando sobre o amor etc. Fora um bando de pistoleiros que circunda a torre sem encontrar a porta. Não obstante a porta está lá, e bem visível. Mas não a encontrarão. Pois a porta só se dá a ver àqueles predestinados a entrar na torre. Donde divisar menor vestígio da porta ao longe um belo incentivo para continuar se esforçando. Se estivesse dentro, talvez pudesse descrevê-la melhor. Talvez esteja, quem sabe a descreva. Não é provável. Esforçar-me me esforcei, não é isso. A Rainha do Futuro em posse de uma das sete chaves. O velho Winston da outra. E as cinco restantes? Igualmente espalhadas ao longo dos trezentos e cinco andares, aproximadamente 0.016 chaves por andar. Sua localização? Sobre o topo do edifício uma lua gigante, tentáculos envolvendo os últimos trinta andares ou trinta andares mais altos. Distante do mar como eu da lua. A lua sangrenta hoje.

Verificar possibilidade de entrar pelas janelas. Percebem-se muitos vultos nessa esperança. Pares de olhos largados ao chão dão idéia da insuficiência de cada um deles. Pois todos que almejam escalar pelas janelas portam um ou no máximo dois pares de olhos que deixam rolar ao se estatelarem no chão. Entrar pelas janelas portanto impossível. À comunidade afigura-se lhe uma maldição. No entanto nada indica claramente o que haverá por dentro das janelas que faz tão mui exímios escaladores caírem derrubando os olhos. Os olhos, o que representam? A crer na biologia, nada. É no campo da semiótica que encontraremos quem sabe algumas respostas. Analisar semioticamente. Não. Fazer outra coisa. Escandir versos. Trabalhar. Daí eu vou lá e trabalho bam e daí? Fazer outra coisa. Pescar. Não. Defender uma idéia. Daí eu vou lá e defendo uma idéia em outro lugar outro país e bam e daí? Voltar ao meu país de origem. A terra da torre. A lua sangrenta. Etc. Fora os pistoleiros que continuam a rondar a torre sem encontrar a porta. Perguntados, revelam suas intenções. Depois vão embora carregando sacas de arroz e retornam ao seu país de origem, a

terra de outra torre, outra lua sangrenta, daí eu vou lá e digo e daí? Não. Falar como se alguém estivesse ouvindo. E asneiras decorrentes. Por exemplo. Meu camarada você sabe quem foi que fez aquilo que da última vez você não sabia e agora espera que eu saiba devido ao mero fato de eu ter colocado a questão? Pois eu sei. Etc. Ou Meu camarada há uma lula gigante pendurada da torre, tentáculos pendentes, visgo como chuva sobre os olhos rolantes no fosso. E daí? Começar de novo. Falar semioticamente. Isto é, dar a entender significados através de imagens. Isto é, enganar e mentir Meu camarada. É assim que as coisas são, ela disse, eu disse outro dia, contando a história sobre ela para ele, que não estava interessado. No entanto falar como se ouvissem sempre. Por mais que os olhos rolando em suas órbitas permitam entrever escleróticas. Certa feita então outra vez ela disse outra coisa e outra e outra. Depois nós fomos para outro lugar fazer outra coisa, sempre a fim de atingir tal resultado bem alardeado por mim e pelos meus em alguma revista de grande circulação representativa do cenário nacional e mesmo mundial. Foi assim que começou a história que eu não queria contar. E a fábrica, quando fomos visitá-la pela primeira vez, estava destruída desde a Segunda Guerra (ou Primeira), razão por que seus olhos se acenderam. Eles balançaram canetas-tinteiro diante de nós e se retiraram levando uma bolsa de trinta mil reais que eu gastei toda indo a Nova York sempre a fim de fazer uma nova tatuagem, contudo a primeira. Chegando lá fazia frio e sem aquecedores enrolei a lula ao redor do pescoço, visgo encobrindo órbitas dos olhos e demais orifícios cranianos. Assim era bom. Assim era certo. Descrever um pouco o cenário talvez enquanto durmo ou então você vai simplesmente se entediar. Tudo bem detalhado. As coisas eram retilíneas e uniformes, as que não eram de outro modo, claro esteja. As coisas de outro modo luz incidindo obliquamente sobre elas redondas e uniforme ou simplesmente variadas. Acreditando ter dormido então ri de alegria e me decepcionei, depois creio que dormi de verdade. Meu camarada! A época de ouro. Sem mencionar nomes. Só as coisas, puras e retas. No entanto a minha tatuagem, que primor. Que

colosso. Bastante importada, pinceladas evidentemente artificiosas pensadas de antemão alguns anos atrás por um mestre tatuador que se faz chamar pelo nom de guerre de Sofia. Meu camarada você não sabe como é portanto em minha benevolência auto-suficiente de merda lhe direi. É assim. Exatamente assim. E todas as conseqüências.

Tenho recebido muitas cartas. Cartas escritas por pessoas. Pessoas obcecadas pelo fim do romance. O que eu tenho a dizer sobre isso, querem saber. Que é como perguntar,

Qual o segredo para tirar prazer das coisas?

Embora não o seja de todo.

II

U m a t e m p o r a d a e m M e i a – P r a i a

O PRÓXIMO PASSO NESSA JORNADA, diz-me a lula, será a gloriosa tentativa de retomada. Estaremos numa sala, numa sala com outras duas pessoas. É uma sala pequena, digo, os ângulos são retos, as paredes brancas de arestas de aproximadamente cinco metros. Três pessoas dentro, digo, todas brancas, no teto um ventilador amarelo de quatro hastes, cada uma medindo metade do tamanho da diretamente oposta a si, às últimas conseqüências do ad absurdum. Uma das pessoas eu. Duas das pessoas desconhecidas. Uma luz amarela aparentemente emitida pelo centro do ventilador, amarela modo de dizer, uma luz não-branca, semelhante à cor do próprio ventilador. O foco abarcando eu e alguns conceitos. Prevejo outros dois personagens aguardando a sua vez na penumbra. Eu girando sob o foco de luz, sinto, ou a sala girando em torno de mim e do foco de luz, impossível verificar, acredito. Faz calor dentro do foco, penso, os conceitos giram ao meu redor e em torno do próprio eixo, as pessoas giram também, ou sou eu. O clímax começa a se anunciar com a introdução e o subsequente desaparecimento dos conceitos na minha cabeça, mas nada acontece. Queda do meu corpo, digo, desaparecimento dos conceitos, breve intervalo de fedor e trevas, quando a luz retorna é focada em outro dos dois personagens. Infelizmente. A temperatura do ambiente parece ter se diminuído. Rasgo de luz portanto, sobre a cabeça do outro personagem primeiro, e a lenta associação de partículas de outro modo invisíveis em conceitos concretos que se metem a dançar ao redor do dito personagem. Elevação e subsequente execução em pleno ar da dança conceitual. Presencio, na outra extremidade da diagonal em que descanso sentado (posição fetal, chupando o punho direito em frangalhos), o terceiro personagem, mesma atitude. O personagem no centro da sala se retira por sua vez a outro canto, a temperatura é

sensivelmente reduzida, é então a vez do terceiro personagem. Mesmo procedimento. Assim por dias. As paredes se afastam umas das outras cada vez que o ciclo é concluído na razão de meio centímetro por ciclo. A temperatura o inverso, em outra razão. A caminho do zero absoluto, portanto. Jamais lá. Outra situação agora, mesma sala, temperatura preocupantemente baixa, arestas dois mil metros, um cubo perfeito. A gravidade funciona como que em condições normais de temperatura e pressão, ninguém sai voando. Partículas conceituais aparentemente dispersas, conceitos rarefeitos, nenhuma bola. Focos de luz em número aumentado. Mais uma pessoa no canto que antes restava, mais um desconhecido. Cubo perfeito, diagonal por demais comprida para poder ver o canto oposto, arestas igualmente, eu num canto. Os três outros personagens iguais a mim. Punhos renovados, não mais frangalhos. Prateleiras nas paredes focadas pela luz, em cima trezentas e vinte peças de utensílios domésticos com etiquetas de preço harmoniosamente espalhadas ao longo do interior do cubo. Frio, fedor e trevas, todos intermitentes. Eu me levanto, dirijo-me à extremidade mais afastada da prateleira da aresta à direita, estico o braço para dentro do foco de luz, alcanço uma caneca com motivos chineses, retorno à minha posição. Movimentos lentos. A luz se reduz sensivelmente, assim como a temperatura. Quinze minutos ao todo. Então outros quinze minutos de frio, fedor e trevas, depois o próximo. A pessoa do canto adjacente à caneca chinesa se dirige com passos lentos à extremidade mais afastada da aresta à sua direita, estica o braço, alcança um cinzeiro metálico (base verde metálico), retorna à posição original. Quinze minutos ao todo, redução sensível da luz e da temperatura, a vez do próximo. Assim por anos ou até que alguém encontre o pegador de macarrão em formato de lula. Cada um dos participantes possui uma luz fraca que pode ou não emanar do peito, à altura do esterno, em todas as direções fisicamente possíveis, dependendo em razão direta da quantidade de itens angariados. O objetivo esvaziar as prateleiras. O cubo localizado numa área de arestas duas vezes maiores que as suas próprias, mas estas não crescem. Fora do cubo

temperatura de aproximadamente cinquenta graus Celsius. Área ao redor branca, superfície do cubo branca exceto por portas de entrada, no teto, chegar por meio de escada portátil. Carros abandonados estacionados ao longo do piso branco ocupando uma área de aproximadamente três quilômetros quadrados. Ninguém nem nada mais. Dominando o horizonte o sol, visto de uma distância de quinhentos metros do cubo (interposto entre observador e sol) aparentemente o dobro do seu tamanho em condições naturais de temperatura e pressão.

Mais além dos limites da área branca em que repousa o cubo uma cidade. Uma cidade branca, aproximadamente três mil vezes o tamanho do cubo, três milhões de habitantes brancos, todos apinhados no ponto de ônibus a quatrocentos metros noroeste do cubo a dado momento.

Três horas mais tarde o grupo desfeito. Metade da população em frente a uma tevê de quinhentas polegadas sobre a bandeira pátria na praça central, a outra em casa, comendo Doritos.

O suficiente sobre a população. Relato da transmissão. Homem de meia-idade (cabelos grisalhos, olhos perdidos em si mesmos) abrindo e fechando a boca em movimentos de quebra-nozes. Fundo bandeira pátria, estante de livros, um elefante à distância. De quando em quando cruzando o cenário crianças nuas em cipós. Vestimentas do homem um terno cinza uma camisa branca uma gravata preta. Parte inferior fora do enquadramento, pode ser que não vista calças.

Três horas depois o mesmo homem num bar, sozinho. Movimentos de quebra-nozes ainda presentes, o balcão do bar de cinco metros de comprimento por um de largura, nenhum garçom que justifique a cerveja à frente da sua cabeça, um pouco abaixo, borda do copo à altura do queixo quadrado. O bar um cubo perfeito, quinze por quinze, isso são quilômetros, digo, metros. Homem sobre banqueta de um metro e meio de altura, tronco aproximadamente

um metro de altura, o balcão alto demais em relação ao pênis. Do outro lado do balcão escuro abissal. Temperatura suficientemente baixa para que moscas morram.

Não, não há moscas, não há senão o homem afinal sem calças sobre a banqueta e em algum ponto da superfície do cubo a que chamaremos piso um aquário de quinze metros por vinte, sete de altura, longe da vista e de qualquer foco luminoso. Temperatura dentro do aquário aproximadamente zero graus, apenas acima de zero, dentro a lula e outros objetos marinhos. Presença da lula pressentida pelo homem, escuro abissal talvez seu indicativo mais eloquente, mas não há garçons. Dentro do aquário lula e plânctons e conchas e peixes menores para alimentação. Lula provavelmente roxa, impossível verificar. Tentáculos em repouso, gentilmente flutuantes. Dez tentáculos, oito sem bicos e línguas ósseas, dois com, e uma cabeça comprida fálica munida de dois olhos negros agigantados provavelmente pelo alto coeficiente de refração da água. Água salgada.

O suficiente sobre a lula, retornemos ao bar. Mais ao fundo, próximo ao canto diagonalmente oposto àquele mais próximo ao homem sem calças, um cadáver em decomposição. Ralos cabelos loiros, olhos esbugalhados rotos, dentes enegrecidos descobertos pelo que já foram lábios (não mais). Posição desconfortável, braço direito sob tronco, esquerdo espalmado contra o que convencionamos chamar de piso, cabeça voltada trinta e dois graus à direita em relação à clavícula, esta trincada. Pernas estendidas abertas, resquícios de estupro tais como esperma e escoriações na parte interna. Vestido com motivos florais denotando descontração. O que a sua mãe chamaria de crime hediondo, cujo perpetrador, escondido no canto mais próximo à garota (e lembremos diagonalmente oposto ao mais próximo ao homem sem calças), parece se regalar encarando a conjunção de superfícies previamente referida como “canto”. Ritmo de respiração normal, temperatura corporal normal, para todos os efeitos um homem normal, apenas gosta do escuro a ponto de se satisfazer plenamente encarando o canto mergulhado em escuridão, só isso. Idéias

igualmente normais também, pensamentos variando do resultado da loteria à gama de decotes observados dentro dos últimos trinta e cinco anos.

Tentativa de retomada abortada. Mais valeria sair cantando hinos. Estou cansado outra vez, é claro.

Quase sucumbi, não há muito, ao desejo de querer desejar a felicidade. Seria o primeiro passo da caminhada que vai dar numa espécie de esgoto a céu aberto. Acredito que até chegar a efetivamente desejar a felicidade, os meus cabelos já estariam mais ou menos brancos. E aí, é claro, seria tarde demais para alcançar o objetivo final. Uma vez que a felicidade não é mesmo tudo aquilo que se imagina, acho que é melhor eu ficar por aqui mesmo. Ou ela é tudo aquilo que se imagina, e quem é que se imagina essas coisas? Não eu. Uma história sobre a felicidade, então, talvez isso ajude a esclarecer as coisas. Será uma parábola das boas. Você verá a essência da felicidade verdadeira. Você verá nos personagens semelhantes seus, ainda que não goste de chegar tão perto dessas estranhas criaturas, não apenas o que eles são, mas muito mais, de modo que vai desejar talvez ser um deles, quem sabe não seria mau, e coisas do tipo. Você vai detectar no enredo um ou dois episódios com que o homem comum já está bem acostumado – o homem comum, conceito oposto ao de *homem do saco* ou *astronauta*. Você vai rir, vai chorar, vai vibrar junto, vai acabar sentado de ponta-cabeça e jamais vai se dar conta de que há algo errado com o fluxo do sangue para a cabeça. E vai até morrer, provavelmente. Da minha parte, eu não vou entender porra nenhuma do que eu contar, eu acho que é impossível entender porra nenhuma do que eu conto, e eu não sou louco. No entanto, verifiquemos se é possível entender qualquer porra do que qualquer

pessoa conta. Não vamos sequer nos importar, neste momento, com uma definição satisfatória do entender – sequer com uma definição satisfatória de momento. E muito menos com qualquer outra coisa. É possível entender sem se preocupar? Sim. Agora, quanto à questão original deste parágrafo, qual seja, É possível entender qualquer porra do que qualquer pessoa conta? – evidentemente, a resposta é não. Não é possível entender qualquer porra do que qualquer pessoa conta. Na verdade, não é possível entender porra nenhuma do que ninguém conta. Verifiquemos a veracidade dessa afirmação. Isolando o termo “nenhuma” já se apresentam as primeiras dificuldades. O que é nenhuma, senão o feminino de nenhum? E o que é nenhum, senão ninguém ou nada? E o que são ninguém ou nada? Onde estão ninguém senão em lugar nenhum, o que se faz com nada, senão mais e mais nada – e o que seria mais nada que nada senão tudo? Os nossos cientistas católicos particulares estão trabalhando dia e noite nessas questões. Traremos a resposta logo após os comerciais.

Estamos de volta. Acaba de me ocorrer que se a boa vontade é a única coisa boa sem limites, então as salsichas enlatadas da Poppenburger são as únicas salsichas enlatadas sem limites. As coisas que me ocorrem. Todas falsas. Aproveitam-nas no escritório e em mais nenhum lugar. Genial, dizem, ou Que sacada! Com um sorriso escroto estampado no rosto. Vestindo gravatas da Disney. Escondidos atrás de óculos de aros grossos. Não agüentariam uma orgia, uma orgia dessas que liberam corpo e alma até pelo menos a próxima cerimônia de endeusamento do César da vez. Quem diria. Onde. Escapou. Retornemos de uma vez por todas ao curso normal da narrativa.

Meses se passaram desde que escrevi as últimas linhas. Relendo tudo, adivinho que estava excitado demais para dar continuidade ao relato. Pouco me importa. Eu tinha perdido a lula. Não sabia por onde andava, e por isso tentava desviar o assunto, abordar questões mais abrangentes, quem sabe não me deparava com qualquer idéia feita pelo caminho. Mas idéias não se constroem ao acaso. É talvez o que desejo provar com este relato. Não, isso foi só uma tentativa deslavada de desejar querer provar alguma coisa com esta outra coisa. Continuemos. Tinha perdido a lula. Não sabia onde fora se meter. Ela queria provar alguma coisa, provavelmente, a sua independência em relação a mim, a sua falta de tino no que concerne ao mundo adulto, a sua destreza em escapar das situações as mais insólitas por meio de um jato de tinta negra malcheirosa que lembra o cio das cadelas de rua da cidade em que estávamos ou que abandonáramos. Bem me lembro daquela época. O que me parece engraçado não me parecia engraçado em absoluto. Eu estava ligeiramente nauseado! Não tinha norte. Não tinha comida além de panetones e ovos de páscoa dos anos passados. Não tinha lula. Não tomava banho (a sua mãe já me abandonara, que Deus a tenha) e não via por que fazê-lo, dados os dados. Havia uma raiva lenta, quieta, queimando no meu peito à noite, tão profunda, lá mais para perto das espaldas que do esôfago, que não me parecia possível encontrar posição adequada para dormir, o que era na certa sinal de algum distúrbio mental incipiente até hoje na mente de alguma das pessoas que conheci e havia me contagiado, eu geralmente não uso luvas ao cumprimentar as pessoas. Eu aceno com a cabeça freqüentemente, isso sim, mas às vezes elas ainda me pegam despercebido. Nunca fui muito bom em apertos de mão. Conheço um ou dois possíveis doentes mentais, tratarei o assunto com eles à medida das minhas possibilidades. Numa palavra, o fato é que estava desprovido de toda e qualquer lula. Mesmo a lembrança dela, que alguns poderiam considerar uma parte dela embora eu não veja como ou por quê, apagara-se completamente da minha memória, de modo que, mais uma vez, eu sentia o problema mas não sabia onde estava. O que era. Como resolvê-lo, e até se queria que

fosse resolvido. De modo que passei a andar de olhos fechados. A conexão não é fácil nem sequer imediata, mas eu garanto que funciona. Quando você estiver com um problema, ande de olhos fechados, pensando preferencialmente pensamentos felizes, atentando aos padrões da aura que precede a enxaqueca, o braço esquerdo formigando. Ou quebre um dedo. Os problemas se resolverão como que por mágica. Ou então ficarão subsumidos no problema maior, que se apresenta sob uma forma bem mais administrável. Eu escolhi ficar de olhos fechados e depois de um tempo comecei a me acreditar cego. Era monstruosamente perturbador, porquanto dependo da minha visão para um sem-número de tarefas diárias aborrecidas, talvez milhares delas, desde o acordar – o que seria o acordar sem a visão do quarto escuro? – até o dormir – cego, como diferenciar a vigília do sono? Problemas, problemas, problemas. A alegria da humanidade consiste na resolução de problemas, disse-me a mim mesmo. Sem problemas, respondi, a humanidade se mataria de tédio. Mas então o tédio seria o problema, contra-arguntei. Defina tédio, pensei. Defina humanidade. Mas não disse nada. Sem problemas. Não obstante, não conseguia pensar em meios de solucionar a minha cegueira repentina. Odeio a mesa de operações, bisturis me causam calafrios, quando vejo alguém com máscaras médicas, luvas brancas e pêlos saindo das orelhas, fico de tal modo chocado que só volto a mim horas mais tarde, quando tudo já acabou em meu benefício ou no do médico, que pergunta a senha do meu cartão de crédito. Então abri um olho, o direito, e que maravilha!, minha visão tinha voltado à toda, era um prodígio da natureza, um milagre do pensamento positivo, mas eu não pensara positivo em absoluto. Era um milagre do pensamento negativo, que merda, minha visão tinha voltado à toda e atestado pela importância do pessimismo e do medo, afinal o melhor amigo do homem. Mas ainda tinha o esquerdo por abrir. Então abri o esquerdo e a mesma coisa aconteceu, maravilha, visão voltou, pensamento positivo, um milagre, não, pensamento negativo, merda, medo o melhor amigo do homem. Pisquei, pensei Merda, pensamento negativo, taquei sobre isso outro pensamento

negativo e obtive uma bela idéia positiva, pensei Que maravilha!, mas tinha tornado a abrir os olhos. Maravilha, pensei, estou enxergando perfeitamente, esta cegueira é para o bem como aliás todas as coisas, e depois pensei Foi o meu melhor amigo quem me curou, o medo. Nisso já havia piscado mais de três vezes. Os meus pensamentos eram assim levados pelas pálpebras, muito mais velozes que o cérebro, e as minhas idéias, com a sua licença poética, esvaneciam-se numa miríade de pontinhos cristalinos e duros antes que as pudesse interpretar, qual suor de ratazana em noite fria. Tentei manter os olhos abertos, mas logo eles começaram a lacrimejar. Pisquei novamente, pensei Merda, pensamento positivo traiçoeiro, força de vontade em baixa, mas aí já tinha aberto os olhos e percebido que pensava com duas piscadelas de atraso, pois já estava dormindo. Enquanto dormia sonhei que dormia e estava cego, pensando Merda, merda, merda, merda, depois Que maravilha! Que maravilha! Até que acordei com os olhos fechados e me acreditei definitivamente cego. Consolei-me, inclusive me alegrei, pensei Pelo menos este outro problema está solucionado, os pensamentos em ordem, os olhos mortos, sorri de mim para mim, abri os olhos e falei Merda. Fechei-os novamente, pensei Que maravilha!, fiquei pensando na cegueira, no alfabeto dos cegos que aprenderia, nas bengalas bonitas que compraria, nos cachorros e enfermeiras que me atenderiam, a cirurgia estava descartada, ser cego seria a minha próxima grande coisa, até que abri os olhos e vi. Pensei Que maravilha!, estava numa boa disposição de espírito, enfermeiras só fariam estragar tudo, cachorros me dão alergia, alfabeto eu já conheço este, mais que o suficiente, e a próxima grande coisa, então, seria me acostumar com essas idéias que acabara de forjar. Isso me providiria diversões até pelo menos a semana seguinte, quando teria que voltar a encarar de frente o problema. Mas uma tempestade se formou fora do meu quarto, era uma cidade costeira, o tempo fechou de um segundo para o outro, eu fechei os olhos e me acreditei cego novamente, até que ouvi um trovão. Pensei OK, talvez não esteja cego afinal, o mais certo será acender a luz, tateei pelo interruptor, não o encontrei, levantei-me da cama e

fui procurá-lo com o nariz numa pilastra escura como o breu, o sangue sensível sobre os lábios tingindo o pijama de negro. Pensei Merda, talvez esteja cego afinal, cego e com o nariz quebrado, até que encontrei o interruptor. Mexi no interruptor, para cima, para baixo, para um lado e para o outro, nada aconteceu, pensei Que maravilha!, Estou cego realmente!, mas o meu celular tocou e eu pude ver a luz do toque, pensei Merda, estava sem eletricidade, atendi o meu celular e o levei à orelha, mas não ouvi nada e estremeci de medo. Estou surdo, pensei, surdo como uma porta, ainda não decidido a me posicionar contra ou a favor do fato enquanto não o confirmasse. Meti-me a cantar uma canção sobre o escuro, ouvi a minha própria voz, pensei Que maravilha!, não estou surdo afinal, então senti uma mão no meu ombro e pensei Merda, pois não ouvira quem quer que fosse se aproximar, é fato que estou surdo. Mas era a minha mão, eu tenho essa mão boba, raramente me obedece como eu desejaria, pensei Que maravilha!, eu ainda escuto. As luzes fluorescentes piscavam, e a suspeita de que eu talvez não escutasse, provocada pelo acender e apagar incessante sem ruído algum, fez com que eu voltasse a temer estar surdo. Recuperara a visão no entanto, Que maravilha!, e tinha bastante com o que me ocupar agora que estourava um plástico-bolha para ver se escutava os estalidos. Não escutei muita coisa por muito tempo, pelo menos não além dos carros lá fora, a doze andares e ainda assim ensurdecedores, pensei que se escutava os carros então isso já me seria suficiente para me considerar portador de uma audição perfeita, mas outro trovão estourou e não ouvi barulho algum. Pensei Merda, estou surdo mesmo, e assim pensei por alguns segundos, após os quais, esteja visto, o barulho do trovão anterior chegou simultaneamente ao de outro cuja luz acabava de inundar o quarto. Fiquei estarecido com a proximidade deste último raio e fui para a cozinha, acendi velas (ouvi o clique do isqueiro, vi a chama), sentei-me diante da geladeira, que acabara de tirar da tomada, e preparei um sanduíche. Pensei Devo estar surdo, merda, ao não ouvir o barulho metálico dos talheres na gaveta, amaldiçoei a comida, perdi a fome ou assim pensava, porque logo ouvi o meu estômago roncar e me

alegrei, Eu ouço. Mas ah, o paladar, este eu decididamente tinha perdido. Bocadas do sanduíche deslizavam pela minha língua, a luz da cozinha piscava, os carros voltaram a buzinar lá embaixo, e a única sensação que eu tinha a engolir era a de um aperto na garganta. Merda, estou sem paladar, pensei. Olfato eu tinha, podia sentir o cheiro do queijo, podia ver o queijo com os meus olhos e até escutar o queijo tostando ao lançá-lo ao fogo, mas o gosto da comida propriamente dito eu não sentia. Peguei um bombom para confirmar, senti um forte gosto doce e só. Merda, pensei, estou sem olfato, meti-me a cheirar temperos, espirrei, espirrei e nada, provei um pouco de pimenta e apenas o picante se manifestou, continuei a espirrar, até que coloquei na boca o punho direito e não senti nada. O punho direito em frangalhos de tanto ser chupado, coloquei-o na boca e não senti nada, pensei Que maravilha!, mas logo percebi que a sala cheirava a queimado e senti calor por algum tempo, depois voltei a dormir. Acordei abordado por um psicólogo. Ele me falou que encontrara a lula zanzando pela cidade, eu ouvi tudo o que ele disse, uma verdadeira aventura, a lula cruzando a rua em sinais verdes e provocando cacarejos em crianças, agradei, ele ficou parado, coloquei-lhe cinquenta centavos na palma da mão aberta em riste, ele foi embora. Eu não senti mais nada. Depois eu me decidi. Não atentaria mais a mim mesmo. Jamais. Fui inocente o bastante para acreditar na firmeza da minha resolução. Não demorou muito a que estivesse enfiando a cabeça no forno da cozinha, as pernas bambas, pensando em pássaros. Pensei então, Vou continuar a minha história. É o que preciso fazer para me esquecer de mim sem precisar morrer. Então eu retomei de ponto nenhum, ou então inventei um ponto qualquer de uma história que nunca começara a contar, coloquei a lula numa mochila e a mochila nas costas e saí em viagem pelo país por exemplo, pedi algumas caronas, tomei alguns ônibus, conheci algumas praias, iluminei tudo com a luz do meu peito que só faz anular o contraste provocado pelos olhos ofuscados, azuis-celeste, ocupando metade do meu rosto, sim, os meus olhos grandes e negros são azuis-celeste afinal, isso só porque estava com preguiça de começar do

nada, conjugar demônios em formatos humanóides e humanos de papel, lugares igualmente, o cheiro das coisas, o que dizer do cheiro das coisas senão sentir, senão cheirar. Disse a mim mesmo, para começar por algum lugar, um começo-ponto-de-fuga que não passava de uma ficção: Este será o último parágrafo da minha história. Que não significasse nada, isso já não me surpreenderia. Pensei depois, Este parágrafo será longo. E, Ainda que não signifique nada, este será o parágrafo mais longo de toda a história da minha história. E ainda, Não sei o que vai me acontecer, mas ainda que não saiba o que vai me acontecer, este será o parágrafo mais longo de toda a história da história da minha história. Assim recomecei. A primeira cidade em que aportei com a lula, após ter andado um bocado de estrada e conseguido enganar um caminhoneiro que me contou episódios nefastos da sua vida em seqüências de não mais de três palavras – comi... Olívia... delícia... –, foi uma cidadezinha costeira próxima a Chihuahua. Não, esta cidade não é a Chihuahua que se conhece, sequer o cachorro. É uma cidade secreta, só eu aportei nela com a lula em milhões de anos de estância e portanto me vi no direito de batizá-la, e batizei Chihuahua, não porque tenha grande simpatia por chihuahuas ou por cachorros em geral mas porque foi a primeira palavra que me veio à cabeça. Pensei no meu próprio cachorro talvez, ele não é um chihuahua mas não faz mal. Lembrei-me de que ele não era marrom. Ele era branco, acredito, branco como a neve, e nadava, em dias felizes, ao redor da criancinha preta submersa na piscina, o meu senhor olhando. O senhor vermelho, se não me engano, com oito ou nove braços, óculos de aros de casco de tartaruga... Mas veja só, eu divago. Vamos nos ater ao essencial. Aportei em Chihuahua. As minhas mãos tremiam. Saí de lá e peguei um avião na cidade mais próxima. O senhor estava do meu lado, a lula na mochila. Eu carregava uma mala também, dentro dela alguns quilos de uma erva que tanto podia ser maconha quanto manjerição prensado. Tendo a acreditar que se tratava deste último, uma vez que os cachorros farejadores, quando cheguei no aeroporto e eles vieram para cima de mim, não tinham a intenção de acabar com as coisas por ali mesmo senão arrancando um

braço à lula. Ao que ela revidou com o golpe do tentáculo estrangulador. Os cachorros morreram. Eu saí do aeroporto. A cena do furto do carro já foi transcrita, inútil repetir. O senhor continuava do meu lado quando cheguei ao bairro de X, lá onde mora o Sr. Q. Casas espalhadas ao longo de ruas. Árvores igualmente, em lugares distintos dos que as casas ocupavam. Pedreiros trabalhando nos quintais. Borboletas multicoloridas. Algumas coisas em chamas. Toquei a campainha. Levava na mochila, além da lula, itens que eram do interesse do meu chefe, tais como o vibrador, os balões, livros raros refeitos através de elaborados processos de refeições, chapéus de festa, pêlos do cachorro, cadeados, utensílios domésticos, carros novos e importados, uma ampulheta, um kaput, pedaços variados da criança. Mas o Sr. Q. não estava. Atendeu-nos a sua mulher, uma moça vinte anos mais nova que ele. Ela não vestia nada por baixo do vestido. O meu senhor se indignou com as auréolas transvisíveis, mas eu lhe fiz um gesto significando, Contenha-se, e disse à mulher, esperando que ela me entendesse, Volto outra hora. Acredito ter deixado uma sineta cair no caminho de volta para o carro, que deixara estacionado a umas vinte quadras dali, porque a dado momento escutei o tilintar de metal contra o chão e não me virei para olhar senão mais tarde, quando a sineta caída não poderia estar visível e não estava mesmo, inclusive na minha mochila. Perdi provavelmente outros objetos depois, pelo que o Sr. Q. me repreenderia mais tarde, isso caso eu realmente voltasse e o encontrasse em casa, coisa distante das minhas intenções. Desejava não ter chefe, não ter saído da minha cidade, esqueci-me ou me perdi do senhor, senti-me um pouco mais livre, mas logo pensei na criança e me perguntei Quem tomará conta dela. Respondi-me O cachorro. Então continuei até um hotel à beira-mar. O hotel ficava na outra ponta da praia, eu já estava cansado de estar lá das outras vezes que vim trazendo itens ao chefe, ele me dava asco, eu me alegrei contudo, essas reações imprevisíveis. Caminhando pela praia observava os meus dedos se afundando na areia, emergindo, os grãos molhados escorregando com velocidades heterogêneas e sobrenaturais de volta à imensa massa de grãos

pisada por turistas, ribeirinhos, plantas e moluscos, nadada por peixes, de fato, a massa de grãos se estendia pelo oceano adentro, tornava-se pedras, corais pisavam as pedras, e pássaros à procura de comida, e pensei então na variedade imediatamente anterior ao infinito de espécies marítimas que enchiam os oceanos, dentre elas a da lula, dando-me conta de que, se quisesse realmente navegar até a costa da cidade mais próxima, então poderia, tentaria, ou então deveria, sei lá, talvez devesse prestar atenção nas folhas, nos pássaros, e me dirigir até onde fosse, qualquer que fosse o seu nome, e gritar qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, e pensar, e dizer, e agora, agora já chega desta frase natimorta. Quando acordei (dia seguinte) a lula já tinha ido embora. Deixara um bilhete escrito na magnífica letra cursiva dos iletrados: *Você foi o meu primeiro e único amor* ou algo do gênero, não me lembro bem, certamente começava com você, referia-se diretamente a mim, talvez o verbo fosse outro e denotasse o oposto de amar, que é, ao fim e ao cabo, eu não sei, o que importa é que era alguma mentira. A lula, por ser um molusco, não possuía muito senso moral, daí que mentia o tempo todo. Rei da previsibilidade, coloquei-me imediatamente a rememorar episódios em que a lula mentira sutilmente. Depois em que mentira não tão sutilmente. E por fim, com lágrimas nos olhos, episódios em que mentira tão brutalmente como um apresentador de tevê proclamando as propriedades sedutivas dos feromonius naturalis. Acredito que a lula ela mesma não fazia distinção nenhuma entre estas três gradações oficialmente reconhecidas das mentiras, o mais provável é que as colocasse todas no mesmo saco rotulado verdade, dava-lhe na mesma, afinal que compromisso tinha ela com as palavras humanas? Não muito. Ela se entendia mesmo era com outros moluscos. Recebia-os no meu apartamento certa época, o começo do nosso relacionamento. Eu ficava no quarto, ouvindo através da porta as palavras monstruosas deles, ruminando na minha vida, no que se tornaria a minha vida se eu tivesse por exemplo uma consciência de molusco ou digamos para fins didáticos de inseto, um só segundo a consciência de um gafanhoto, os gritos que ouviria, e a demência seguindo o retorno ao

estado humano. Porque os insetos são indecifráveis, a sua linguagem é uma linguagem de loucos, você não pode ouvir o grito da borboleta sem passar o resto da vida desejando comer insetos e tê-los inclusive enfiados nas cavidades oculares se calhar. Do mesmo modo como você não pode usar salto alto e batom e sutiã e aspirar à imaculada masculinidade. Trata-se de uma questão puramente formal, não guardo rancor de tão pouco. O que me machuca mesmo, se você quer mesmo saber, é ter que falar tanto, estender-me tão longamente sobre um assunto ou outro, aqui delinear um personagem ou um local, aqui evocar uma voz, um outro macaco ou uma lula, quando na verdade, no fundo, sei que esses assuntos não merecem nem um milionésimo das palavras que lhes dedico, por que eu não sei, talvez por inércia, mas essa é outra palavra e outro assunto sobre o qual não vale a pena falar, então o próximo, o tempo, compará-lo a uma viola ou a uma mesa, o próximo, a morte, e o próximo, e o próximo, e o próximo, e assim sucessivamente, até que o número suficiente de palavras tenha sido desperdiçado e eu possa fazer outra coisa, qualquer outra coisa que não merece a minha atenção, pensar sobre o que disse por exemplo, verificar que não significa nada, ou então andar de um canto até o outro da sala vazia, verificar trovões lá fora, não é mais surpresa, trovões o dia todo, todos os dias, e assim sucessivamente, e depois falar sobre isso, que vi trovões, e depois falar que falei sobre isso, que vi trovões lá fora todos os dias, e ainda os vejo, agora mais um, e mais outro, semelhante ao anterior em tudo, talvez sejam o mesmo, vá saber, e sobretudo depois ouvir dizer que se trata de metalinguagem, dedicar-me a pensar sobre a metalinguagem com os meus pobres instrumentos, o meu polígrafo, o meu senhor, a minha criança, o meu computador, a minha lula, o meu cadáver de macaco, o meu silêncio e as minhas palavras aludindo a situações, personagens, cachorros, trovões, praias, cidades, cheiros, sons, falta de cheiros e sons, a si mesmos referindo-se a si mesmos, a escadas e escadas contraditórias. E depois verificar que tudo o que acabo de dizer não preencheu uma página inteira. É uma sensação semelhante à de receber mala direta dirigida a um defunto. Ou

à de ser deixado pela lula. Numa praia deserta. Um bangalô. Espaço suficiente apenas para um, não sei como pude viver tanto tempo com uma lula adulta aqui. Numa palavra, de não saber como proceder. De início, fiquei sem saber o que fazer. Vivera com ela por tanto tempo, um ano inteiro, talvez um dia, que já me esquecera da luz que emana do meu peito à minha vontade, quando preciso dela realmente, e que me faz sorrir diante de tenebrosos alienígenas em tabernas sombrias. Senti então os meus braços moles, moles e longos, e tateei pelo controle remoto. Um carro negro estacionou à frente do meu bangalô. De dentro dele saíram pessoas maquiadas como o Pagliacci, quinze delas, e foram embora sem dizer palavra. Era talvez um Corcel, talvez um Fiesta sedan, o mais certo é que se tratava do veículo de um velho embora não houvesse, agora, velhos dentro ou qualquer outra velharia. O filme da tevê era a propósito da amizade eu acho, havia algumas pessoas soltando frases que intuí pertencerem à categoria daquelas comumente denominadas de efeito, pequenos diamantes falsos ou epigramas conversacionais desprovidos de todo e qualquer sentido além do sentido que se lhes atribuem os idiotas na linguagem dos idiotas, incompreensível a não ser aos idiotas, um sistema de signos fechado portanto, restrito à comunidade lingüística dos imbecis providos por sua vez dos seus próprios subidioletos felizes. Se ainda tivesse a lula, colocá-la ia sobre a cabeça, os braços pendentes como os de um cachecol, o visgo sobre as cavidades cranianas, e assim dormiria quem sabe para sempre. No dia seguinte estive dando um passeio pela praia e pensei, Esta praia é bonita. Procurei por estrelas do mar, não pude diferenciar as vivas das mortas, desviei de mariscos coloridos, enveredei por um ismo. Na beirada uma pedra enorme, em cima a garota loira. Coloquei-me a nadar ao seu redor como fizera antes, agora sem tempestades, sem trovões, querendo saber o que sairia dali, se a mesma coisa embora as circunstâncias fossem outras, caso em que comprovaria a falta de importância das circunstâncias, ou se uma coisa totalmente diferente, caso em que acreditava aliás desde o início, e por isso não pude dar procedimento à verificação de maneira suficientemente

científica porque a minha vontade já tocara as mãos imundas no objeto da análise, dentro de dois meses os fungos o encobririam a não ser que o colocasse num congelador, caso em que perderia em qualidade de textura, em sabor, por que não dizer joie de vivre. Melhor pesquisador seria eu se, eu pensei, impossibilitado de completar. Mas ah, eu pensei, lá está o trovão. Pois lá estava mesmo, acompanhado de outra lula que dançava. Eu pensei, As circunstâncias não serão as mesmas, uma vez que o ismo, mas o ismo já sumira. Nadava portanto ao redor da pedra sobre a qual se empoleirava a garota loira, as circunstâncias todas semelhantes às da primeira vez, se havia uma diferença era na linguagem com que eu pensava na cena, um pouco destacado agora, comparando as duas situações, traçando semelhanças quem sabe imaginárias, a memória definhando, tornando-se agora, e eu nadando, pensando mais no passado que no presente, lembrando que no passado tampouco me concentrara no momento então presente, Aí está outro traço, disse a mim mesmo, E outro, E outro. Aos poucos as semelhanças se acentuaram a ponto de eu não saber mais se estava lá ou aqui, de modo que me engasguei e pensei Ha!, aí está a mais-valia do meu pensar, uma vitória intelectual e um gole insalubre de mar com merda. Continuei nadando, aproximando-me mais e mais, cheguei muito mais perto que da última vez, depois morri de maneira semelhante. Acordei na praia, algas nos cabelos, um gosto de sangue na boca, e a idéia fixa de sempre, a saber, chegar em casa, regar as plantas, cuidar da lula, dormir, mas lembrei que não tinha lula, que não tinha casa senão um bangalô onde plantas não cabiam, medidas dois por dois, um cubo perfeito, paredes de madeira sem pintar, espaço suficiente para girar em torno do próprio eixo. Pelas frestas do teto a luz entrando com a ocasional abelha, força da gravidade normal por enquanto, alergia a fungos que se escondem em cantos que a luz nunca alcança. A luz nunca alcança nenhum dos quatro cantos. Estou em casa agora, onde me consagro à procura de uma posição adequada para passar o resto do dia. Vamos começar com mão direita num canto da face superior, a esquerda em outro no fim da mesma reta, a cabeça tocando o ponto

médio da reta oposta, os dois pés posicionados um em cada canto da reta oposta da mesma superfície, pernas cruzadas, até agora claro como cristal. Braços ligeiramente flexionados, pernas completamente distendidas, mas eu não tenho dois metros. Pernas completamente distendidas sobre um caixote então, um caixote de dois por um, trinta centímetros de altura, mãos nos cantos do mesmo plano em que repousa a cabeça. Barulho de ondas entrando pelas frestas com luz e duas abelhas se juntando às outras cinco que já entraram. Abelhas posicionadas em pontos aparentemente aleatórios a dado segundo, movendo-se para outros, mas nenhuma delas jamais pousa. Espirro, intervalo de sombra e catarro, quando os olhos se abrem a posição é de mãos nos dois cantos inferiores e pés nos dois do mesmo plano, cabeça em ponto ótimo entre abelhas um, dois, três e quatro, a cinco voando por perto da panturrilha esquerda. Sem caixotes agora, sem madeira e sem frestas, paredes maciças de mármore, abelhas na verdade microcâmeras teleguiadas, o nariz alérgico não a fungos mas a campos magnéticos, tudo claro como cristal. Paredes não de mármore mas de chumbo, sem frestas. Medidas três por quatro por cinco de altura, um pouco mais confortável, um pouco menos odioso, mas não há ar. Adicionemos ao relato a temperatura, quarenta graus Celsius na sombra e não há luz. Mãos atadas atrás das costas, tronco e pernas eretos, o pescoço inclinado quarenta e cinco graus à frente, levemente voltado à esquerda de quem vê (mas ninguém vê), impossível calcular. Suor em profusão, pelo menos uma gota nova brotando a cada dois minutos. Quando não estão brotando gotas de suor um ruído surdo se faz ouvir. Exatamente na metade do intervalo entre a gota anterior e a próxima, de modo que o suor e os ruídos compõem um ritmo estável. Bangalô de chumbo localizado numa estreita faixa de areia, pode ser que sejam as ondas. Tudo isso claro como a própria luz. Mas agora o bangalô se estreita e volta a ser um cubo perfeito, um por um por um, em cima um molusco gigante que nossos instrumentos de reconhecimento facial não se atreverão a categorizar como humano. Dez tentáculos, dois enormes e munidos de pontas em formato de bico como o do papagaio, na

verdade cascos protetores de línguas afiadas, uma cabeça roxa em formato de bulbo e um rosto semelhante a outro de outra pessoa passar ao largo. Tentáculos longos a ponto de revestir quase toda a superfície do cubo descontada a de apoio. Cubo de tafetá com armação de arame, dentro eu, não, nada, eu não caibo dentro disso. Posso tentar, ensaiar uma posição fetal de uma diagonal a outra, no fim das contas eu decididamente não vou caber dentro disso. Verificar por conseguinte a minha localização atual. Dentro de um cubo muito maior, possivelmente um paralelepípedo, também conhecido como o meu escritório ou local de trabalho. Eles vetaram que o chamemos de castelo. Disseram É extravagante, sem que disso pudéssemos depreender uma proibição. Meses se passaram e notas promissórias de demissão alcançaram os cubículos de todos aqueles que continuavam se referindo ao escritório ou local de trabalho como o castelo. Não é um mau apelido contudo, é o que eu penso. Se é que eu posso mesmo pensar, e, se posso mesmo pensar, se possuo em um dos meus quinze bolsos ou na minha carteira o documento permissivo do pensamento. Trata-se de um diploma, é a palavra correta. Ah, a educação formal. Um cadáver que não pretendo esmurrar. Fui recolhendo itens do meu cubículo, gabinete é a palavra correta, no castelo, escritório é a palavra correta, o local onde exerço a minha servidão apelidada emprego. Havia mataborrões. Havia canetas-tinteiro. Havia donzelas de ferro, armadilhas para pegar preás e outros instrumentos de caça. Logo que me identificaram me coloquei a correr. Fui até a cidade mais próxima carregando atrás de mim uma fileira de funcionários em fúria, os mickeys e patetas balouçando ao vento, as mãos cobertas por luvas sem dedos... Lancei-me ao mar e nadei até um ponto seguro no meio do nada. Voltei-me para olhar. Nada. A costa era uma pincelada de bege embaixo de prédios enfiados na terra como palitos de dente numa laranja. O céu uma poça de uísque. A água estava quente. Havia uma BOLA LUMINOSA pairando a não muito mais de três metros da minha cabeça. As poucas pessoas que se encontravam na costa, um pontilhado para retrair coisa nenhuma, assim como eu, estávamos todos de olho na BOLA

LUMINOSA. Da sua parte a bola não parecia estar nem aí, cintilava apenas e cada vez menos, mas tamanha era a atenção que lhe dedicávamos que eu podia jurar, e disse a mim mesmo, O fim da bola será o fim do dia. Chamam isso de crepúsculo à beira mar, mas para mim é uma refeição completa para os pensamentos. Porque, de fato, estivera a bola ali havia poucos minutos ou tínhamos todos nos concentrado tanto no mesmo ponto, um guiado pelo olhar do outro, e eu pelo de todos, que o ponto pareceu existir realmente por algum tempo, pelo menos o suficiente para causar aquele efeito luminoso, semelhante ao de quem mira por tempo demais digamos no horizonte o aparecimento e o subsequente desaparecimento de um esquincle delinqüente? Ainda, estivéramos todos ali realmente durante aquele curto, talvez longuíssimo espaço de tempo ou então eu estive meramente alucinando outras pessoas cujos olhares dirigiram o meu à alucinação maior da BOLA LUMINOSA? E o que é mais, qual é o significado da bola, se é que tem um, senão o recomeço de um ciclo, um ciclo luminoso e eterno e em formato esférico para variar? Eu não sei. Isso é o que eu chamo de uma verdadeira refeição para os pensamentos. Espero que o ponto reste esclarecido. Um átimo de luz num charco irremediavelmente trevoso. De todo modo, retornemos a mim. No oceano. Que aventura. Os itens se encontravam encharcados. O cachorro estava comigo, pensei que não sabia há quanto tempo. O que fazer em seguida, isso estava muito além do meu desejo de saber. Enfiei a cabeça embaixo da água para desanuviar os pensamentos. Sim, o mais certo era que não queria saber, e se não queria saber nada agora, enquanto algas provocavam os meus pés e águas vivas se mantinham a uma distância respeitosa, isso não significava que mais tarde o queria mais ou melhor, ou seja, qualquer coisa. Cumpre dizer que estou acostumado a ficar embaixo d'água por longos períodos de tempo. Sabe como é. Observando a fauna. A flora. E o resto. Muitas coisas, muitas coisas mesmo. Ia fazer outro catálogo, mas penso que a intenção vai dar na mesma. Cumpre lembrar, intenções não são coisas, e palavras tanto menos. Praticar a fala embaixo d'água é dos meus esportes favoritos. Não sei por quê.

As bolhas saem e se estouram. Os peixes olham estarrecidos. Ele é louco, pensam. Eu os observo com os meus olhos de lula. Sei entender o que eles não falam. Mentira. Direi que sei entender o que falam os peixes embaixo d'água, aliás já disse, com a cabeça à altura do umbigo, sem pés senão ventosas, sem braços senão tentáculos, e o que eu disser vai se perder em bolhas, não direi no fundo do mar para não soar poético, mas que em algum ponto a ser especificado nessa sopa nutritiva (jamais). Quando estiver cansado, sem fôlego, faminto ou inserido em qualquer dessas situações que revelam com tanta simplicidade o estado precário em que tudo se dá, aí então, se bem me lembro, aí então... restará a ver. Se não me engano. O que é que acontece. Mas nada acontece. Tirar a cabeça da água por exemplo, um movimento simples e sofisticado e o problema da falta de ar resolvido. Não vivemos em Marte. Essa é a sina. A fome, enfiar a mão de volta embaixo da superfície da água, remexer, remexer, espalmar os dedos contra o solo, executar o movimento circular com os punhos, cerrá-los, ver no que é que vai dar. O que é que acontece. Mas nada acontece. Saindo uma alga, uma vitória. No mais das vezes serão conchas. Cavalos marinhos não são uma opção. Mas não descartemos as aranhas e serpentes do mar. Tanto pela fome. Agora o cansaço. Reclinar a cabeça, nariz empinado na direção do sol, olhos bem abertos, desnecessário dizer cegos (circunstâncias dadas), e lábios apertadinhos, embaixo do nariz, rugosos como o anel do cu. As orelhas abanando, água dentro. Desnecessário dizer tímpanos em azáfama, é muito sal, coitados, nunca se acostumam. Tímpanos uma espécie de membrana osmótica. É a hora do corpo. Não estou enganado. O corpo, este acessório muito penoso de carregar pendente do pescoço, excessivamente grande, excessivamente branco ou roxo. Verificar as possibilidades de se livrar dele. Os policiais estão em volta. Sempre potencialmente. Melhor seria, anatomicamente digo, uma cabeça com braços e pernas. Mais econômico. Imerso em líquidos. Num banheiro eterno. Assim talvez pudesse pensar sem me interromper. O que não é pensar. Assim estive pensando quando fui interrompido por uma tartaruga. A tartaruga era simpática.

Carregava um casco. Não muito grande. Não muito pequeno. Creio que gostava de ser uma tartaruga. Ela sorriu para mim pelo menos, isso eu posso atestar. Um sorriso escarninho como o de quem diz, Estou aqui pela comida. Depois disparou contra as montanhas. Havia montanhas no horizonte oposto à praia. Creio que estava no Japão. Era uma época confusa da minha vida, eu viajava muito, conheci muitas cidades, muitas montanhas, muita gente, de modo que confundo às vezes uns com os outros, as montanhas com as pessoas por exemplo, e não é difícil, em que pese nem todas as montanhas levarem nomes de pessoas. As pessoas, tenho reparado, dificilmente levam nomes de cidades ou montanhas, embora não seja certo dizer que ninguém se chama e jamais se chamou Teotihuacan. Os oceanos, que bonitos nomes eles têm. Mas não chamaria o meu filho de Pacífico, tampouco de Índico. Mediterrâneo vá lá, quem sabe, dependendo do dia ou das demais circunstâncias. Atlântico traz augúrios. Antes o chamaria de Tartaruga, que é um nome simpático. De todo modo, tenho duas razões bastante contundentes para não batizar o meu filho com nenhum nome ocidental e/ou oriental. Passarei a listá-las. Primeiro, não tenho filhos. Isso já foi dito, direi novamente, é importante que o fato esteja bem fixado na cabeça de alguém, Não tenho filhos de maneira alguma, de raça alguma, de cores primárias ou secundárias, quiçá terciárias, vestido de maneira alguma, seja com chapéus ou sem, roupas de banho ou de passeio, pés de pato ou orelheiras para cortar o frio, não, e pensar o contrário, em qualquer instância, qualquer que seja o contrário de não ter um filho, é, foi e será, aqui como em vosso reino, um engano absoluto, ainda que não negue a possibilidade de ter filhos algum dia. Não nego, é possível. Não obstante, por ora é, foi e será. Em segundo lugar, não acredito em que o destino dos homens esteja encerrado nos seus nomes. Acredito em destino, sim, e dos homens, esteja visto, mas, sem mais delongas, a coisa pára por aí. Os nomes estão encerrados no destino comum dos homens, talvez seja isso, não me atrevo a afirmar com certeza, mas algo parecido com certeza é. E sequer cabe falar em contrário. Gostaria, é certo, de ter um filho que fosse o oceano. Não que se chamasse oceano,

repare bem, mas que fosse o oceano ele mesmo, sem divisões, sem reparos. O oceano inclusive a chuva, os rios e a água encanada, o oceano primordial, mas não a sopa. Mas chega de pensar, acabo de quase morrer afogado. Quando penso e não me engasgo, quase me afogo. Não faz sentido tentar outra vez. É difícil sobretudo, como eu costumo dizer, depois do almoço, e mais ainda no mar, quando não se sabe onde começa e onde termina. Talvez essa seja a dificuldade. Mas não vejo como. Preocupo-me com questões mais básicas. Como viver embaixo d'água? Como não? Estive dormindo, acordei, lembrei que sonhava com uma aranha que picava a minha mão, eu apertava o local da picada para extrair o veneno, sugava, enfiava a mão inteira na boca, depois acordei e lembrei que sonhara isso, exatamente isso, e na verdade tinha que continuar sonhando porque não estava mais no oceano senão em casa, a minha casa, um sobrado de dois andares com um senhor, uma lula, uma criança, um cachorro, um computador e quem sabe um ventilador dentro. Depois acordei e percebi que estivera sonhando realmente. Continuava no mar, o cachorro dormindo sobre a minha barriga voltada ao sol. O cachorro branco, encharcado, as orelhas tão brancas que pensei estivessem cobertas de espuma. Os olhos fechados. Estrangulei o cachorro com os meus tentáculos, joguei o cadáver para baixo com um impulso suficiente para que atingisse o fundo do mar, certifiquei-me da minha visão periférica e segui viagem, pedindo carona a surfistas que se encontravam ali por perto. Quando voltei à praia havia uma certa comoção. Pessoas agrupadas em torno de uma água-viva. Ela não fizera mal a ninguém, e contudo eles tiravam fotos, cutucavam-na com gravetos, chegavam perto para sentir o cheiro sulfuroso que se desprendia do corpo transparente, mole, insosso, e dos fios delgados que descansavam atrás. Eu disse, Deixem a porra da água viva em paz. Como tivesse falado baixo, eles não me escutaram. Então repeti, um pouco mais alto agora, Deixem a porra da água viva em paz, e algumas pessoas me olharam. Crianças mormente. Uma vitória em seus próprios termos. Mas não a vitória que eu desejava. Então repeti aos berros, Deixem a água viva em paz, e foi quando um senhor de

mais ou menos setenta anos de idade que eu não parecia conhecer veio e me deu na cabeça com uma verga de não sei que material. Mas não creio que fosse o meu senhor. Ele não teria forças para tanto. Em que enrascada estaria me metendo, perguntei sem querer saber, só por fazer alguma coisa, não precisar prestar atenção enquanto me carregavam pelos oito ou dez braços, Que coisa confortável pensei em seguida, e estive a ponto de ejacular. Mas a sensação não foi tão boa quando me jogaram na caçamba de um caminhão. Era contudo um caminhão supinamente bem feito, as madeiras estavam empilhadas, os cilindros iam para cima e para baixo como se nada fosse, as rodas rodavam satisfatoriamente, o carro de força seguia em frente feito uma locomotiva e atrás o vagão obedecia às ordens como era de se esperar que o fizesse, e o fazia muito bem, na minha opinião, na minha opinião modesta, na minha modestíssima, modestíssssssíssima opinião. Era também grande, o caminhão. Além das madeiras empilhadas havia carrinhos de bebês, aquários, facas ginsu, metralhadoras e refis virtualmente infinitos se não no espaço pelo menos no tempo. Não digo na eternidade, mas no instante em questão. No instante em questão, diga-se de passagem, todas as coisas me pareceram infinitas, como que num still de um filme de ação cuja estrela maior não fosse o Stallone ou qualquer outro pseudo-humano mas antes o próprio Deus. Mas o momento em questão fugiu mal passou, foi embora, apagou-se sem deixar pegadas, retirou-se da casa paterna e para lá nunca mais voltou, e eu pensei, Que se foda, essa porra de instante de merda, talvez um pouco ressentido por ter sido abandonado numa situação não direi incômoda mas certamente direi outra coisa, a primeira coisa que me vier à cabeça ao término imediato desta frase cujo alcance me ultrapassa como desconfio que ultrapasse a si mesmo, vai subir do esôfago e chegar novamente às espáduas ou às asas das costas, e aqui vai, aqui vai o que pensei e o que direi, o que disse, e vai mais ou menos assim: Flores. Flores, claro esteja, não havia. Estávamos num local deserto, afastado da cidade, à beira de uma estrada a julgar pelo pó que descia do barranco à minha direita. À minha esquerda, pronto para sair dali no instante

seguinte, o caminhão já começava a roncar. Roncou. Saiu. Eu estive olhando. Não cheguei a nenhuma conclusão. Deixaram-me ali, pensando o quê? Que eu não sabia onde estava? Pois não sabia mesmo. E não me preocupava com isso. Se era me irritar o que queriam, seria melhor ter xingado a minha mãe. Mais eficiente. O meu humor era dos melhores, não direi o melhor porque não lembro, mas certamente podia ser melhor ainda se as abelhas não zunissem rente às minhas orelhas. O sol batia forte nas minhas espáduas, lá perto de onde sinto a raiva. A raiva se fora talvez para sempre. Sentei-me na grama, que era mais um charco, e decidi que contaria as folhas da grama, que estava mais para erva daninha. Mas eu não sei contar. É uma peculiaridade minha, admito. Sei que contei diversas vezes até agora, em voz alta ou de mim para mim, é dizer internamente, mas a verdade é que não sei contar. Então comecei. Um. Dois. Três. Dezesete. Cinquenta e cinco. Não, errado. Um. Dois. Quatorze. E assim por diante, e assim por diante. Como não funcionasse, tentei atribuir a cada número um nome diferente, porquanto se não sei contar isso se dá antes devido a uma disfunção lingüística que a uma falta de capacidade de abstração. Eu sei, por exemplo, que mais de uma cadeira é mais de uma cadeira, e sei até, se estiverem todas amontoadas numa sala, e em outra, adjacente, um número diferente de cadeiras estiverem amontoadas numa posição não de todo igual mas semelhante, porque não em mesmo número entenda-se bem, eu sei dizer em uma só olhadela qual das salas está cheia de mais cadeiras que a outra. Depende da minha posição ao observar, mas grosso modo é isso aí. Então pensei, olhando para o meu dedo indicador, Eis um dedo. E pensei, olhando para o meu indicador ao lado do indicador da outra mão em riste, Eis dois dedos. E atribuí ao indicador a imagem estilizada que me faço mentalmente do sol, uma bola amarela com raios de traços negros, e ao indicador acompanhado do outro indicador a imagem de um piano de cauda negro, e comecei a minha contagem. Começa pelo sol. Disse, Sol. Depois disse, Piano de cauda negro. Depois desisti de um procedimento tão reinventivo da roda e comecei a ligar imagens a números a esmo. Então

disse Sol, piano de cauda negro, cabeça de gato, sineta, laranja, dodói sangrento, réptil, miau. Mas já perdera a conta. Fiquei furioso comigo mesmo. Olhei para o sol e bati a fuça na terra. Depois abri a boca e comi uma bocada de terra. A minha posição me permitia tanto, e não muito mais. As abelhas pousaram nas minhas costas, pinicando-as aqui e ali com ferroadas gentis. Os meus pés e mãos não respondiam a contento. Se estivesse no mar, ah, se estivesse no mar. O que aconteceria. Eu gostaria de saber. Pelo que me lembro, nunca vi o mar. Nem sequer a superfície do mar, aquilo que geralmente se toma pelo mar inteiro. Uma superfície refulgente e bonita. Escondendo uma massa tão profundamente monstruosa quanto se imagina seja um extraterrestre estrábico. Eu creio que gosto do mar, mas antes de repeti-lo farei algumas pesquisas, coletarei alguns dados, ministrarei entrevistas, sublinharei livros e farei anotações estúpidas às margens, depois poderei repeti-lo com mais calma. Seguramente, creio que o mar me acalma. A terra que eu provo tem gosto de ferro. Não só. Tem gosto de ferro e de húmus e de fim de semana no campo. Gostaria de não saber o gosto da terra. Na verdade, eu não pedi para saber. Ninguém pede. A gente nasce, vai para a escola, cresce, vai para a escola, adolece, vai para a escola, cresce um pouco mais, arranja um emprego, pára de crescer, perde o emprego, continua não crescendo, arranja outro emprego, começa a diminuir, estabiliza-se no emprego, diminui ainda mais, continua estável no emprego, diminui um pouco mais, aposenta-se, estabiliza-se na altura, fica em casa pelo resto da vida, provavelmente um apartamento, e não precisa se preocupar, se não se é do feitio, com o gosto úmido de adubo que a terra tem. O gosto de quase vivo. Mas, e se é do feitio? E se a gente é feito para provar a terra, desde criança sente vontade de enfiar punhados do quintal na boca, e não, digamos, de fazer algo mais normal, mais formalmente reconhecível, digamos de sugar por entre os dentes dianteiros fios de macarrão instantâneo ensopados em glutamato monossódico? E se a gente não é feito para fazer as mesmas perguntas de sempre, de onde sou por que sou de onde venho, e se a gente preferir perguntas tais como, Quantos anos-luz tem a

fuinha da sua mãe? Então, é claro que... nada. Chega de querer se perguntar. Não acredito em perguntas. Não obstante, as perguntas foram feitas. As luzes anotadas. Se acredito em alguma coisa, é de se perguntar por quê, e por que não? Próximo. Acabo de voltar de um evento. Estive comendo terra, admito, à margem de uma estrada abandonada. Essa estrada se localizava numa planície, que digo eu, num planalto, pelo que me informaram os homens. Os homens eram três ou quatro, não pude saber com certeza. Tinham vozes parecidas. Eram talvez um só, afetando as vozes de outros com o desprendimento de quem não sabe qual é a sua. Ele era provavelmente um acadêmico. Se aluno ou docente não sei, mas definitivamente acadêmico. De início, vendo-me ali, suponho, ele deve ter pensado que eu estava morto, pois foi só se aproximar já abriu a braguilha. Senti ou ouvi que o seu pau estava duro. Mexi um dedo, não mais, pensei Um dedo será o suficiente, mas ele não percebeu. Então mexi outro, e outro, e outro, até que espalmei a mão contra a terra e aí sim foi que ele se aprumou. Então ele se sentou ou se acorou ao meu lado e começou a arengar. Sobre muitos assuntos. Soava piedoso. Tinha na voz um matiz de arrogância, não, de condescendência, que me fez pensar que eu era um pobre coitado. Imaginei ambientes acarpetados vermelhos, o interior de um bordel ou de um teatro, onde se desenrola há mais de três horas uma colação de grau sabida de antemão eterna. Todos os presentes o sabem. Mas não se importam. Vão passar ali a vida inteira. Aplaudindo cada palavra. Entoando cada canção. Essa era a impressão geral que o homem me passava. Foda-se, eu pensei, e quis pensar em outras coisas, coisas felizes, uma mulher uma flor um carro um casaco, mas a voz do homem me penetrava o crânio, as orelhas desligadas e a voz lá, rasgando tecidos cerebrais de outro modo perfeitamente intactos e até virgens, inutilizados, nunca um impulso elétrico a percorrer as distâncias nanométricas dos dendritos. Ele falava, por exemplo, sobre a amizade. A amizade é a flor com que se faz o colar da vida, dizia. Durante todo esse tempo estivemos amparados por nossos amigos, dizia. Assim como, num automóvel, as rodas sustentam o todo. Que bonita é a amizade verdadeira,

dizia, em que, por maiores as dificuldades, por menos agradáveis que nos pareçam os defeitos dos nossos colegas, tudo é sol e vida e luz e coisas boas. Eu já estive em Viena, dizia. Que bela cidade. O céu estava escuro. A lua esplendorosa refletida nas poças. A arquitetura. A música. Teria aproveitado tudo isso muito melhor na companhia de um amigo, disse. Era contudo a época da Segunda Guerra. Os amigos estavam em falta. Mortos, mormente. Ou então falava sobre as dificuldades do que convencionou chamar Vida em Geral. O termo enseja desentendimentos. Em meu foro íntimo, dizia, o que é a Vida em Geral? A mera equação aritmética Vida mais Geral não nos lega este todo maior que as partes que é a Vida em Geral. A Vida em Geral abarca como um imã elementos alheios a si. Elementos que poderemos chamar de circunstâncias e que compõem o painel maior da Vida em Geral, um apanhado de milhares, nah, milhões de Vidas em Geral. Numa palavra, dizia ele, o que é, afinal, essa Vida em Geral? Amor. É necessário amor, dizia. É necessário amar, dizia. É necessário amar e se deixar amar, dizia. Mesmo que o seu irmão tenha cometido parricídio e depois saído para tomar uma cerveja. Sem dúvida alguma, disse. Próximo. Quando Deus disse, E nada me faltará, ele não quis dizer exatamente isso, disse. Próximo. Mas quando eu fui ver, não estava mais lá. Ou seja, tinha sumido. Possível que jamais tenha estado. Eu me levantei e fui fazer outra coisa. Não voltei, não, primeiro porque não saberia para onde, segundo porque seria o óbvio a fazer. Em vez disso mudei a minha atitude de modo a refletir um pouco no que me fora dito. Logo já tinha percebido que era tudo um lixo e estava pronto para retomar a atitude original e voltar de uma vez embora não soubesse para onde e fosse o mais óbvio a fazer. Me apliquei nisso. O procedimento adotado segue. Levantei-me primeiro. Avistando fracas luzes ao longe, fechei a braguilha e me determinei a andar até elas. Porém não pude. Os meus pés não respondiam, a luz do meu peito ofuscava por vezes as luzes distantes, enfim. Era difícil. Achei por um momento que já tinha alcançado o ápice da minha vida e dali era ladeira abaixo, como se diz, o que não deixa de ser tentador, por mais fácil que

acima. O ápice um mero instante. Não se tem sequer a destreza para cumprimentá-lo, já era. Pensei que o meu tempo estava esgotado, que eu nunca tornaria a encontrar alguém como a lula, que a vida sem a lula não valeria talvez a pena, pelo que me resolvi a recuperá-la. Estava no supermercado próximo à minha casa quando tornei a encontrá-la. Averiguar a procedência disso. Checar os fatos. Na prateleira abaixo das sopas orgânicas enlatadas. Levava a minha cesta ou bacia, onde colocava itens de pouco interesse ao consumidor experiente. Era o último exemplar da lula, me alegrei, senti que estava com sorte e a apanhei. Súbito vi a mim mesmo apanhando a lula e a mim mesmo me observando apanhar a lula. O momento ficaria gravado para sempre na minha memória, não fosse o fato de tê-lo esquecido há tanto tempo que não saberia dizer se foi ontem ou amanhã. No entanto continuava olhando para mim mesmo olhando para mim mesmo olhando para mim mesmo apanhando a lula e a enfiando no cesto. Hoje sei que esse afastamento ou chamemo-lo antes distanciamento se produzia fragmentária, pontualmente mesmo, e que a cada vez que se produzia, e era freqüente, distanciando-me (evidentemente) da situação por meio do olhar, ao mesmo tempo me aproximava, não me expressei bem. De modo que, ao cabo de alguns minutos pensando no assunto, via-me como que ao fim de um túnel de espelhos mutuamente refletidos, eu no meio, posicionado logo acima de mim mesmo, como que flutuando, com a lula numa mão, a lata de sopa na prateleira e a garota de blusa verde atrás, constrangendo-me a arrepiar caminho sob pena de ser atropelado sob as rodinhas meio travadas do carrinho de supermercado muito mais imponente que o meu cesto cheio de latas. Pois, por mais que fosse minha intenção principal, ainda não alcançara a sessão dos batisférios. De resto as latas não eram para mim, mas para o meu senhor, que as coleciona desde criança, uma coleção admirável, sim senhor, todos os tipos, todas as marcas, sim senhor, pilhas e pilhas da entrada do seu quarto à parede mais ao fundo, quinze metros distante do centro em seu ponto mais próximo deste, com uma pequena clareira no meio em que ele ou às vezes outra pessoa amiga sua ou não se deita e dorme. Mas não é

propriamente deitar. Não há espaço para tanto. Como se deita quando não se quer dormir, é assim que se deita em meio às latas do quarto do meu senhor. Principalmente no inverno, pois o metal é um ótimo condutor. Mas não quero me desviar. Retornemos às luzes distantes fracas piscando. Pode bem ser o olho que pisca. Odeio o meu um onde muitos adoram dois. Bijuterias d'água. Quem sabe por isso olhe com desprezo, preferindo o verbo ver. Quando atento a essas coisas. E de fato, não será absurdo supor que sim, que piscava, uma vez que quando o abri me descobri novamente deitado, desta vez em outra posição, igualmente inconveniente, desta vez mais. E tanto que, desta vez, pude querer entrever o rabicho vermelho de um desejo dobrar a esquina. Coisas da indisciplina corporal! Mas não me assustei. Quantas vezes já não me falharam as pernas para que agora as acredite de todo inúteis? Quantas vezes já não afetei assim, caindo por exemplo, uma mudança de rumos, sem que disso, singularmente, nada se depreendesse? A personalidade vazia intacta. Se não consigo andar, convencionarei o rastejo. O tempo da jornada será estendido em alguns dias, mas não faz mal. Só Deus sabe o quanto já vivi para ter justo agora medo de me rastejar engolindo incidentalmente insetos e lama na direção de luzes débeis, tanto mais promissoras na razão inversa da intensidade como é da natureza. Uma mão aberta, outra fechada, as duas erguidas, como dizer, acima do tronco? Evidentemente não. Pois assim seria na vertical, posição em que não me encontro. Antes mãos lançadas adiante, uma aberta outra fechada, tanto mais próximas do objetivo na razão inversa do coeficiente do caminho ainda por trilhar. Tenho vontade agora de falar do batisfério. Como se isso fizesse alguma diferença. Imagens falariam melhor. Não há imagens no entanto, senão as luzes. Não há polvo, ao menos por enquanto. Começo a crer que o peguei no supermercado e a previsão se tratava portanto do mero exercício regular da memória. A memória comum não é tão nítida. No entanto o momento se tornou solene a partir de quando me apaixonei. E é bem sabido que a solenidade é mnemônica. Reconstrução da memória em curso então, e mesmo agora. Não que eu me

importe. É no entanto um grande tema. Nunca me importei com os grandes temas. A morte, por exemplo, o que dizer da morte? Será aproveitável? Não em vista da morte. Falar da morte portanto idiota. O batisfério me vem novamente à cabeça. Esse sim, um bom tema. Nunca vi um na minha frente. Vou me rastejar até as luzes pensando até onde possível nele. Mais não posso. Não devo. O que dizer do batisfério? Nada. Pensar silenciosamente nele. Nem mais um pio a respeito do tema. Como quem pensa na morte. Poucos assuntos, ultimamente, colocam-me tão falante como o da lula. Gosto dela, que é um meio de dizer foda-se ao amor, este outro grande tema. Supramencionado sob o eufemismo de pepino. Gostar não é amar. Creio que não se falou o suficiente do gostar. Falar do gostar portanto como se alguém ouvisse. Evitar ao mesmo tempo relacioná-lo ao amor. Compará-lo a um batisfério. De modo que será lícito pensar que o batisfério me interessa mais que o pepino. Seguindo minuto de silêncio, abandonar tema. Abandonar tema de todo modo. Afastar então mãos pendentes do braço do corpo propriamente dito e tornar a aproximá-las deste num movimento relativo ao mundo mais deste que daquelas. Repetir o movimento até as luzes. Procurando ser em vez de ver. Rastejar em vez de caminhar. Tudo isso enquanto não sei no que penso. É da minha natureza. Errado seria imaginar sobre ela qualquer coisa além do fato específico de que ela tira proveito ou digamos sustentação para ser como é, qualquer que o fato seja, é claro que sempre o mesmo. Pois eu sou eu na mesma medida em que uma rosa é e será uma rosa, contudo não sempre, jamais. Jamais diga sempre é o meu lema, uma rosa jamais será uma rosa portanto, na mesma medida em que eu jamais serei eu. Pois se seu fosse eu, no local exato em que estivesse, aí estariam dois corpos ocupando o mesmo lugar no espaço. Portanto creio me arrastar a fim de me afastar de mim, do outro de mim, aquele que fica para trás me observando ameaçadoramente enquanto fujo. Ele me compara a coisas que eu não sou, inclusive a si mesmo, é fatigante. Ouvi-lo é como ouvir... não. Não me rebaixarei assim. Falar de mim ou dele na mesma pessoa. Como se alguém ouvisse. Doravante eu serei eu. Em fuga,

rastejando. Ou andando, dá na mesma afinal. Diremos por um instante que nada aconteceu, nem com a minha perna, nem com o meu caráter, e que o caminho continua sendo o mesmo de sempre, até as luzes, bastando andar ou qualquer outra coisa, como pegar carona, ou então... Mas seria muito fácil. Desistiremos. Ficaremos à beira da estrada, eu e eu. Esperaremos pela próxima caravana de refugiados de si, e com eles chegaremos às luzes. Que se tratariam, nessa hipótese, de depósitos de urânio enriquecido ou algo assim. Estaríamos então em bom curso narrativo. Seria fácil retomar daqui. Fácil demais. Desistiremos. E dizer que nunca provamos da inspiração, será mesmo possível que teríamos chegado a tais alturas? Da grande abertura, da epifania etc., dependentes da qual a arte a culinária a música etc.? Bem gostaríamos. Deve ser um ponto de vista novo. Em desacordo consigo mesmo. Que inspiraria novas formas de inspiração numa sociedade nova e suas conseqüências. E por que, então, não poderíamos continuar? Tudo na mesma. Retomemos a fábrica uma vez mais, a fábrica de lulas que, afinal, estava localizada mesmo nas luzes, às quais chegamos após uma curta viagem de helicóptero através de um céu de verão sem nuvens, isto é, azul. Logo ao portão as primeiras dificuldades. Não nos reconheceriam como os patrões, com estas roupas que estamos usando é provável que nos tomassem por espões industriais disfarçados de mendigos, e então, é claro, segundo nossas ordens, matar-nos-iam sem pensar duas vezes. E isso em nome da Propriedade Intelectual! Um tema interessante sob todos os ângulos. Como aqueles relacionados ao dinheiro em geral. Derivado talvez da ilusão de que desnecessário desperdiçar pensamentos. Convertê-los ao menos em alguma coisa. Se não de comer, de gastar. O tema não me interessa entretanto. Desistiremos. Adotaremos de agora em diante a técnica do refrão de uma palavra só, não. Não adotaremos nada. Desistiremos. Não, não desistiremos. Mas falaremos em chavões. Eu para mim, e de volta. Até o fim. Chavões como por exemplo Falar como se alguém ouvisse. Laughtracks aqui. E quando sozinho? Temer que, mesmo que sozinho, ouvissem o que se fala sozinho. Em murmúrios, gritos ou pensamentos.

De fato, de que interessa o meio? Falar por exemplo através de código binário. Não obstante falar, e enquanto isso dizer coisas. Dizê-las exatamente como são. Temerosos da mentira, eu e eu. Pois sei quando minto, e portanto não será difícil determinar quando minto para mim. Segue a análise do tema. Interessante, em todos os aspectos absorvente, temo porém que não se deva seguir nessa linha sob pena de mentir para si mesmo sem parar e sem jamais perceber, sobretudo acreditando em cada palavra e as tomando pela verdade, o pior de tudo é que não se sabe. Mas talvez nada mais que isso seja outra coisa. E depois diremos, simplesmente, que a culpa é do senso crítico. Gostaríamos nessa hipótese de me dar mutuamente um murro na cara. Alternativamente, de desistir. Pois tenho percebido, pela pouca distância que me movi desde que comecei a me ausentar de mim, que a atenção é necessária em qualquer grau à execução da mais besta atividade não necessariamente humana. Pois estou a apenas dois metros de distância da planta que me fustigava a cara um dia atrás. Nisso é que dá persistir. Será necessário dizer que já empreguei, nessa jornada, todos os recursos de que dispunha quando comecei e ainda outros, aprendidos a esmo de animais e insetos? A formiga, por exemplo, me ensinou a evitá-la. Não foi fácil, mas creio ter pegado a mensagem. Se não direto da fonte do discurso, pelo menos do contexto em que ela se movia. Tive oportunidade de lembrar muitas coisas que não disse. A mais importante das quais, acredito seja a lula no batisférico. Sim, entrevi a minha amiga lá dentro, quando passávamos por uma cidade que não é a minha, e se não tive forças para parar e lhe dizer bom dia, é porque estava ocupado demais me rastejando em outro lugar, pensando em outras coisas, evitando ferroadas de formigas e ocasionalmente parando sem querer para fazer alguma coisa cuja urgência não poderia (suponho) ter antevisto, uma vez que sou de hábito bem prevenido. Confunde-se agora, com a idéia de desistir, a mais reconfortante possibilidade sempre presente de recomeçar. Seria como se nada tivesse acontecido. Perseguir, perseguir. Mas não com a lula no batisférico. Outra coisa, rápido. O batisférico sozinho. Eu dependurado dele, a minha quitinete atrás.

Afasto-me lentamente deles. É. O poder de se afastar lentamente das coisas e tudo. Estou no campo. É necessário esclarecê-lo: estou no campo, perto de um conjunto de árvores que não chamarei de bosque sob pena de ser ouvido, revirando meus membros sem exceção contra o solo sob pena de estar parado. Machuco-me no processo, é claro, escoriações e coisas do gênero, mas não me importo, pois o perigo maior, eu sei, ficou para trás, logo ali onde eu estive um segundo atrás. O importante é continuar, revirar braços e pernas, pressionar o crânio contra a terra, degustar a terra, hmm, tem gosto bom, tem gosto ruim, pouco importa, isso não importa de todo. Quero dizer que o importante está em andar para frente. Não necessariamente andar. Você entendeu. Não retraçar o mesmo círculo uma e duas e três vezes. É nisso que reside o importante da coisa, e nos meus olhos, que, não obstante toda a chafurdação que se tem operado ultimamente, conservam-se abertos, limpos e vermelhos, sob uma fina película de material viscoso como uma geléia, esperando que qualquer perigo venha se lhes impor fechem-se, ou tentarem, pois não sei se seriam capazes de tanto, enquanto tomam nota de tudo quanto vêem. Essas notas são enviadas para qualquer lugar dentro da caixa craniana – de ponta-cabeça – e, tendo atravessado distâncias proporcionais à que um cavaleiro andaluz atravessaria em direção à Noruega, perdem-se em algum lugar entre dois neurônios perfeitamente contentes, como o cavaleiro em algum rio dinamarquês. Essa a famosa biologia moderna. Os meus olhos no entanto não sei se registram como os de um homem normal ou mais como os de um molusco, cujo funcionamento, se é que os tem, ignoro completamente. Emito minha própria luz, a luz do peito, uma luminescência que os cientistas dizem se tratar de um fruto da evolução da minha sui-generosa espécie, um dispositivo que me ajuda a encontrar as chaves do carro quando acaba a luz, blackouts totais uma irreabilidade para mim, vejo sempre e muito bem, imerso em água salgada melhor, e não sei se você percebeu, mas eu (neste ponto como os moluscos e o cavaleiro andaluz) não sei quando parar, não sei se devo largar a frase no meio uma vez começada mais uma vez natimorta conquanto

gozando de qualquer élan nada prejudicial à deglutição apropriada da obra, como um cavaleiro andaluz que não sabe onde parar uma vez se lançou em direção ao Mar Cáspio pensando que era o Mediterrâneo. A frescura da água é a mesma. O sal, da mesma qualidade. Tudo é o mesmo. O meu peito, contudo, esse varia. Luz vermelha nas ocasiões mais para o sensual. Luz verde ao atravessar a rua. Amarela quando como. Azul na presença da lula, o que é raro ultimamente. Branca nas ocasiões mais para o sensual em que atravesso a rua comendo na presença da lula, o que, desnecessário dizer, jamais aconteceu. A luz branca jamais se produziu portanto. Deus seja louvado, pois detesto luzes brancas. A luz negra é a mais freqüente. Produz-se com regularidade excepcional. Nesse ponto lembra o intestino. Quando estou sozinho, sem lula, sem atravessar a rua, sem comer, e numa ocasião mais propícia ao amortecimento dos sentidos em geral, então é que brilha o escuro da luz negra. Ele encobre todo o resto. Trata-se ao contrário do que proclama a teoria das cores tradicional de uma presença e não o contrário. Fótons correspondentes ao negro, anti-fótons, é tudo, dançando no meu peito. Sinto cócegas, em dias distintos penso que vou morrer, é uma sensação boa, e um peso que é um buraco que é uma anulação, um buraco negro localizado à altura do esterno sugando para si todo o resto de mim, que entra nele, feito numa HQ mais para o idiota uma boca comendo o próprio corpo que a comporta e que se diz, portanto, seu. Mas a luz negra não é nem de longe a mais interessante. Declarar propriedades das luzes. Compará-las umas às outras. A verde será a próxima. A luz verde é autônoma, produzindo-se quando atravesso a rua. Não é senão no instante imediatamente após o toque da sola da bota ou tênis Reebok azuis e amarelos no chão que um princípio de luz latente se faz declarar aos olhos mais ou menos humanos, aos meus olhos pelo menos. De início, na neblina, forma-se um halo do tamanho de uma bola de gude. Sua intensidade, fraca. No tempo bom, é dizer em dias de sol, e durante o dia, o halo é imperceptível. Creio no entanto que continua lá. Impossível verificar. O que acontece depois. O que acontece depois é que o halo se intensifica na medida do

avanço em direção à outra calçada ou calçamento ou qualquer sinal indicativo do fim da rua (tendo procedido em sentido transversal em relação ao *comprimento*, e não à *largura*, da rua), e isso em medida tal que o terceiro passo acaba sempre mais ou menos invariavelmente correspondendo ao momento em que o halo deixa de sê-lo para se tornar algo mais para um jato de luz subitamente identificável como tal em sua esplendorosa potência luminosa máxima. Capaz de cegar um carro, como diria canhestramente meu colega Q., este raio é verde e bonito, e se produz, conforme ficou e ficará registrado de uma vez por todas para a apreciação de potenciais interessados na compra de sua totalidade ou das ações correspondentes, quando atravesso a rua. Em seguida será a vez do vermelho. Este o mais caro, considerada a recente queda do valor de mercado do azul, de resto um raio excelente como qualquer outro. Este se produz, segundo me informam, nas ocasiões “mais para o sensual”. Isto é, em linguagem técnica, naquelas ocasiões em que, em se olhando para baixo, verifica-se um inegável intumescimento do pênis. A partir de que momento, exatamente quanto sangue, e em que outras cavilosas circunstâncias, resta a ver. A evolução é a mesma, halo bola de gude, expansão, jorro luminoso. O vermelho é tabu. Em seguida o azul. Já ficou dito que o azul sofreu recentemente grande desvalorização diante do mercado, que é, todos sabemos, melindroso como uma velha dama. Isso afirmado em vista das variações de humor a que está sujeito ao menor estrangulamento ou afrouxamento de um cachorro pela lula por meio do golpe do tentáculo estrangulador. Evolução do azul a mesma. Particularidades peculiares entretanto. A luz azul produz uma sensação refrescante no tórax anterior, ali pela altura do esterno, talvez resultado da ativação do chakra correspondente. Esse frescor se produz no momento mesmo em que o halo se torna jato luminescente, inundando assim o recinto acintosamente decorado. Ideal para o casal em lua de mel que, embora enamorado, permanece virgem, procurando portanto mutuamente não errar o buraco. Isso quando se verifica lula mas não intumescimento do pênis. De resto, mencione-se aqui, essa propriedade

específica não é específica tecnicamente da cor verde. Macacos místicos atribuem-na nos relatos a todas as cores, inclusive a dourada, de que não se fala. Interessante sugerir aqui uma sociologia das luzes. Acaba de me ocorrer que talvez as luzes distantes piscando fracas ritmadas sejam outras pessoas que como eu emitem luzes de seus peitos, à distância indistinguíveis quanto à tonalidade, ou de holofotes. Perseguir nesse sentido seria no entanto um desvio a que não nos daremos. Resta a examinar, das cores principais, a branca. Não se trata evidentemente de uma única cor, mas da conjunção de todas as primárias, é o que nos leva a acreditar a teoria tradicional das cores. Suas propriedades são difusas. Sua natureza é específica. Sua claridade, estonteante. Sua intensidade, divina. Sua aplicabilidade, imediata. Sua cor, branca. Sua resiliência, infinita. Seu índice de refração, altíssimo. Sua capacidade cerebral, inaudita. Sua mão, de traços finos. Sua perna, enorme. Sua pureza, intocada pelas demais teorias. Sua elasticidade, boa. Sua velocidade, igualmente. Sua aceleração, no entanto, assombrosa. Sua destreza, pouco invejável. Sua visão, igualmente. Sua força, no entanto, digna de um rinoceronte. Ela espera num quarto escuro. Trata-se de uma cor de poucas palavras e muitos feitos. A cor branca rouba mas faz, proclama-se por aí. Cidadãos gritam em microfones num sentido ou em outro. A cor branca por todo lugar. Sua onipresença, portanto, constatada. Lembremos sempre a necessidade da lula, de sua presença, à composição correta da cor branca. Caso contrário constata-se um alaranjado mais ou menos doentio. O alaranjado, puxando para o negro, dele não trataremos. Diremos que significa a inconveniência e a resignação diante das inconveniências como ele incontornáveis, talvez a falta de vontade de procurar novos meios, e deixaremos, para tristeza do mau, o assunto por aí. O negro, que cor interessante. Trata-se de uma cor. Isso já se viu bem. Indetectável portanto por meio de sismógrafos e demais aparelhos próprios a charlatões. O negro não se vê, o que não é dizer que as coisas nele imersas não se vêem. Emana-se do peito numa frequência baixíssima, comparável ao urro de um elefante adormecido, quando no cio, mas apenas no continente

africano. O negro se escapa às arestas das outras cores. O que é dizer que se escapa a classificações e no entanto aqui estamos. Abordá-lo com palavras a pior abordagem possível, digna de um camelo diante de um estroboscópio em noite fria, e no entanto aqui estamos. Luz negra se emanando do peito em anti-fótons que me fazem querer morrer, ponto. Altamente insuficientes, emitindo pouquíssimos lumens por watt consumido, é no entanto a mais freqüente e inunda de fato se assim se quer o ambiente todo o tempo inteiro, apenas não se vê, razões pré-mencionadas. Lembro-me da lula sob ela. Bola enorme roxo-fosforescente. Sob a luz azul, de que cor era? Mais para o vermelho, e sob essa mais para o negro. Sob a luz branca, em dias transparente, em dias não. Apenas algumas considerações mais, depois a morte. Todas as coisas, sem exceção, têm cores. Sim, é verdade. Elaborar. Não apenas têm cores como a maior parte delas possuem cores que emanam de si mesmas, isto é, não se dão a refletir como requisito essencial para que as vejamos, como nossos pais nos quiseram erroneamente ensinar segundo teoria de um ou outro cientista veiculada em tal e tal revista, edição cinquenta e dois ou três, três números antes de sua morte prematura. Da revista, digo. Quanto às luzes, é uma bela teoria. Ostenta a beleza da originalidade. A originalidade da beleza. A beleza originalidade da. Da beleza a originalidade. A da beleza originalidade. A originalidade beleza da. A da originalidade beleza. Da originalidade a beleza. Perdoem-me se não perfiz todas as possibilidades de permuta, é cansativo. Algumas considerações mais e estaremos livres. Sobre o quê, eu me pergunto. Eu gostaria genuinamente de querer saber. O suficiente sobre as cores. Há um certo tanto que se pode dizer a respeito delas. Não mais. Um último episódio, para fechar. Será um longo episódio. Em cartaz novamente o Intrépido Eu, Minha Amiga Lula, Jesus Cristo, A Fábrica, A Morte e A Impossibilidade Do Dizer, esta minha companheira de longa data a quem dedico o seguinte trecho da história metendo-lhe inclusive três cláusulas, quais sejam, as da inalienabilidade, impenhorabilidade e hipersensibilidade do relato – tudo isso Com A Participação Especial de Leonard Cohen

Montado Em Um Sólido Que Se Assemelha A André Breton. Chega. Vamos dar início portanto à parte final do relato. E Que Bondoso Da Sua Parte, Você DEUS Querendo Esquecerá Tudo O Que Foi Dito Até Aqui. Creio já ter tornado páginas suficientemente negras para me dar por vencido agora. Mas a Natureza é infinita. Mas vou acabar. Mas não sei bem quanto a isso. Restará a ver.

Sem mais, aqui vai:

Estávamos eu, minha amiga lula e Jesus Cristo na Fábrica de meu avô certo dia quando morremos todos, alguns ressuscitariam, a maioria não, impossível dizer, a quem dedico este relato doravante inalienavelmente inalienável, impenhorável e hipersensível, quando avistamos Leonard Cohen. Ele vinha montado em determinado sólido de aspecto perigosamente semelhante a André Breton.

Finis.

III

A Minha História Deles

E PENSAR QUE QUEBREI meu parágrafo mais longo por isso! Isso tudo, é claro, uma elaborada estratégia de marketing. A fim, enfim, de nos esquecermos de tudo quanto ficou dito até aqui, passaremos a outros assuntos. Dedicar-me-ei a partir de agora a erradicar o Eu da Literatura. Alternativamente, farei um relato circunstanciado de todas as coisas que confluenciaram na explosão da Alemanha. Foi uma bela explosão. Todos de olho na BOLA LUMINOSA. Todos cujos olhos lhes restavam. Foi possível ver a BOLA LUMINOSA do outro lado do mundo, isto é, do Brasil. Isto é, a quem os olhos restavam. Estava eu no Brasil com Jesus Cristo, mais especificamente em Belém do Pará, sua terra natal, quando avistamos a BOLA LUMINOSA. Não consegui entender o que ele dizia enquanto mastigava um pedaço de carne ensopado ainda na bochecha com o guaraná homônimo. Depois que engoliu, disse o seguinte. –Creio que nunca entendi direito o que se passa. Com as pessoas, mormente. Tentemos entender. O amor, por exemplo. Em que contexto se dá. Digamos entre dez e onze da noite. Entre uma e outra pessoa. No entanto outras observam. Essas as condições. Cinco minutos se passaram na fixação delas. É necessário esperar. Mas em seguida acabou. As condições são outras. O lugar, é claro, este resta o mesmo. Uma clareira. Os dois amantes em seu centro exato. A clareira um círculo exato. Não. Calma. A clareira um rombóide. Posicionados no seu centro, os amantes escutam ruídos. Eles vêm de todos os lados. O que se passa então, não sei. Será necessário averiguar. Cinco noites após, averiguamos. Uma peça de roupa íntima é encontrada pelos especialistas. Uma calcinha, opina um deles. Uma calcinha, de fato, e rendada, complementa o outro. Um terceiro especialista, que é perito de profissão mas tem a crítica literária por CAVALINHO DE PAU, emite a sua própria opinião, consoante às duas

anteriores, apenas um pouco mais comedida, mais limada. Logo saca um conjunto de réguas trigonométricas do bolso e começa a medir a calcinha. Tantos centímetros por tantos. Isso é fato. Vermelha, constata, para aprovação geral. Estabelece-se o terceiro dia a partir da data presente como a data do retorno. No entretanto animais silvestres festejam na cena do crime. Alguns deles se perguntam por que é que as festas na floresta acabam sempre do mesmo modo, isto é, com o elefante repisando alguma coruja ou então o macaco agarrado à privada pública ali perto. A cena do crime é assim sumamente dessacralizada. Perde a sua *aura*. Árvores sussurram obscenidades. A lua só olhando. Ela, que nos odeia, contenta-se em não dizer nada quando os especialistas retornam. Eles ostentam barrigas suspensas por suspensórios e arrotam guaraná amazônico. Percebem uma girafa morta sobre a picape. Chamem a polícia, diz o crítico, alguém matou o DJ! Quem foi? Importante descobrir. Perguntem à lua. A lua sabe. Mas ela nos odeia, não dirá nada. Mas todo mundo tem um preço. Mas não a lua.

Jesus e eu não pensamos que o gênero policial seja o mais recomendável aos neurastênicos. Mas é o de que eles mais gostam. Instauramos um plebiscito para saber. Resta confirmado. Agora só nos resta queimá-los. Daí vamos lá bam queimamos e daí? A cena do crime resta intacta. Repartiremos dessa hipótese. Os dois amantes no seu centro. A clareira o rombóide.

Os dois amantes jazem mortos em seu centro tal como calculado pelos peritos. Isto é, dentro do raio de certo círculo cujo centro é o centro do rombóide tal como calculado pelos peritos. Bem dito, esclarecido. Agora resta a ver qual terá sido o crime. Homicídio ou suicídio são as hipóteses que saltam aos olhos. Estes, por sua vez, saltam das órbitas dos presentes na razão de dois por indivíduo. Rolam pela terra, cada qual com sua velocidade, e vão parar no centro da clareira, donde se intui inclinação cônica do terreno cujo ponto mais profundo em relação ao nível do mar é talvez o seu centro exato como calculado pelos peritos. Pois

estavam posicionados os peritos de maneira a não deixar margem à dúvida, e o mar está logo ali. Ouvem-se os seus urros. Não se vêem as suas ondas, mas aí é outra coisa. Vê-se, isso sim, a sua superfície. Pelo menos esse tanto nos aclara a lua. Mas o quanto resta escondido abaixo, isso não. Talvez outra lua, como alguns gostariam. Instauramos um plebiscito. Resta confirmado. Agora só nos resta dar prosseguimento à cena do crime. Um elefante repisou provavelmente os amantes, diz um perito, apontando, ato contínuo, para o formato de pata de elefante assumido pela pasta em que se transformou a cabeça de um dos amantes. Mas quando ele estava vivo ou quando estava morto? Isso impossível determinar. Um corvo extraiu os olhos dos amantes, nota o segundo perito. Mesma pergunta. Mesma impossibilidade. Então o perito crítico literário expressa-se nos seguintes termos. Não obstante a certeza que podemos imputar ao fato de ter um elefante repisado a cabeça do amante, não nos será lícito afirmar que ele com certeza repisou dita cabeça enquanto o amante se encontrava vivo. Isso em oposição a morto. Algo semelhante poderá ser dito em relação ao corvo, às bicaduras do corvo, tão destramente apontadas por nosso colega perito. O certo será esperar. Esperar para ver. O que acontece. Mas nada acontece. Os peritos vão embora ao cabo disso. Não precisam de avião. Não precisam de carros. Simplesmente vão embora, e levam consigo as câmeras. No entanto uma foto fica para trás. Trata-se de uma instantânea da Polaroid. Depreendemos daí que o relato se refere ao passado. Anos setenta, talvez. Ou então ao presente, e um dos peritos anda meio retrô. Eles não usavam sapatos de couro de jacaré. Ofenderiam outrossim os habitantes do pântano. É, pântano. Dissemos bosque. Estávamos enganados. Pântano.

Os dois amantes não apodrecem. Ainda. É que a temperatura é baixíssima. Em graus Fahrenheit, menor que trinta e dois. Ah, como gosto dessa cena. Poderia descrevê-la à exaustão. É o que farei. Ao redor, neve. O pântano congelado. Jacarés passeiam no lombo de algum animal da neve. Coisas assim. Chega.

Quando totalmente Deus ex machina chega a lula voando. Eu montado nela. Estamos bem cansados da viagem. Acabáramos de nos encontrar sob os portões que escandiam a fachada de um AM Express, bebendo uma cerveja, cada qual na sua, totalmente de boa, quando decidimos voar para a cena do crime. Só para dar uma conferida. No que acontecia. Mas nada acontecia. Os amantes mortos, por exemplo. Jaziam os dois diga-se aliás homossexuais ou invertidos de cabeça para baixo no centro do terreno tal como calculado pelos exímios peritos. Ah, o jargão profissional. Ele era meu amigo. Não tinha muitos. Ele era um deles. Ah, Exímios e Digníssimos Senhores Doutores Peritos do Primeiro Ofício Criminal de C—!

Mas eu e a lula ficamos logo entediados e decidimos voltar para casa. A minha casa era um chalé à beira-mar na praia de Meia-Praia, cidade localizada nos arredores da metade da costa do país em que nos encontrávamos naquele momento específico.

Plano aberto. Casa. Não. Chalé. Bossa Nova. Música de elevador concomitante. Ao fundo o pôr-do-sol. O aparelho de som ligado enfim. Enquanto os créditos passam tela acima, asseguro-me de que o meu celular se encontra no modo silencioso e de que a senhora sentada ao meu lado não dormiu, sob pena de acordar decapitada e já portanto lívida, outrossim ruborizante, diante de mim e da lula numa tórrida cena de amor em pleno horário da telenovela das dez. Mas nada disso é verdade.

Havia à esquerda da cabeceira da cama uma cadeira velha com brocados chineses. Eu estava sentado nela. A lula dormia na cama. Eu a ouvia rressonar. Observava as suas pálpebras viscosas entreabertas enquanto a bolha que saía do seu orifício anal pulsava ao ritmo da sua respiração. Tencionava amá-la a ela, continuar amando, mas não sabia sequer como. Não sabia como podia jamais ter tocado naquele bico, permitido que o meu corpo se envolvesse pelos oito ou dez braços pontilhados por ventosas, entregado voluptuosamente o meu ser àquele outro ser que dormia inocentemente e que era bobo e feio e mau... Cousas de mulher.

Pensei que êste livro que vinha escrevendo era o melhor livro dos tempos actuais. Súbito reparei em que, limitada pela linha bem delineada do cabelo, uma camada branca e elástica de material orgânico envolvia o meu couro cabeludo. Com os dedos indicador e polegar da mão direita em pinça, comecei a puxá-la e só me dei por satisfeita ao vislumbrar, pendente dos meus dedos em pinça, essa mesma camada orgânica, agora destacada da cabeça, branca, repleta de furinhos através dos quais os cabelos haviam deslizado impunemente. Essa espécie de rede branca de material orgânico era apenas um dos muitos sinais visíveis que vinham me apresentando de há muito as glândulas endoudecidas. Além dêsse, era latente que elas envenenavam a minha sexualidade, de comum tranqüila. À guisa de exemplo, direi apenas que, ultimamente, ao retornar à casa de minhas longas caminhadas pela Orla do Flamengo, ocasião em que emendava, a calhar, uma bonita soirée em casa de G*****, percebia meus humores fluorescentes sob a pele apertada pelos vestidos, como se de lampiões aquosos se tratassem – à exceção de que lampiões não são aquosos e nem tramitam longamente no corpo da gente por meio de nossas mais íntimas artérias. Ao consultório do Doutor Paiva, disse-me êste que –Coisa semelhante jamais se viu, nem sequer em tratados dos filósofos os mais tantãs! – O que, por certo, apesar de me ter atingido direto ao ponto onde conservo a honra, não me impediu de tratar com êle o mais cortêsmente possível até que se retirasse aos seus afazeres de doutores. Já com a minha esposa, fui inigualável em malícia: assim que êle foi embora, carreguei-a, luminescente, até o porão da mansarda, onde conservamos os materiais de construção contra as intempéries do inverno, e lancei-a sobre um carrinho de mão – sobre o qual, ato contínuo, despejei vinte libras de cimento – foi uma loucura – o sol sobre as suas pálpebras dela translúcidas – mãos delicadas e mortas espetando a superfície em direção à luz – Oh! Margarida!, haverá no mundo donzela doce como vós? Que de mãe dedicada como esta jamais se viu sobre a superfície dêste ou de qualquer dos outros mil planetas a singrar pelo sistema solar de Copérnico!

Capaz que, antes da morte, tenha me passado os germes da loucura, pois que venho experimentando sintomas desconcertantes, mais próprios à casa de repouso que aos ternos e gravatas diariamente ostentados pelas avenidas da cidade onde nasci. Savóia insiste na importância de mantêr-se asseado; de minha parte, faço todo o possível para tomar banho, não digo todos os dias, mas ao menos uma vêz por semana; para aparar as unhas, dos pés como das mãos; para levar o cachorro a passear pela avenida sobranceiramente elevada em relação à rua à altura de um prédio de vinte andares; para comprar o leite, assar o pão, manter-me saudável por meio da ingestão de cenouras cruas – com pele e tudo –, para não falar no sumo de couve –; o que logra mesmo afastar de mim todo traço de razão a que, por boa educação e tradição familiar, teria eu direito, é a minha barba, endoudecida ela também, tanto quanto qualquer cão portador da terrível rabis, uma das maiores, senão a maior praga dos tempos hodiernos.

Pareço ter perdido sobre ela todo controle. Observo-a crescer com lentidão exasperante – um dia depois seu comprimento alcança o chão – para, horas mais tarde, demonstrar-se novamente curta como os cabelos, que não são lá tão curtos assim; e assim sucessivamente, assim sucessivamente, como se o meu inferno declarado consistisse nisso, à falta de outras culpas que o decretassem mais terrível – nisso de não saber exatamente a quantas anda a minha barba, e em decorrência de que pecado, cometido nesta ou naquela vida, em lugares do agora ou d’antanho, não consigo apará-la e mantê-la assim por mais de três dias sem nela tropeçar e dar com a fuça num macaco amestrado ou num coche de aluguel.

Quando voltei do médico, aonde fôra a procurar alívio para minha mais recente enfermidade, uma constipação que não queria se resolver por si só, encontrei a casa imaculadamente vazia – tudo estava exatamente como eu havia a tudo abandonado. Não se constatava ao derredor o menor sinal da imensamente ansiada presença de Lavínia. Tanto pior. Liguei a tevê no jogo e abri uma cerveja, a quinta daquela tarde infausta, enquanto

contava, dedo em riste, o número de azulejos necessários para cobrir a mais curta das paredes da cozinha. Separados uns dos outros por largos fios de argamassa, êles faziam pensar em coelhos, em mariscos, em tudo menos Lavínia – Oh Lavínia!

Os dez braços de Lavínia me abraçando na feira. Pendurada no meu cangote. Nós não nos importávamos com os duros juízos que a nosso respeito sabíamos entreter a sociedade – estar a escolher legumes na feira com Lavínia era o que me importava a mim, não sei quanto a ela, que era, ao fim e ao cabo, apenas um molusco enorme do qual eu vinha tentando sem êxito me livrar – através dos métodos os mais variados – do suicídio ao homicídio – ao lulacídio – ao abandono simples – ao

De todo modo, os dois amantes jazem mortos na praia de Copacabana. A polícia aparece. Faz perguntas. Vai embora. Depois os bombeiros. Fazem perguntas. Vão embora. Logo o tucano, acompanhado de perto pelo mortífero elefante. Ele caga, estilo Phutatorius, e vai embora, deixando-nos à deriva com uma tonelada ou mais de Cânhamo Black Shit. As pessoas na praia. Elas vêm. Elas vão. Cada uma chafurdando na merda à sua maneira. São boas pessoas, lá de acordo com o seu Deus. Depois a imprensa. Carga fenomenal de cânhamo virgem encontrada na praia de Copacabana. As fêmeas não foram separadas dos machos. Restam portanto inutilizadas a todos os propósitos psicotrópicos. No entanto as pessoas ficam chapadas. Placebo puro. Emplastros são vendidos. Ninguém sabe onde isso vai parar. A carga parece infinita. Tudo muda. Entretanto continua o mesmo. As igrejas, as igrejas elas também, vão e voltam, abordando uma que outra questão. Tem a ver com a moral. Os vapores doces do cânhamus sacrilegus invadem as naves. Os padres de olhos vermelhos. Placebo puro. Entrementes um pintor declara ser possível alterar uma pintura sem lhe deitar um dedo. Os repórteres logo aparecem. Não é bem assim. Alterá-la no sentido pretendido por Michelangelo?, pergunta um repórter. Não, responde o pintor, mais no sentido que Gaddis tinha em mente. Quem é Gaddis?, pergunta uma repórter. O pintor emite um grunhido e sai

voando. Não. Ninguém sai voando. O pintor explica quem é William Gaddis. A repórter anota a sua data de nascimento. A sua data de expiração. Saindo dali, dirige-se à livraria, onde não encontra nenhum exemplar de nenhum livro de Gaddis. Mas na Estante Virtual, aí sim. Mas ela não tem endereço. É argentina. Ilegal. E não se trata exatamente de uma repórter. É uma espiã. Digamos tudo. É uma espiã literária. Está atrás de novos talentos para uma coleção de novíssimos escritores da Anagrama. Vai indo muito bem em sua tarefa, exceto por não saber ler. O seu método consiste, portanto, em avaliar as capas dos livros que encontra nos sebos e procurar pelos nomes dos autores dos livros de capas mais bonitas na internet. Foi assim, por exemplo, que conheceu Machado de Assis, Murilo Rubião, Clarice Lispector, Carlos Drummond, Oswald e Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Lygia Fagundes Telles, Diego Mainardi, Lya Luft, Érico e Luis Fernando Veríssimo, para ficar em alguns nomes. De todos esses, apenas Lya Luft aceitou participar da tal coleção. Isso porque, na proposta em espanhol da espiã, a autora entendeu um desafio à elaboração de todos os anagramas mais ou menos inteligíveis possíveis em língua portuguesa a partir da palavra “auto-ajuda” – a saber,

Ajuda Auto;

Ajuda Ao Tu;

Ajuda Ta Ou;

Ajuda Tau Ô;

Ajuda Tua Ô;

Dá Já Tau Ou;

Dá Já Tua Ou.

– O que, evidentemente, não chegou sequer a começar a ajudar a repórter/espiã a querer começar a ter a menor e mais vaga idéia acerca do que quer que seja.

Semanas depois, encontrei-a em Meia-Praia. Ela rabiscava em seu caderninho de notas – uma sereia, uma gaivota, uma estrela-do-mar –, observada de perto pelo fantasma de Caetano Veloso. Nadei até a costa a fim de alertá-la do perigo que estaria correndo se continuasse ali, na iminência de ser abocanhada por um espírito da tropicália mais para o nefasto – e quem sabe, se Ele estava ali, que outros Nomes de Renome não rondariam a área em busca de almas iletradas a quem cantar suas canções e recitar suas opiniões? – Quando cheguei já não havia nada – Traço de garota nenhuma – A minha amada Lavínia partira talvez para sempre, deixando-me à deriva com a lula, nossa lula de estimação, criada a leite de cabra e animais peçonhentos, presentemente buscando (sem êxito) respirar naquela atmosfera intoxicada de maresia do Porto de Vai-Não-Volta. Como trouxesse comigo o famoso batisfêrio, enfiei a lula no buraco apropriado, arrastando-a até o carro a toda a velocidade que tal carga arquitetônica me permitia – Coloquei-a no porta-malas e dei a partida – Logo estávamos longe dali, de volta à praia de Sepultura, lugar mais pacífico de toda a costa de Santa Catarina – Nem o lençol do mar fazia ondas, nem viv’alma se apresentava para dar o ar da graça – Sobre a areia estendi minha toalha de banho e sobre ela deposei a lula, que respondeu a isso com um feliz esguicho de tinta negra malcheirosa dirigido ao meu pé – Foi um dia perfeito – Diversão a toda prova – Comemos areia no almoço, e na janta, e na janta, o que teremos comido? – Pedacos de capacetes abandonados pelos banhistas certamente – Cujas viseiras trincadas rodopiavam acima de nossas cabeças – A Bíblia nos cercando com ditados – E Jesus, de quem eu havia me esquecido, juntou-se à festa lá pela metade daquela madrugada, quando cantamos canções em seu louvor, expulsando assim de uma vez por todas todos os mosquitos demoníacos que teimavam em nos beliscar as veias com bicos que mais pareciam de patos que de insetos.

Engraçado como as idéias vão. Vão e não voltam. Às vezes para sempre, jamais. Que alguém esqueça alguma coisa, isso eu posso até entender. No entanto, não eu. Eu tinha alguma coisa em mente ao sair do mercado e estava certo de que contaria isso a alguém, e no entanto não. Apenas esqueci. Teria talvez algo a ver com a sessão dos utensílios de cozinha. Rememorarei o que se me passou por lá. Nada. Não nada, não é que nada tenha se passado ou que eu tenha me esquecido do que se passou, apenas que nada digno de nota. Vamos então ao começo. Começo sempre pela ala mais afastada, segundo acredito, da entrada, apesar de que a entrada se encontra logo em frente a ela. É que entre a entrada e a ala das bebidas se encontram uma dezena de caixas ditos rápidos. É talvez que quem bebe tenha pressa. De modo que, para alcançar a ala das bebidas tendo entrado pela entrada a que me refiro, pela minha entrada, é necessário contornar os caixas ditos rápidos e, não satisfeito, todos os outros, que se encontram alinhados ao longo de toda a extensão do galpão que convencionamos dizer mercado. Isso até que se encontre uma abertura. Não raro encontra-se uma abertura antes do fim. Mas se trata então de uma abertura tão reduzida que não logro passar por ela, luz no peito, oito braços e mais dois munidos de bicos afiados e tudo. Não senhor, necessitamos de uma abertura muito maior, eu e minhas ficções. Ao longo do longo caminho até a abertura que dá *acesso real* ao mercado, posicionada logo em frente à entrada que não é a minha, pois venho de carro, meu carro, e portanto do outro lado, é possível, ao consumidor atento, observar as tevês e os aspiradores e todo o resto dos eletrônicos dispostos harmoniosamente por suas prateleiras da minguada sessão em que vivem. Elas dão face aos caixas. Atente a que o mercado em si se encontra do outro lado, de modo que, se você quiser colocar uma tevê no carrinho e sair voando na direção dos alvejantes, que decepção! – Isso só será possível, não. Ia dizer que isso só será possível mediante destreza e magreza e uma brecha num dos caixas logo à frente da sessão dos eletrônicos, mas não seria verdade. Pois se você estiver carregando um carrinho, estiver no mercado, entre a sessão dos eletrônicos e a dos alvejantes, e avistar

uma brecha dando passagem num dos caixas próximos, o certo é que, ao tentar passar por dita brecha, você ficará entalado antes ou depois do próprio carrinho, tentando em vão passar, e gritando. Pois o mercado estimula os gritos. Mas se você ficar entalado depois do carrinho – isto é, se tiver passado a brecha carregando o carrinho atrás de si, de modo que, agora, *você se encontra dentro do mercado real*, contra todas as expectativas, impedido de prosseguir apenas pelo peso metálico sobre quatro rodas que o puxa para trás e para baixo – se isso chegar a acontecer, dita o senso comum que o mais certo a fazer será largar mão do carrinho e prosseguir de uma vez por todas, uma vez que as chances de encontrar um outro carrinho desocupado caminhando corredores adentro ou dobrando esquinas ou procurando por uma criança anunciada Pedro ou Juliana pelas caixas de som são altíssimas. Não. Cancelar.

Chegada a hora de colocar a cabeça no lugar. Disse a mim mesmo que evitaria escrever frases longas agora. Portanto pouco se me dá caso as idéias saiam truncadas. É uma questão de estilo. Escolher este em detrimento daquele, ou inventá-los aos dois. No máximo dois períodos por ponto. No mais das vezes, esforçar-se por não. Nenhum período, como agora. Não há tempo verbal tampouco, se houve. Digo a mim mesmo que tudo bem, escrever frases longas tudo bem, já não é o começo e o meio ficou para trás, o fim se aproxima embora mantenha ainda certa distância, de modo que períodos longos não importa, pode ser, eu imagino que pode ser, com mais ou menos de um ou dois verbos e tempos verbais se alternarão arbitrariamente como o fizeram. Agora. Nesse ritmo, se me desse de mantê-lo (se o mantive já, nunca se sabe), alcançaria logo o fim, poderia então comer alguma coisa e me retirar ao meu chalé, assistir tevê, coisas assim. No entanto não. Assistir tevê, fora de qualquer questão, isso. Explico. É que, a última vez que liguei a minha, tevê, digo, estava lá a lula. Chamavam-na de polvo, mas eu não estou enganado. Era a lula. Dentro de um aquário. Duas

caixas com bandeiras de nações cujas seleções oficiais de futebol participavam de certo evento esportivo de que eu nunca tinha ouvido falar antes descansavam no fundo do aquário. A narradora do telejornal, creio que era uma narradora, de um telejornal, disse que o polvo vidente tinha acertado outra vez. Por meio de um truque. O truque certamente era o seguinte. Colocavam as bandeiras ou representações de bandeiras dentro de caixas ou coisas assim transparentes no fundo do aquário em que vivia a lula. Creio que era um certo instituto fundado por ela na Alemanha, pela lula, digo, na Europa talvez, provavelmente com fundos caritativos. A Instituição do Polvo Vidente, quem sabe se chamasse assim. Seria um bom nome. E o truque, eles colocavam além das bandeiras ou representações de bandeiras dentro dessas caixas ou coisas assim pedaços de comida, creio que carne, de modo que, de duas opções alimentícias, a lula ou polvo escolhia a que melhor lhe aprouvesse em momento dado. Momento dado era e é enquanto isso durará o momento não muito distante daquele em que colocavam as caixas dentro do aquário, pois a lula ou polvo tinha fome ou simulava tê-la. No fundo, no fundo, creio que isso tudo não passava de um esquema para torná-la famosa, acostumar o público a ela, depois do que, evidentemente, ela tomará outras medidas no sentido de expandir a fama em todas as direções possíveis – medidas imprevistas e imprevisíveis, pensadas por sua empresária, sua amante ou mesmo por ela mesma, que, acreditem em mim, nunca se deu por contente entre a gentalha que de comum entope os tubos dos ônibus que circulam por aí. E o mais impressionante, catupirava a narradora, é que o time vence. Não me dei por satisfeito com a exposição do tema. Escrevi um tratado expressando a minha opinião. Fui sumamente ignorado. Revi então os pontos principais de minha tese. O meu orientador, o Professor Quincadópolis, sugeriu alguns temas relacionados. Mormente animais prodígio em campos em que a interferência animal nunca foi muito bem vista. O da telecinese, por exemplo. Pouca gente sabe, mas a telecinese foi inaugurada por um bode holandês chamado informalmente Joseph. Isso muito antes que qualquer meio impresso

tivesse sido inventado para registrar a notícia propriamente. A história de Joseph passou de geração a geração de holandeses bêbados – o que, carregada de augúrios como nos alcançou – isto é, fixada pela pena do grande escritor alemão Patativa von Rabuchurt –, não é de espantar: era reputada em tal grau terrível que apenas quem se livrava das amarras do costume e da opinião popular ousava mencioná-la, que dirá narrá-la do começo ao fim. Em resumo, o que aconteceu foi o seguinte. O bode apareceu certo dia para um pastor holandês e baliu. Ao que o pobre homem, fraco dos anos passados na ingestão exclusiva de cerveja choca e pato, sofreu um ataque cardíaco e morreu. O bode desapareceu de cena. À noite, enquanto o corpo do pastor era velado, ouviu-se um balido fora da igreja. A viúva foi lá olhar. Encontraram-na morta. Mesmas circunstâncias. Pouco depois todos foram para casa. O Pastor continuava na igreja. Esperando alguma coisa enquanto não era enterrado? Não. Simplesmente permanecia lá. Apodrecendo. A viúva foi levada para o vilarejo por um aldeão cujo nome, em alguns relatos, traduz-se ao português por Lulabullero. Em outros, por Armando. O aldeão foi para casa com o cadáver porque, em primeiro lugar, era essa a sua profissão. O transporte satisfatório de cadáveres, digo. E ao amanhecer ele e sua esposa, uma alemã naturalizada, foram encontrados mortos diante da tevê. A imagem da tevê mostrava uma lula indo para frente e para trás. Reconheci nela a minha lula? Difícil dizer. Todas as lulas se parecem. Os oito braços são mais ou menos os mesmos, não importa onde se esteja. E repentinamente a imagem da lula era substituída pela do mortífero bode. Desnecessário descrever os seus olhos vermelhos. A sua barbicha de bode. De bode mau. Ele balia e quem estivesse assistindo a fita morria. A polícia demorou para compreender essa cadeia então inaudita de causa e consequência. Hoje em dia ela se tornou popular, resguardadas as circunstâncias de época, devido a filmes japoneses. A idéia é, no entanto, holandesa. E com fundos folclóricos, clamam alguns desses. Pois bem se conhece a história do holandês voador não é mesmo?

—Daí é que ela originalmente se originou, diz-me o Professor Quincadópolis. O seu português pobre é escusado pela sua imaginação rica, bem como pela sua origem holandesa. Mas, Professor — digo eu —, e a telecinese? Então ele se levanta e faz uma colher de chá flutuar diante dos meus olhos.

—Você tem que aprender — diz ele — a esperar um homem molhar o bico.

Creio que por isso ele quis dizer outra coisa. A saber. Que eu preciso aprender a fazer as coisas que eu preciso fazer. Essas mil pequenas coisas de fazer desagradáveis de fazer que constituem o dever-fazer do adulto. Essas mil pequenas horríveis coisas de fazer que um adulto precisa fazer malgrado os mil pequenos sinais horríveis que emitem. Incessantemente. Começo aqui a perceber o significado das luzes piscando fracas de outrora. O tema é, como sempre, interessante. Mas antes de entrar no assunto quero esclarecer a questão do polvo vidente. Que se trata antes de lula, isso já vimos. Faltou dizer que, na variante portuguesa do português, é conhecida como pulpo. Isso porque acreditam que seja um polvo. E que vale aproximadamente meio milhão de dólares no mercado negro. E que, apesar de seus nove cérebros, de seus três estômagos e de sua indizivelmente grande capacidade para o amor, sua expectativa de vida é de apenas três anos.

Reconheci, segundo já disse, a minha lula no polvo vidente...

Não, é mentira. Disse isso tudo a fim de mudar de assunto. Mudei demais? De menos? O que você acha? Sinceramente. Estive tentando dar continuidade a alguma coisa recentemente, qualquer coisa passível de ser continuada, sem êxito. Depois obedeci o hábito: comi bolachas acompanhado de pedaços da criancinha. Fazia tanto tempo que não a via que nem sei. Criancinha que é, também não sabe. Ela olha para a tevê e petisca. Penso no que pensará, este fragmento de massa cerebral projetado num papel rasgado que é o fragmento da criancinha a que eu mais me afeiçoei. Não que os outros fragmentos sejam muito piores. Digamos tudo, eu não sei. É difícil tratar com a imagem de um lobo frontal, especialmente

naquilo que concerne à comunicação. Quem me dera tivesse boca, pulmões para inalar, traquéia evidentemente, alvéolos, todas essas coisas, e um sustentáculo para elas, não digo o corpo, algo melhor, mais como uma caixa ou um aquário, algo que dependesse apenas de manutenção cuidadosa e não se submetesse com tamanha complacência à bomba temporal que estoura reiteradamente nossos miolos desde mil novecentos e alguma coisa. Ah, as cordas vocais também. Não nos esqueçamos delas. Poderia então falar como se alguém ouvisse, como se eu ouvisse. Diria coisas bonitas, como, Oi, tudo bem?, ou então, A que horas você vai dormir? Mas isso é imaginação. Talvez comentasse os últimos eventos com voz de locutor de telejornal. Ou simplesmente cantasse as canções sem letra dos desenhos animados. Nada muito pedante, com certeza. Mas ela não tem nada disso, não passa de um papel, um pedaço de papel mal-e-mal ajambrado ao pé da poltrona em que estou eu sentado, lula dependurada do couro cabeludo pelos tentáculos, barba alcançando a barriga, você me conhece. Reeboks azuis com amarelo, você sabe. Um par de óculos de sol de lentes mais ou menos avermelhadas e uma lata de atum aberta na mão direita. E a mais completa possibilidade de distinguir uma coisa da outra. Ah, enfim. Aí está um tema a que eu gostaria de dar continuidade. As coisas, e onde elas começam, e onde terminam. Impossível terminarem. No entanto o fazem, e o fazem muito bem.

Não, é mentira. Disse isso tudo a fim de mudar de assunto. Mudei demais? De menos? O que você acha? Sinceramente. Agora que quebrei a narrativa outra vez, o melhor é períodos curtos outra vez. Mais fácil de ler numa sociedade sem tempo. Aliás, o que as pessoas andam lendo? As pessoas sabem ler? Quantas delas? Fizemos um recenseamento, um censo. Uma pesquisa de campo. Os dados restam armazenados no computador central. O computador central, no entanto, recusa-se a falar conosco. Sequer nos olha na cara. Os recenseadores, censitários ou pesquisadores de campo não se lembram exatamente de quantas pessoas disseram que sim e quantas que não, de modo que já angariamos opiniões de 115% da

população contratada, para um lado, e 300%, para o outro. Isso dá quase 500%? E se chegarmos a mil, explodiremos no ato? E a população sem conta-corrente?

Tal qual o computador central, eu também tenho meus não-me-toques. Convenhamos que não são todos os que desejariam ficar em casa com a lula num sábado à noite. A lula, o mero falar sobre ela, traz-me, ou trazem-me, status. Confundo talvez status com visgo. Dá na mesma: a lula me traz status viscoso.

A casa silenciosa. Estão todos na cama. Melhor, de cama. Adoentados ou cansados demais, seus narizes vermelhos, faces pálidas, membros convolutos aqui e ali. Um deles, o menor, sonha com o unicórnio da dama. O leão astuto não está lá, mas não faz mal: a simbologia lhe escapa. O espelho é convexo. Nele seu sorriso se apequena, engrandece, abocanha as bordas douradas, transborda ao fundo vermelho e finalmente se funde à peça toda, detendo-se pouco além. Então o pano de fundo muda, e ele é a dama. O segundo deles observa tudo através dos seus olhos de morto. É verdade, nem todos sonham: alguns deles morrem. À sua própria maneira. Sem suspiros etc., não, talvez de ouvido, como de ouvido se compõe uma melodia sem saber. Assim eles morrem. Os coelhos e os macacos, eles rodopiam, passando perto ou longe da cabeça deste que, decididamente, morre. Os motivos não interessam aqui. Diremos que foi um mau menino, se foi menino, caso contrário caso contrário. Uma punição. Isso nos satisfará. Já o terceiro deles, de tão bom menino ou menina que foi, mereceu o sono apenas, pontuado por um ronronar de bem-aventurança que invade o quarto ao lado, impedindo o quarto deles de dormir. Entretanto este também sonha, ao menos parece sonhar mais do que ver: com as pálpebras purpúreas levantadas, ele fixa um ponto na parede coberta por pôsteres de ídolos do rock do século passado. Por mais que tentemos entender o que se passa, impossível. Dentro dele. Figurativamente. Portanto depressa ao quinto. E com que alívio constatamos que o quinto se trata de uma garota, pois usa camisola. Seu cabelo é loiro e curto, não curto demais, o suficiente para formar uma boa franja, franja

que agora lhe encobre a vista. Se em frente, tateante sobre a parede oposta, encontra-se uma mão autônoma ou um outro horror qualquer, isso é coisa que não lhe interessa muito por ora. Em duas palavras, essa o quinto. O sexto deles sou eu. Vejo-me de cima, de um ângulo obsceno do quarto, – vejo-me cochilar com um livro aberto entre os dedos. Ele se me escapa aos poucos, produzindo ao roçar aquela odiada sensação de objetos semoventes. Tecidos mormente. Sonho talvez com eles, imerso no mundo deles, sozinho, eu, lá com o Deus deles. Ele trata comigo um assunto muito específico, mas eu sou monotematicafóbico. Disso eu tenho uma vaga noção, e dos meus dedos, que se agitam sob um tecido de material exasperante ao toque. Ele me disse então várias outras coisas que passo a relatar. “(...) quando percebi o estrangeiro ali parado. As suas mãos se ajustavam perfeitamente ao corpo, fazendo de sua figura, à distância, uma contrafação ambulante de um quadro de Tarsila do Amaral. Não era possível dizer de imediato se tratava-se de homem ou mulher – ao menos para mim, que nunca soube a diferença entre os dois, – isso apesar das garras. Duas ou três, impossível especificar melhor à distância. Quando não garras, todas elas munidas juntas e coladas peremptoriamente por meio de pastas, pelo menos duas, pelo menos. O espelho, convexo, abaulado, deitava-se ao longo de dita cerca procurando posição para descansar. Sem êxito. Esses pequenos mecanismos,” disse, ajeitando a espinha, “que nos fazem sofrer, até quando nos farão sofrer? Quando não estivermos esperando.” Ele coçou o nariz. Continuou: “Eu tenho uma longa carreira e uma promissora fábrica de cocô. Nunca soube bem o que dizer, senão o que não dizer. Em entrevistas de emprego, jamais mencionar Rilke. Na Academia, evitar os filmes de ação. E por aí vai.” Assim conversávamos quando ele se desvaneceu, indo em seguida atender algum chamado de um bispo ou duque, em todo caso de alguém mais bem relacionado do que eu, que não tenho amigos. Não tenho amigos senão as minhas próprias mãos, esteja visto, que falam como se fossem bonecos de meia ou títeres neste teatrinho didático para crianças da APAE. Se fosse músico, creio que seria um rapper negro, apesar de

ser branco, ou por isso mesmo, dá na mesma. Se fosse uma lagosta, creio que seria feliz. Enfiaria minhas patas de crustáceo nos olhos de um peixe e o comeria no café da manhã. Estaria, portanto, satisfeito. Tudo vale para não ser José, João ou Janilson, o trio de moleques que eu realmente sou. Sim, sou três moleques, dois deles com nomes comuns, um com nome esdrúxulo, todos os três empinando pipas na orla do Flamengo e morrendo eletrocutados no processo. Circunstancialmente, sou a encarnação do espírito das tendências passadas. E a Arquitetura.

Em não sendo, realmente, nada disso e nem nada relacionado, vou tentar me conceituar melhor, descrever o modo como como, revelar informações, procurar saber um pouco mais a respeito de mim mesmo, lançar-me de corpo e alma numa reveladora viagem ao redor do meu nariz. Sim, vou terminar. Mas antes, imediatamente, reinventarei minhas três memórias. Questão de fixar-se no mundo, ter uma história para contar. Questão de, tendo uma, contá-la. Isso como se alguém ouvisse. Como se alguém soubesse. Essas coisas que as pessoas fazem mais ou menos involuntariamente antes de morrer, eis tudo. A título de introdução.

Numa palavra, vou dormir. Nos primeiros momentos as dificuldades de sempre: olhos saem das órbitas, baba da boca, pés da parte quente da cama, e logo o meu corpo, longe de propriamente lavado, do colchão, rolando apartamento adentro e escadas abaixo enquanto sonho com figos ou outra coisa de comer. Por outro lado, se nada disso for verdade, estarei apenas na cama, ronronando baixinho, sonhando com leitões ou pratos de carnes regadas à farta de salpicão de lula crua. Esse o meu caráter. Sono interrompido por guilhotina: o cachorro se aproxima despercebido, negro como a neve, e me lambe a boca numa tentativa frustrada de me fazer sorrir. Logo chega o senhor, acompanhado da criança e do computador

portátil que trouxe para ele de Paris. Trata-se de uma bela cidade, Paris. Belos becos com belas lojas de eletrônicos. Lá passei uma bela época da minha vida, seguida por decadência e depois plena modorra. Passei anos sem visitar o Quartier Latin, quem diria, eu, que me acreditava latino, e o que é mais, latino-americano, não sou sequer capaz de dizer com certeza que já estive lá, ou se bebi vinho na Bastilha, sob um letreiro anunciando em vão o VIN FOU, – embora tenha quase certeza de que, na virada do ano, daquele ano para o próximo, apanhei de alguns traficantes que eram parisienses puros e voltei para o hotel com dois fios de sangue me tingindo a cara, feliz entretanto, por conta dos químicos e da aventura e vai saber do que mais. A minha amiga, que tinha ido conosco para a Place Trocadero, perdeu-se de nós no instante exato em que um rojão explodiu não muito longe de mim. Ela segurava uma taça de plástico com champanhe dentro. Não digo que nos perdemos dela, mas que ela se perdeu de nós, uma vez que eu e o meu amigo, que estava comigo e tomava lugar no terceiro vértice daquele triângulo do conosco, falávamos francês, em maior ou menor grau, de modo que jamais estaríamos perdidos em Paris, apesar de nunca termos visitado o Quartier Latin e só termos visitado Notre-Dame como um relâmpago pedindo passagem. Ah, Paris. A cidade dos triângulos. E o que dizer de Cairo? Cairo com suas ruas e praças. Tudo amarelo ou vermelho. Tudo como em outro lugar, exatamente como as outras cidades, resguardadas a cor local e as circunstâncias de época. Em Curitiba eu vi uma fileira de montanhas atrás de uma fileira de prédios. Em São Paulo, se já estive lá, não vi nada digno de nota. Na maioria dos lugares, não vi muita coisa que se destacasse. Sentir, sim, senti, mas ver, não, não vi. Rastejei até Tóquio tendo saído de Copacabana, nadei quando foi necessário, voei montado na lula e dentro de outros mecanismos menos engenhosos, mas quando cheguei lá percebi que tinha me enganado, estava era em Buenos Aires, então aproveitei e cavei um túnel até Ithaca, na Nova Inglaterra, a que eles construíram depois que a velha afundou. Até hoje é possível ouvir o ruído da velha afundando encostando o ouvido à abertura de conchas vermelhas, brancas e

azuis. Lá encontrei Ulisses se escondendo atrás de uma cortina enquanto os convidados quebravam tudo. Nos Balcãs comi mexilhões, estavam deliciosos. Em Recife conheci poetas que não sabiam escrever, cinéfilos cegos e pintores que jamais visitaram um museu, mas tudo bem, tudo o que eles faziam era bom, bastante bom, bom o suficiente, de acordo com os critérios deles. Fui ao Paraguai montado numa flor de lótus, a bateria acabou no meio do caminho, troquei por um trevo que se desfez sob o meu peso, então peguei carona, sucessivamente, com uma baleia, um cometa, um ônibus de turismo e um assassino serial, com quem aprendi a morrer com elegância, sem titubear, coisa que fiz e de que não me arrependo até hoje, e se fosse possível faria de novo, e de novo, até chegar a Guatemala. Nunca vi a Palestina, mas não será necessário, pois a vi em fotos. Fui atacadista de protetores labiais no Sudão, terra de lábios rachados, e revendi óculos de sol piratas em Meia-Praia, terra de taquaras rachadas. Vi a chuva cair sobre uma zona industrial do Amazonas. Andei, sob lua e estrelas, pela solitária zona financeira à beira-mar de Angola. Atravessei a Zona, A Zona, com capacetes e respiradores sob a mira dos vigias, e se estou vivo é porque eles não tinham força suficiente para puxar o gatilho. Conheci algumas concubinas no México, e as conheci a fundo, mas foram anos até perceber que eram homens. Comi doce de feijão japonês no Chile, entre um e outro gole de uma cerveja artesanal gaúcha, assistindo Quentin Tarantino. Plantei bananeiras na Sibéria, que as aceitou com gratidão para em seguida estrangulá-las com sua secura e seu frio árticos. Nos Jardins do Éden, quando lá estive, vi uma criança americana brincando com um leão numa espécie de savana suburbana. Quedas d'água ao fundo, casa senhorial, babás observando, tudo isso. E Jesus, é claro, voando. Tive que sair de lá na pressa, os revolucionários chegavam com barbas e escopetas, iam transformar tudo aquilo num estacionamento para o shopping do céu, e teriam conseguido, segundo os relatos, não fosse a intervenção papal no último segundo, o velhote da vez esclarecendo que Deus não existe e tal. Aproveitei para tirar algumas dúvidas quanto à natureza divina. A trindade, por exemplo.

Como é possível? Como não? Ele não entendeu a minha pergunta. A minha voz era baixa, daí que ninguém me escutava quando dizia coisa nenhuma, e isso como se alguém ouvisse. Nenhuma exceção feita. No Vaticano então me tornei um funcionário da limpeza. Um faxineiro, isso aí. Enquanto espanava planejava um atentado anacro-punk à Capela Sistina. Queria derrubar o Capitalismo ou algo assim. Não suspeitava, entretanto, que o Capitalismo era eu, você, todos nós, mesmo. Tropecei e caí e percebi isso, certo dia, quando as pessoas ao meu redor começaram a rir da minha cara – estávamos no shopping, comprando foie gras para a ceia, e um senhor calvo e encurvado tropeçou e caiu bem na nossa frente, rolou ou se rastejou pelas escadarias, murmurou algo sobre sopas enlatadas e explodiu, – mas tarde demais, pois já terminara a confecção daquela banana de dinamite que ficou conhecida por Banana Split, tão grande era, e succulenta. Mas tomei o ônibus errado e acabei explodindo o Pelourinho. Esse o meu caráter. Em matéria de pontos turísticos, já explodi todos eles, que fique claro. Com o pensamento. Fiz o Pentágono flutuar quando ninguém olhava. Transporteiei o Cristo a nado, a Estátua da Liberdade também, e dirigi a Torre Eiffel na época dos dirigíveis. As estátuas de bronze carcomido, preferência nacional, não contam, pois estão mais para espantalhos turísticos. As ruas com nomes de gente, e por que não o contrário? No entanto o contrário existe, de uma perspectiva, não, analisado, sincronicamente. Anomalias do pensamento. Monopólio corporativo. Essas coisas. Visitei muitos outros lugares, mas meu fôlego acabou. Voltou, agora que descansei voltou, agora acabou, agora voltou, agora acabou, agora voltou, agora estou a meio caminho, tentando viver a vida, mas o ar acabou. Agora voltou, posso viver a vida. Estou na rua quando acaba de novo, os carros talvez, essas reações imprevisíveis. Mas logo volta. Sento-me para respirar e volta de fato, como se andando não se respirasse, quando perco de novo. O contato com o chão frio. A esperança de entrar nele ou ser por ele sugado antes da hora. Mas a tristeza, ouvi alguém dizer, é como a fome, e o riso o alimento, de modo que é preciso continuar comendo. Da minha parte, não vejo utilidade

nenhuma em tal espécie de conhecimento. Prefiro aquela que eu posso empregar no meu carro ou algo assim. Trata-se antes de uma carruagem? Não. Lubrificantes, essa espécie de coisa, e a maneira como interagem, se interagem, ou como não, se não, por quê. Óleos lubrificantes derramados ao longo da costa, por exemplo, porque um funcionário da Petrobrás esqueceu de fechar a torneira, de modo que morremos todos. O tempo é certo. O ritmo infinito da água se lavando. Não, infinito não. Eterno. Soa pior. Tentar de novo.

O meu caráter, vou falar sobre ele. Vou revelar informações. Atenção. Ele é negro como um rapper negro e ladrão como um rapper negro e pobre e ladrão, mas honesto, na medida do possível, isto é, dentro das suas possibilidades. Em dias ruins ele é branco e não tem sobrancelhas, como um psicopata alemão branco sem sobrancelhas. Os alemães não são mais os mesmos. Mas os negros continuam negros. Um ponto a explorar. Os judeus continuam judeus também, e os pobres continuam pobres. E eu, eu continuo eu, não importa o que eu faça ou diga sou sempre o mesmo, já tentei inventar essas coisas e outras, mas no fim é claro que eu volto a ser eu mesmo, então dizer para quê. Eu vou repensar a minha vida, mudar a minha cabeça, reavaliar os meus valores, reordenar os episódios, no fim eu vou continuar sendo eu mesmo, e a lula a lula, e a lua olhando. No fim eu digo a lua olhando odiosa e eu negro e a lula dependurada mas no fim tudo diferente. Eu eu mesmo no entanto, e a lula a lula, a lua e tudo o mais. Mas isso não faz sentido. Perdão. Estive desenhando essas coisas para que você entenda melhor. Fiz um círculo e, bem, uma linha que atravessa ele, é pena não poder mostrar aqui, mais ou menos assim:



, e depois fui passear, cuja mera menção me traz presságios. Pensei que García-Marquez estava morto, pois ouvira algo nesse sentido aquela manhã. Era uma manhã de julho de 2034, estávamos todos chapados de ozônio daquelas latinhas que você compra na farmácia, e eu nem sequer sabia quem era o tal, depois fui pesquisar. Pensei que, se era certo que os alemães não eram mais os mesmos, então era certo que os judeus e os negros, por sua vez, continuavam o sendo, digo os mesmos, na medida do possível, de modo que os opressores podiam ter mudado sem que os oprimidos fizessem grande distinção entre uns e outros, pelo que me espantei, pois, se continuavam se fodendo, por que se submetiam a foder-se pelas mãos de outras pessoas apenas levemente semelhantes às primeiras, na verdade disfarçadas das primeiras, gravatas e tudo, mas uma ou duas gerações depois – os netos e os bisnetos deles, deteriorados pelo tempo, tornando-se maiores e proporcionalmente mais estúpidos? Era culpa dos oprimidos, certamente. Então fui e comi um pedaço de cavalo temperado com basilicão passado e arnica, meu sanduíche favorito, à venda por menos de um dólar na lanchonete que eu costumo freqüentar com os meus amigos e amigas. Ela se situa entre uma borracharia e uma loja especializada em compra e venda de cabelo, sendo possível trocar um maço de dez centímetros de fios castanho-claros por um milk-shake de morango ou de chocolate, preço que se reduz a cinco centímetros em se tratando de cabelos loiros. Não se aceitam fios pichacos, tampouco aqueles grossos típicos de japoneses, embora nem sempre seja possível determinar a pureza dos maços castanho-escuros, freqüentemente engrossados por uma variedade de fios de crina de cavalo. Os meus amigos, que são negros, e amigas, que são negras, têm desconto por isso, e nada mais. Mas eles não passam fome.

Roberto Zimmerman não é diferente. Branco, magro, de cabelos encaracolados armados como um grande capacete, ele espera por mim sob a marquise da FNAC da Champs-Élysées. Prometi lhe trazer por volta desse horário a encomenda sem a qual ele não

conseguirá passar o fim de semana. Ele usa óculos escuros, calças de couro, leva um pé de coelho no bolso, para ajudar a sorte, e anda em círculos ao redor de um hidrante vermelho aparentemente pensado para um mundo em duas dimensões, pois desaparece, quando visto sob certo ângulo, e depois reaparece, e desaparece, e assim sucessivamente.

A noite é fresca. Os parisienses vão para casa depois de mais um dia de croissants e xenofobia, com ares de não fazer senão passear o dia todo, aliás como sempre. Atravessados de vez em quando por carros com placas da Argélia, os motoristas buzina, fazem cara feia, mandam os estrangeiros pra puta que os pariu; mas calam a boca de repente, como se lembrados de sua insignificância como nação isolada no atual cenário econômico mundial.

Roberto aproveita aqui uma condição outrora dolorosa de sua existência: ser judeu, judeu verdadeiro, em Paris, significa ser respeitado, ou pelo menos tratado com uma tolerância que tem toda a aparência de respeito. O nome consagrado pelas massas, os olhos azuis, o nariz adunco naturalmente perfilado, tudo isso emoldurado por sobrancelhas acusadoras da casta a que pertence: circunstâncias que confluíam para fazer dele o filho predileto do pai de Tristram, da família Shandy, não fosse o tempo e sua capacidade de lavar da face da terra qualquer idéia imbuída do menor sopro de excentricidade, bem como os homens que as pensaram, suas vidas, suas biografias, suas opiniões... e todo o resto que foi seu. Arqueólogo de profissão, ele vem estudando, coisa de dois ou três semestres até agora, fósseis de *Homo Sapiens* encontrados por seu chefe, o Sr. Q., que neles tropeçou enquanto procurava por latinhas no deserto para vender ao Ministério do Lixo. O quanto ele tem aprendido – as induções e deduções convergindo ou divergindo para ou do crânio três vezes menor que o do *Homo Maiusculus*, a pureza dos materiais relativamente isentos de hormônios, e a brancura! –, essas coisas de deixar a gente cético a respeito da vida que leva em face de um passado não-vivido irretocável, irrevogável e, tudo somado, bem morto –, isso tudo é da ordem das coisas inexprimíveis, uma vez que a linguagem oral se deteriorou daqui

para lá a ponto de não se poder mais nem saber qualquer coisa que seja a partir de quando se sabe a primeira e aprender as outras é questão de ouvir.

Eu apareço, vultoso de onde ele me vê, sob um Arco do Triunfo metálico, iluminado pelas costas, paquidérmico até, tentando encontrar alguma coisa no bolso fundo demais da minha calça risca-de-giz de brechó. À força de me alimentar de carne sintética, fiquei corpulento, meus movimentos pesados, minhas mãos atarracadas, o cérebro do tamanho de uma castanha, isso tudo sem falar na mais absoluta incapacidade de distinguir uma coisa da outra quando o momento de distinguir é chegado ou no mínimo previsível no futuro próximo.

A fachada da loja brilha com algumas das últimas lâmpadas incandescentes a banhar de luz o solo europeu. O resto é branco, branco e vermelho, com intermitências de azul. Roberto fuma um cigarro de palha atrás do outro, seus traços amarelados, sob o intervalo entre o F e o N do letreiro. Ao parar ao seu lado, ele me olha e pula em cima, me estreita contra o peito gritando, sinal de afeição ou de histeria, vai saber. O mais certo é que não fala com ninguém e não toma banho há pelo menos uma semana. Depreendo-o do cheiro acre, da sua incapacidade de encadear mais que três palavras por expiração.

Entreguei-lhe o blu-ray em silêncio e fui embora.

Cheguei em casa sonolento, abatido da viagem, pensando apenas em tirar as abotoaduras, a gravata, os sapatos, o paletó, a camisa, a calça, os cintos, as meias, a cueca e por fim o chapéu, meu querido chapéu!, e tomar um banho, lavar bem o cabelo que não tenho, os pés que me fogem, esfregar os olhos com sabão, e depois me secar, inclusive a ele, o cabelo, secá-lo com carinho, e botar todas as roupas de novo para sair outra vez, inclusive o chapéu, meu querido chapéu!, pois então já seria hora de ter almoçado e voltado ao escritório há quinze minutos, embora não saiba nem faça questão de saber onde ele fique, cumprimentado o meu chefe, embora não tenha mãos, e dito e feito coisas suficientes para me dar por satisfeito e voltar para casa com a mesma velha vontade de tirar as abotoaduras, a

gravata, os sapatos, o paletó, os suspensórios, a calça e a camisa, depois o chapéu, meu querido chapéu!, e por fim as meias e as cuecas, para então poder tomar um banho e me deitar e acordar quando já deveria estar no escritório há meia hora. O motorista estará lá embaixo, motor pronto, eu entrarei no carro, direi bom dia, sem resposta, lerei o jornal, o meu jornal, procurando pelo meu nome, eu sou famoso e apareço no jornal, mas antes de encontrá-lo (pois ele certamente estará lá em algum lugar) terei chegado ao escritório apenas uma hora atrasado. Entrarei pé ante pé colocando o crachá e tomarei o elevador depois de ter passado pela catraca há pelo menos quinze minutos para chegar ao quinto andar, onde cinco pessoas estarão trabalhando, outras cinco atrasadas, dez ao todo, e cinco funcionários aposentados conversando com elas. Ao fundo da sala avistarei o topo de cinco cabeças. O corpo estará escondido por tapumes ostentando em estilo ocidental cenas bucólicas do cotidiano de um vilarejo milenar japonês, mas se tratará, efetivamente, do topo de cinco cabeças, isso eu posso dizer, pois as reconhecerei, digo, aos seus donos delas. Uma delas diz respeito à Lavínia, ao que sobrou, depreenderei dos cabelos loiros, do boné, do laço de fita, dos cabelos loiros, bem como etc. Lavínia, que nem cabeça tinha, ali representada pelo seu mero topo. Seguida do topo da cabeça da lula, sempre ela. Que dispensa comentários. Às outras, aos outros topos, reconhecê-los-ei como pertencentes a personagens da minha infância há muito soterrada por sucessivas camadas de memórias pegajosas como um jingle. Aí então cinco horas terão se passado em contemplação do topo das cabeças e eu irei para casa, cansado como sempre, é claro, porém me sentindo satisfeito por ter sobrevivido a mais um dia de trabalho hercúleo.

No caminho o helicóptero explodirá, eu morrerei, acordarei no mar, cansado, entediado, com o senhor e o cachorro no colo, jogando xadrez, enquanto meus pés roçam o ponto mais fundo do Pacífico com suas plantas calejadas e vontade de fugir. Um caminhão de lixo nos transportará até o ponto mais próximo da Itália. Sentindo-me como uma ilha, mais ou menos como uma ilha, carregarei o senhor, o cachorro, a criança e o peixe, que vai dentro de

um aquário junto a um aparelho de ar-condicionado de tamanho industrial, através de bosques sombrios onde o Capitalismo espreita por entre notas de moedas do mundo inteiro, do agora e d'antanho, inclusive aquelas retiradas de circulação pela Rainha após o episódio de histeria coletiva em que 90% dos seus súditos afirmaram em uníssono ter visto o diabo escondido em meio a seus vultosos cachos.

Acreditando ter chegado a Sorrento, estarei na verdade em Praga, sabe-se lá devido a que passo desatento dado no sentido errado. Lá visitarei Kafka, Franz Kafka, o agente secreto da embaixada chilena, que me mostrará os originais inacabados de romances que ele contratou um empregadinho russo para escrever em alemão sofrível, um russo confiável contudo, coisa rara nos tempos da Guerra Fria. O plano é fazer parecer que foi ele quem escreveu tudo aquilo quando a Gestapo chegar, pois ele é ou finge ser judeu ou negro, indistintamente. Plano consistente, julgo-o bom, bom o bastante, e, com o fim de alcançar aquele estado de espírito sublime que neste mundo convencionou-se chamar justiça!,

Subscrevo-me,

Att.,

(Isso tudo poderia ser verdade se a minha cabeça não fosse um balão. Começou há dois anos – um inchaço, uma vermelhidão, – cumulando recentemente em seu estágio final, um balão de caotchouc muito fixo pelos tendões do pescoço que me saem feitos de carne dos ombros encurvados. O temor de explodir ao sair para um passeio, durante ele, enquanto compro o leite com que pareço estar cheio, ou o gás hélio de uma concessionária automotiva daqui de perto, é mais do que suficiente para me fazer tirar as roupas e me jogar no sofá da sala, costas muito retas, procurando manter o balão nunca cheio demais, nunca vazio demais por meio de uma respiração regular – conquanto, imperioso admitir, um pouco neurótica. Os meus ouvidos não ouvem, os meus olhos não sentem, a minha boca não fala nem prova, e os

meus cabelos, reduzidos a uma peruca de fios sintéticos, reluzem ao menor traço de luz ameaçando inundar o apartamento.

Ando assustado com a tecnologia. Do zero ao estágio atual em alguns milênios, é possível que ela ultrapasse a próxima barreira dentro do meu tempo de vida – a barreira dos sentidos. Comprei um aparelho que induz ao sono por meio de canções populares dos anos setenta do longínquo século XX. Mas o meu veio estragado.

Tomando leite, percebi que a mais avançada tecnologia produzida pelo homem atualmente é a teta da vaca.)

Hector Romano, Campeão Mundial de Boxe na Categoria Peso Pesado.

Hector Romano estava no berço com sua mamadeira cheia de leite achocolatado. A tevê ligada no Cadeia, o programa do Alborghetti, grande favorito entre as babás. O cereal açucarado, o sofá estampado e uma vaga noção de que a vida é longa demais, isso tudo somado a um colchão velho, tecido mofado, hora de ir para a escola. Na escola, odiava os professores e os colegas. Batia neles, assim se tornou boxeador profissional.

Hector Romano no ringue é um escândalo. Ele usa truques sujos como o infame morder a orelha e uma máscara que ninguém sabe por quê. Então os céus começam a se abrir e a banda marcial vem rolando escadas abaixo, tocando uma marchinha de carnaval muito em voga por volta de 63. A platéia não reconhece a música. No entretanto, nosso herói jogou a toalha e declarou sua aposentadoria para câmeras desligadas.

Hector Romano morre. Cinco fãs e sua mãe comparecem ao enterro. No funeral, a mãe sozinha. Chuva, céus pesados, tudo exatamente como os dias de luto deveriam ser. Entretanto todos os dias são assim. Não estou reclamando. É só uma constatação. Eu abro a cortina da sala do meu apartamento do meu prédio localizado no topo de uma montanha e vejo o espírito do boxeador defunto acenando adeus com mãos fechadas.

A guerra acabou. Hector Romano é lembrado como um herói por aqueles que se importam. O resto da população permanece inerte, como sempre. Aqueles que se importam constituem um grupo de três pessoas – Eu, Kevin Barnes, o cantor de operetas, e Pato Donald, o famoso pato mutante da Disney.

Segundo os relatos apócrifos, ele teria perecido em batalha, na noite de vinte e três de maio de mil novecentos e setenta e sete, em meio à multidão enlouquecida do World Trade Center – em batalha contra um árabe que mais tarde viria a se tornar o Presidente dos Estados Unidos, mas que, por ora, gozava do status de muçulmano entre a população local. Art Spiegelman veio a ilustrar sua história em linguagem pictórica e engraçadinha; trata-se dos três volumes da graphic novel “Obama’s Elf”, maior sucesso, tá usando muito.

A felicidade não é nenhum estado fisiológico a que eu esteja morrendo de vontade de me afiliar.

Implicar não é afirmar.

As pessoas, aonde elas vão, e quando vêm, se vêm juntas, não é de se discutir?

Quem sabe quando ou onde andaremos juntos de mãos dadas sob o sol de setembro tão bonito outra vez de modo que morremos todos alternativamente tostamos e pegamos uma corzinha como de mel do pecado essas coisas que

Ia dizer, esqueci. Esqueci de dizer que essas coisas que a gente faz fala ou anda por cima no dia tal de primavera ou segurando pelos tímpanos em azáfama desde quando será necessário saber por onde anda e com quem.

Depois comi coisas que você ela ou eu dissemos enquanto esperávamos pelo metrô. Estávamos todos felizes e a lula do lado, mirando as paredes com olhos vesgos. Entendi ser hora de lanche e pedi uma pizza, de modo que logo estávamos lá, comendo, enquanto no seu chalé meu senhor descansava de mais um dia de cansativas tramitações internas. Suas veias salientes na cabeça. Não entendi quando ele pegou o orégano e disse que gostaria de

experimentar pela primeira e última vez o *golden shower*. Depois do que fomos para a cozinha e cozinhamos os legumes, todos eles, numa panela que era uma chapa em que se grelhavam mormente pedaços quilométricos de alcatra.

Quando o porteiro entrou, isso depois de tudo, digo antes, não nos depararíamos com coisa alguma semelhante nem aqui nem em lugar nenhum.

Não há cura para o amor. Eu me preocupo com a minha lula.

Não há cura, senão para tudo.